



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

JADEANE MATOS DO NASCIMENTO LUIZ

O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE RAVENSBRÜCK:
Um olhar a partir das autobiografias de mulheres sobreviventes do Regime Nazista

SEROPÉDICA
2026





JADEANE MATOS DO NASCIMENTO LUIZ

O CAMPO DE CONCENTRAÇÃO DE RAVENSBRÜCK:
Um olhar a partir das autobiografias de mulheres
sobreviventes do Regime Nazista

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, Área de concentração: Relações de poder e Cultura.

Orientador(a): Prof. Dr. Fabio Koifman.

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L952c Luiz, Jadeane Matos do Nascimento , 2000-
 O campo de concentração de Ravensbrück: um olhar a
 partir das autobiografias de mulheres sobreviventes
 do regime nazista / Jadeane Matos do Nascimento
 Luiz. - Seropédica, 2026.
 142 f.

 Orientador: Fabio Koifman. Dissertação(Mestrado).
 -- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,
 Programa de Pós-Graduação em História, 2026.

 1. Autobiografias. 2. Mulheres. 3. Gênero. 4.
 Ravensbrück. 5. Regime nazista. I. Koifman, Fabio,
 1964-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio
 de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em História III.
 Título.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**



TERMO Nº 137 / 2026 - PPHR (12.28.01.00.00.49)

Nº do Protocolo: 23083.012071/2026-25

Seropédica-RJ, 17 de março de 2026.

Nome do(a) discente: JADEANE MATOS DO NASCIMENTO LUIZ

DISSERTAÇÃO submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRA EM HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em História - Curso de MESTRADO, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM : 13 de março de 2026

Banca Examinadora:

Dra. JANAINA MARTINS CORDEIRO, UFF Examinadora Externa à Instituição

Dr. LUIS EDMUNDO DE SOUZA MORAES, UFRRJ Examinador Interno

Dr. FABIO KOIFMAN, UFRRJ Presidente

(Assinado digitalmente em 17/03/2026 17:30)

FABIO KOIFMAN
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DepthRI (12.28.01.00.00.00.86)
Matrícula: 1775134

(Assinado digitalmente em 30/03/2026 13:59)

LUIS EDMUNDO DE SOUZA MORAES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DepthRI (12.28.01.00.00.00.86)
Matrícula: 1353338

(Assinado digitalmente em 20/03/2026 10:47)

JANAINA MARTINS CORDEIRO
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 061.575.936-01

Visualize o documento original em <https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **137**, ano: **2026**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **17/03/2026** e o código de verificação: **2d583e922d**

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por abrir os caminhos e oportunidades, além de tudo que tem sido em minha vida, permitindo que meus objetivos sejam alcançados, sonhando os meus sonhos ou me aprimorando e me direcionando para seu propósito continuamente. Ao longo desses anos de formação, em todos os momentos em que pensei em desistir, esteve comigo. Obrigada, Senhor, por ser minha companhia. Gratidão por tudo, mas principalmente por eu conseguir chegar até aqui. Sem Deus, eu nada seria e não teria trilhado nesta caminhada. Obrigada por me fazer acreditar que tudo seria possível.

Aos meus familiares e amigos, a cada um que contribuiu para minha trajetória, àqueles que me incentivaram nos momentos mais adversos, aos que viram os percalços que passei, mas, buscando forças, levantei-me e prossegui. Obrigada por cada palavra, gesto e compreensão, especialmente daqueles que estiveram mais próximos durante esse período. Ao meu pai e minha mãe, sou grata pela vida, por tudo que fizeram por mim, mesmo com as limitações, fazendo-me ver que vocês ofereceram tudo o que puderam. Aos meus irmãos, vocês todos são presentes para mim. Obrigada pelos momentos de diálogo e distração.

À minha avó e tia, sou grata pelas palavras e apoio em todos os sentidos e, acima de tudo, por não desacreditarem de mim. Ao meu avô, em memória, que não pode ver a conclusão da minha faculdade e nem do meu mestrado, mas foi o meu maior incentivador, que investiu nos meus sonhos, auxiliando e cuidando de toda a minha educação. Sem você, eu não conseguiria nada do que foi possível.

Aos meus mestres, educadores e professores, que foram essenciais em toda a minha jornada. Agradeço à minha primeira professora, que me alfabetizou e me acompanhou durante anos da minha jornada até o ensino fundamental. Também deixo registrado o agradecimento aos meus professores do ensino médio e pré-vestibular; cada ensinamento e aprendizado contribuíram para minha formação, permitiram trilhar essa jornada pelo mundo da educação, abriram portas às quais eu não teria acesso se não fosse a contribuição de cada um desses maravilhosos professores que tive. Por fim, ao curso de História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e aos seus respectivos professores, em especial ao meu orientador do trabalho de conclusão de curso, Luís Edmundo, e ao meu orientador do mestrado, Fabio Koifman. Aos queridos professores do programa de pós-graduação em História, pelo incentivo e instrução. A todos que contribuíram direta ou indiretamente para o meu processo de formação e o desenvolvimento dessa pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal

de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

À Capes pela concessão da bolsa, que viabilizou a existência desse trabalho.

Meu mais sincero agradecimento a todos os que me incentivaram, torceram por mim, aqueles que passaram pela minha vida e que conheci ao longo de toda a minha jornada, e principalmente a Deus. Muito obrigada!

*“Porque dele, e por ele, e para ele, são todas
as coisas; glória, pois, a ele eternamente.
Amém.” (Romanos 11:36, ARC).*

RESUMO

LUIZ, Jadeane Matos do Nascimento. **O campo de concentração de Ravensbrück:** um olhar a partir das autobiografias de mulheres sobreviventes do Regime Nazista. 2026, p.143. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2026.

A presente pesquisa tem como intuito a análise das autobiografias de três mulheres sobreviventes do campo de concentração feminino de Ravensbrück, sendo estas: *The Blessed Abyss*, de Maria Ferdinanda Herbermann; *Michelangelo in Ravensbrück: One Woman's War Against the Nazis*, da autoria de Karolina Lanckorońska; e *And I am afraid of my dreams*, escrito por Wanda Wiktorja Poltawska. Estas foram as mulheres que redigiram suas autobiografias a respeito da experiência de encarceramento no campo de concentração de Ravensbrück. Considerado o maior campo de concentração essencialmente feminino, esteve em pleno funcionamento ao longo do regime nazista na Alemanha, sendo inaugurado no ano de 1939, com libertação de suas internas em 1945. Este campo se distingue por suas características específicas, como as condições submetidas às suas vítimas, assim como as formas de violência perpetradas contra as mulheres. As fontes escritas pelas mulheres sobreviventes objetivam compreender que o interior do Campo de Concentração Feminino se destaca em relação às formas de exercer violência. Dentre estas, se enquadra a Violência de Gênero, praticada contra as vítimas femininas, referindo-se aos crimes específicos de gênero. Tendo como perspectiva as experiências das vítimas de Ravensbrück e as autobiografias, destaca-se, semelhantemente, a forma de escrita biográfica que contribui para precisar as vivências subjetivas no interior do campo. Denotando um relato de caráter testemunhal, o qual pode ser articulado com as demais narrativas de encarceramento dos sobreviventes do regime nazista e Holocausto. As autobiografias citadas permitem elucidar os aspectos relativos ao campo de concentração, como suas condições, a rotina, aspectos políticos e redes de sociabilidade e cooperação tecidas pelas internas.

Palavras-chave: Autobiografias; Mulheres; Ravensbrück; Violência; Campo de Concentração; Regime Nazista

ABSTRACT

LUIZ, Jadeane Matos do Nascimento. *The Ravensbrück Concentration Camp: A look through the autobiographies of women survivors of the Nazi regime*. 2026. p.143. Dissertation (Master's in History) – Institute of Human and Social Sciences, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2026.

The present research aims to analyze the autobiographies of three women survivors of the Ravensbrück women's concentration camp, namely: *The Blessed Abyss*, by Maria Ferdinanda Herbermann; *Michelangelo in Ravensbrück: One Woman's War Against the Nazis*, by Karolina Lanckorońska; and *And I am afraid of my dreams*, written by Wanda Wiktoria Poltawska. These were the women who wrote their autobiographies about the experience of incarceration in the Ravensbrück concentration camp. Considered the largest concentration camp primarily for women, it was fully operational throughout the Nazi regime in Germany, being inaugurated in 1939 and liberated in 1945. This camp is distinguished by its specific characteristics, such as the conditions imposed on its victims, as well as the forms of violence perpetrated against women. The sources written by the surviving women aim to understand that the interior of the Women's Concentration Camp stands out in relation to the ways of exercising violence. Among these, Gender Violence is included, practiced against female victims, referring to specific gender crimes. Having as a perspective the experiences of the victims of Ravensbrück and the autobiographies, the biographical writing that helps to specify the subjective experiences within the camp is similarly highlighted. Denoting a testimonial narrative, which can be articulated with the other incarceration narratives of the survivors of the Nazi regime and the Holocaust. The cited autobiographies allow for elucidating aspects related to the concentration camp, such as its conditions, routine, political aspects, and the networks of sociability and cooperation woven by the inmates.

Keywords: Autobiographies; Women; Ravensbrück; Violence; Concentration Camp; Nazi Regime

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I.....	22
CAPÍTULO I: A HISTORIOGRAFIA FEMININA: OS APARATOS DE GÊNERO E A CONSOLIDAÇÃO DAS MULHERES NA HISTÓRIA.....	23
1.1 A narrativa das mulheres na história.....	24
1.2 A categoria de gênero em perspectiva.....	28
CAPÍTULO II.....	37
CAPÍTULO II: O PAPEL DAS MULHERES NA PRODUÇÃO DE BIOGRAFIAS.....	38
2.1 O gênero autobiográfico e a escrita feminina.....	39
2.2 A escrita autobiográfica e a narrativa das mulheres nos campos de concentração.....	44
CAPÍTULO III.....	53
CAPÍTULO III: O REGIME NAZISTA E A CONSTRUÇÃO DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO FEMININO.....	54
3.1 O percurso nazista e a edificação dos campos de concentração.....	55
3.2 A História de Ravensbrück.....	59
3.3 O Cotidiano no campo feminino.....	66
3.4 As violências perpetradas contra as vítimas mulheres.....	69
3.4.1 Humilhação sexual e assédio.....	71
3.4.2 Prostituição forçada e extorsão.....	75
3.4.3 Experimentos Médicos e reprodutivos.....	80
3.4.4 Aborto e infanticídio.....	83
3.4.5 Estupro.....	85
CAPÍTULO IV.....	87
CAPÍTULO IV: AS MULHERES SOBREVIVENTES DE RAVENSBRÜCK.....	88
4.1 A autobiografia de Maria Ferdinanda Herbermann.....	89
4.2 A autobiografia de Wanda Wiktorja Poltawska.....	102
4.3 A autobiografia de Karolina Lanckorońska.....	122
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
FONTES.....	140
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	140

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se insere como prosseguimento do trabalho de conclusão de curso, monografia acadêmica apresentada para a finalização da graduação em História no ano de 2023. Ao decorrer da formação acadêmica que vivenciei, havia o ensejo de me debruçar sobre os estudos que envolviam a temática do Holocausto e Regime nazista. Em virtude da multiplicidade de possibilidades que envolvem estes temas, deu-se o aprofundamento sobre testemunhos de sobreviventes do Holocausto ou vítimas do nazismo. Ao catalogar a variedade de testemunhos e autobiografias publicadas, percebeu-se um número menor em relação às autobiografias e relatos de mulheres. Essa variante, associada à existência de um campo de concentração feminino, culminou nos primórdios da iniciativa de pesquisa.

A partir das seguintes investigações, houve o levantamento de relatos e autobiografias pertencentes a mulheres que sobreviveram ao campo de concentração feminino de Ravensbrück, o que induziu à favorabilidade do projeto durante a monografia. Pode-se verificar a existência de fontes primárias de pesquisa que possibilitaram trabalhar com o tema pretendido. Aprofundando-se em analisar duas autobiografias existentes de mulheres sobreviventes, sendo estas a de Maria Ferdinanda Herbermann e Selma Van de Perre-Velleman, a primeira intitulada *The Blessed Abyss (O Abismo Abençoado)*, e a posterior denominada *My Name Is Selma: The Remarkable Memoir of a Jewish Resistance Fighter and Ravensbruck Survivor (Meu nome é Selma: As notáveis memórias de uma combatente da resistência judaica e sobrevivente de Ravensbrück)*.

A pesquisa culminou na monografia: *Os crimes nazistas na memória: os testemunhos de mulheres sobreviventes do campo de concentração feminino de Ravensbrück*. Em que foram analisadas, a partir dos testemunhos femininos, as formas de violência e condições do campo de concentração relatadas pelas vítimas mulheres. De acordo com as autobiografias de Maria Ferdinanda Herbermann¹ e Selma Van de Perre-Velleman², o campo de concentração feminino de Ravensbrück era um local de intenso sofrimento para as vítimas mulheres, que originaram experiências brutais para as internas. Existem formas distintas de torturar e causar sofrimento às vítimas. Seus relatos demonstram as condições e a constante desumanização no interior de um campo de concentração para mulheres, desde o trabalho forçado até as

¹ HERBERMANN, Nanda. *The Blessed Abyss: Inmate# 6582 in Ravensbrück Concentration Camp for Women*. Wayne State University Press, 2000.

² PERRE, Selma Van de. *Meu nome é Selma: A extraordinária biografia de uma combatente da resistência judaica holandesa e sobrevivente do campo de concentração de Ravensbrück*. São Paulo: Editora Seoman, 2022.

violências físicas e emocionais perpetradas. A partir das fontes citadas, foi evidente o título que ganhara Ravensbrück, descrito como a capital do crime para mulheres.³

Ao desenvolver a dissertação de mestrado pretendida, advinda de uma temática desenvolvida na monografia anteriormente. No desenvolvimento das pesquisas, foi nítida a existência de uma pluralidade de fontes autobiográficas escritas por mulheres que retratavam a presente temática, do aprisionamento em campos de concentração, principalmente no campo para mulheres de Ravensbrück. Assim, um dos objetivos a ser seguido na dissertação seria o de ampliar a pesquisa e referencial, tendo como fontes primárias três autobiografias: a seguir, a de Maria Ferdinanda Herbermann, Karolina Lanckorońska e Wanda Wiktorja Poltawska, três mulheres sobreviventes que redigiram suas autobiografias a respeito da experiência de encarceramento no campo de concentração de Ravensbrück. As autobiografias escolhidas como fontes para a viabilidade da pesquisa serão *The blessed abyss* de Maria Ferdinanda Herbermann; *Michelangelo in Ravensbrück: One Woman's War Against the Nazis*, da autoria de Karolina Lanckorońska; e *And I am afraid of my dreams* escrito por Wanda Wiktorja Poltawska. Atendo-se ao campo de concentração feminino de Ravensbrück e as narrativas biográficas das três mulheres sobreviventes. A dissertação objetiva considerar os testemunhos como fontes primárias, a fim de responder à problemática de pesquisa, que consiste em analisar quais as condições e as formas de violência a que as mulheres estavam submetidas no Campo de Concentração Feminino de Ravensbrück, de acordo com as autobiografias de Maria Ferdinanda Herbermann, Karolina Lanckorońska e Wanda Wiktorja Poltawska.

O Campo de Concentração de Ravensbrück é considerado o maior Campo de Concentração a abrigar essencialmente mulheres durante o período do regime nazista na Alemanha. Esteve situado a aproximadamente 80 quilômetros ao norte de Berlim, em uma região reclusa e com belas paisagens, posicionado à margem de um lago e envolto por uma floresta. A construção do campo foi idealizada por Heinrich Himmler, um dos líderes nazistas que comandou a SS (*Schutzstaffel*), esquadrão de proteção paramilitar, e um dos principais perpetradores que atuaram no Holocausto e propagaram a ideologia nazista, Himmler foi responsável pela idealização dos campos de concentração, como o de Ravensbrück.⁴

Ao final da segunda guerra, que pôs fim ao regime nazista na Alemanha, o campo de Ravensbrück havia abrigado em torno de 132 mil mulheres⁵, oriundas de quarenta países,

³ HELM, Sarah. *Ravensbrück: a história do campo de concentração nazista para mulheres*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2022, p.831.

⁴ Ibidem, p.15.

⁵ SAIDEL, Rochelle G. *As judias do campo de concentração de Ravensbrück*. São Paulo: Edusp, 2009, p. 19.

dentre estes diversos países ocupados pela Alemanha, ao longo de cerca de seis anos de funcionamento. Além de mulheres estrangeiras, o campo abrigava mulheres judias, que não compunham um número expressivo, tendo em consideração que Ravensbrück não fora um local construído essencialmente para aprisionar as judias. As mulheres que passaram por Ravensbrück foram vítimas e prisioneiras dos horrores perpetrados no interior deste campo, contando com os mais variados tipos de violência e sofrimento, dentre estes os crimes de gênero.

O campo de Ravensbrück não era conhecido como um campo de extermínio, e sim como um local de trabalho forçado. Apesar disso, os relatos das sobreviventes de Ravensbrück apontam que o campo era um local de “extermínio lento”. Muitos crimes empreendidos naquele local e a coragem das vítimas de Ravensbrück ficaram ocultos, sendo marginalizados pela historiografia e motivo de esquecimento pela falta de registros e evidências que haviam sido destruídos.⁶

A memória das vítimas e sobreviventes do campo feminino de Ravensbrück possibilita o conhecimento acerca dos horrores vivenciados em seu interior, que por vezes foi referido como “um inferno para mulheres”.⁷ O *lager* foi operacionalizado com mulheres dissidentes de diversos países, assim como vítimas judias. Ao final de seu funcionamento, o campo totalizou a morte de milhares de mulheres. Entre as mulheres aprisionadas no *lager*, estavam algumas que faziam oposição ao regime nazista, pertencentes à religião católica, testemunhas de Jeová ou grupos comunistas. Posteriormente, com a anexação e ocupação alemã em outros países e territórios europeus, ocorreu o aprisionamento de diversas mulheres que faziam parte da resistência nos países ocupados.

O campo de Ravensbrück e a história de suas vítimas permaneceram durante um período por um total obscurantismo. Algumas razões para seu desconhecimento se justificam pelo fato de haver uma documentação escassa sobre o campo e a partilha dos territórios alemães em duas partes, oriental e ocidental, desencadeada pelo início da Guerra Fria em 1950. O campo de concentração feminino permaneceu no lado oriental da Alemanha, junto com o que se passou a denominar Cortina de Ferro, o que contribuiu para que sua história fosse repartida e o Ocidente não tivesse acesso às suas evidências.

⁶ Ibidem, p.15-25.

⁷ Ibidem, p. 29.

A influência de historiadores tradicionais, com uma orientação essencialmente masculina, por vezes, também minimizou o Campo de Ravensbrück, por ser um campo feminino e considerado um campo de trabalho forçado. O que contribuiu para que os horrores em seu interior fossem minimizados e não obtivesse notoriedade das pesquisas empreendidas após a Guerra Fria. Foi somente a partir da década de 1990 que as historiadoras feministas iniciaram suas análises e investigações sobre a história do campo de concentração feminino. As mulheres prisioneiras de Ravensbrück sofreram diversos tipos de abusos e violências, como torturas, experiências médicas e o morticínio. Expostas a condições subumanas, várias dessas mulheres pereciam em decorrência da fome, doenças ou simplesmente devido à superlotação inviável do *lager*.⁸

Abordar a memória das vítimas do campo de Ravensbrück e a experiência no interior do *lager* possibilita compreender estritamente as dimensões do regime nazista e as políticas disseminadas contra os diferentes grupos aos quais ele acometeu e ao gênero, evidenciando as vítimas femininas. O resgate da memória das vítimas femininas viabiliza a compreensão da experiência do Holocausto vivenciada pelas mulheres.

A perspectiva das mulheres sobre a *Shoah* compõe um campo ainda em estudo e desenvolvimento. Devido a um número significativo de pesquisas e à inexpressiva discussão sobre o tema, ainda é difícil compreender a experiência feminina no interior dos campos de concentração e quais as particularidades enfrentadas por essas vítimas suscitadas pelas questões de gênero.

O Holocausto, de acordo com o sociólogo Zygmunt Bauman, é um fenômeno produto de nossa modernidade. A sociedade moderna, em seu ápice de desenvolvimento, o produziu; por essa razão, não está descolado da realidade humana, foi um fato que ocorreu em uma civilização altamente desenvolvida e nesse período de inovações modernas. As tentativas de interpretar o Holocausto como um evento estritamente alemão fizeram com que ele estivesse deslocado da realidade e sua responsabilidade restringida somente aos seus idealizadores, e a sociedade toda não tivesse correlação com esse evento. O Holocausto, contudo, não é apenas uma questão relativa aos judeus, mas sim, uma questão moderna. É um problema que pertence a todos que compõem essa civilização, fruto de nossa modernidade.

⁸ SAIDEL, Rochelle G. *As judias do campo de concentração de Ravensbrück*. São Paulo: Edusp, 2009, p. 36.

O holocausto nasceu e foi executado na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura. A autocura da memória histórica que se processa na consciência da sociedade moderna é por isso mais do que uma indiferença ofensiva às vítimas do genocídio. É também um sinal de perigosa cegueira, potencialmente suicida.⁹

As tentativas de recuperação da memória desse crime e de relembrar as vítimas desse genocídio fizeram parte das iniciativas de reconstrução da memória do Holocausto que se desenvolveram na Europa e nos Estados Unidos, mais especificamente no século XX, a partir do debate sobre os eventos relacionados ao Terceiro Reich. De acordo com Huyssen, a memória é um fenômeno pertencente aos anos recentes, emergindo no século XX, possui como principal característica a tentativa de fazer um retorno, ou seja, recuperar o passado que outrora aconteceu. Esse objeto proposto pela memória contrasta com a ênfase no futuro que representou as primeiras décadas da modernidade. Huyssen considera que o foco da memória se deslocou dos futuros presentes para os passados presentes.

Um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais. Esse fenômeno caracteriza uma volta ao passado que contrasta totalmente com o privilégio dado ao futuro, que tanto caracterizou as primeiras décadas da modernidade do século XX.¹⁰

Tendo como parâmetro o Holocausto, é possível compreender que se constituiu como um evento traumático que ocasionou milhares de vítimas, que se insere em uma categoria conceituada como “Dever da Memória”. De acordo com Heymann, ela remete à ideia de que as memórias relativas ao sofrimento e opressão de um grupo possuem retratações por parte do Estado e da sociedade, referentes aos grupos detentores dessa memória. Esse “dever da memória”, portanto, se refere à obrigação existente em não esquecer os eventos passados, portando inclusive um caráter de justiça sobre esses acontecimentos.¹¹

A busca da justiça com relação ao Holocausto tem sido reivindicada a partir de um discurso memorial, que possui como intuito recordar esse fenômeno e reconhecer o papel desempenhado pelo Estado no empreendimento do regime nazista e nas violências praticadas contra as vítimas da *Shoah*. Os sobreviventes do Holocausto investem em construir uma identidade de grupo vitimado pelos nazistas, exigindo, portanto, reparações e reconhecimento das barbáries ocorridas nos campos de concentração, como um crime contra a humanidade.

⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1998, p.12.

¹⁰ HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Aeroplano, 2000, p.9.

¹¹ HEYMANN, Luciana Quillet. *Contemporânea: entre memória, história, legislação e direitos*. Direitos e cidadania: memória, política e cultura, 2007, p. 15.

As vítimas do Holocausto enfrentaram diversas dificuldades. Além do encarceramento, privação e negação de seus direitos, os sobreviventes tiveram que lidar com o trauma, a culpabilidade e a memória do genocídio. Diversas vítimas não quiseram relatar o que sofreram durante o período do Holocausto e resolveram silenciar a respeito dos fatos. Após o período, as pesquisas e estudos sobre o Holocausto foram suscitados e as vítimas puderam ter liberdade para testemunhar as atrocidades que viveram dentro dos campos de concentração.

A palavra Holocausto é proveniente originalmente de dois termos de origem grega, *Holo* e *Kaustos*, que significam, respectivamente, “todo” e “queimado”, e consta na escritura bíblica, referenciando os sacrifícios realizados para a expiação dos pecados. A origem do grego *Holokauston* se refere à tradução da palavra hebraica *olah*. De origem bíblica, a palavra *olah* possui como definição uma oferta consumida pelo fogo, aproximando seu uso estritamente ao contexto religioso. No caso do morticínio dos judeus, a palavra passou a ser utilizada para um assassinato em amplas proporções ou simplesmente destruição. No hebraico, o termo Holocausto é compreendido como *Shoah*, que significa catástrofe e tem sido preferido pela historiografia, apesar de o termo holocausto ser mais comumente utilizado.¹²

Para o filósofo Giorgio Agamben, a origem etimológica da palavra Holocausto configura seu uso como impróprio, porquanto o termo se associa à concepção de sacrifício, orientando a uma interpretação teológica que encobre a brutalidade secular e sistemática que caracteriza o genocídio.¹³ Consequentemente, ele defende a utilização do termo *Shoah*, proveniente do hebraico, que possui como significado “catástrofe” ou “destruição”.

Em contrapartida, existe a palavra *Churban*, relacionada à ideia de destruição ou ruínas, relacionada à queda do Templo de Jerusalém, podendo ser aplicada em determinados contextos para revisitar a dimensão histórica e religiosa da aniquilação. A nomenclatura Holocausto, no entanto, recebeu maior amplitude, principalmente a partir do século XX, que recebe uma conotação distinta, utilizada como referência ao extermínio em massa de cerca de

¹² DANZINGER, Leila. Shoah ou Holocausto: a aporia dos nomes. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, v. 1, n. 1, p. 50-58, 2007, p.51.

¹³ AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer, III)*. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008, p.37.

6 milhões de judeus pelo regime nazista, conhecido como uma das principais catástrofes da modernidade.¹⁴

O impacto desse crime proporcionou amplas dimensões, de forma que o Holocausto se configurou como objeto de estudo, inclusive no campo da memória e do testemunho. A memória do Holocausto se destacou como objeto de estudo e pesquisa a partir dos anos 1980 na Europa e Estados Unidos, justamente pelas questões latentes referentes ao final da Segunda Guerra Mundial e pelo amplo interesse sobre o tema. A emergência das discussões acerca do Holocausto e de sua compreensão como um fenômeno global, associando-o a outros eventos traumáticos que acometeram a sociedade, como os massacres realizados em Ruanda e Bósnia, possibilitou ao campo da memória apreender o Holocausto a partir de duas dimensões que se relacionam: Uma que compreende o Holocausto como fenômeno global e cifra do século XX, e outra que o compreende a partir de uma especificidade. Foi somente a partir da emergência de um discurso totalizante do Holocausto que a memória pode considerar suas particularidades, permitindo o acesso a outras memórias e narrativas.¹⁵

A perspectiva histórica feminina constitui-se como uma área recente da historiografia, que tem sido motivo de amplos debates. Durante um longo período, a mulher era considerada um ser invisível na sociedade. No decorrer desse processo de construção da história das mulheres e da consolidação de uma perspectiva feminista, o grupo feminino começou a ganhar espaço ao final do século XIX. Porém, foi precisamente no século XX que houve um maior interesse pelo estudo dos grupos silenciados pela História, que incluíam as mulheres. O destaque do movimento feminista na década de 1960 e as reivindicações sobre os direitos das mulheres e seu espaço foram um dos fatores que contribuíram para a mulher obter destaque e seu papel na historiografia fosse reconhecido.¹⁶

A partir dos estudos sobre a *Shoah* e o resgate à memória e narrativa das mulheres, foi possível obter informações mais precisas sobre a experiência feminina durante o contexto do Holocausto. Como os documentos e registros sobre o campo de concentração Ravensbrück haviam sido perdidos, em sua maioria, a memória das vítimas e seus testemunhos foram determinantes para analisar como era o funcionamento do Campo Ravensbrück e o cotidiano para as mulheres. O período posterior à Segunda Guerra Mundial, que marcou o final do

¹⁴ ARANTES, Sandra de Almada Mota. *Memória e Esquecimento: Uma relação indissociável nos relatos de mulheres que sobreviveram ao maior genocídio do século XX, o Holocausto*. Conexão Ci, Formiga/MG, Vol 13, nº 1, p.88.

¹⁵ HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Aeroplano, 2000, p.13.

¹⁶ *Ibidem*, p.89-90.

regime nazista e a constatação pela opinião pública de que ocorrera um genocídio, foi caracterizado pelo silenciamento. As vítimas, incluindo as mulheres, não conseguiam relatar o que foi vivenciado ou simplesmente se calavam mediante a experiência do trauma e sofrimento.¹⁷

O gênero, como uma categoria de análise, tem sido um dos objetos fundamentais para discernir as experiências femininas durante o Holocausto e compreendê-las como distintas das experiências masculinas. As narrativas femininas escritas pelas sobreviventes e as questões de gênero, aquelas relativas ao sexo de um indivíduo, eram determinantes na Alemanha nazista, de forma que as mulheres foram acometidas por certas disposições que não abrangiam os homens. O sofrimento relativo às mulheres no campo de concentração consistia na tortura, castigo físico, prostituição, estupro, abortos forçados e até mesmo a suspensão do ciclo menstrual feminino. Essas mulheres eram afetadas pelas mais distintas formas de opressão, principalmente relacionadas aos crimes de gênero. A violência de gênero foi uma das ocorrências marcantes no interior de Ravensbrück.

Os relatos narrados e escritos por vítimas e sobreviventes do Holocausto viabilizaram a extração de detalhes acerca do corpo feminino e da mulher como um objeto da violência perpetrada pelo regime nazista e empreendida no interior dos campos de concentração. Devido à disseminação desses relatos e ao aprofundamento das pesquisas sobre as temáticas femininas, foi possível constatar as brutalidades experimentadas pelas vítimas do Holocausto e a recorrente violência de gênero. A releitura e descoberta dessa memória do Holocausto a partir da perspectiva feminina fizeram com que essas vítimas, que outrora haviam sido silenciadas pelo seu sofrimento, compartilhassem suas vivências e construíssem uma identidade em comum, haja vista que essas mulheres pertenciam ao mesmo grupo.

Como Ravensbrück era um campo que abrigava especificamente mulheres, suas vítimas ficavam em condições de extrema debilidade, considerando que a violência de gênero era ainda mais acentuada.¹⁸ Os crimes de gênero impactaram a integridade física e psicológica de suas vítimas. As condições no interior de Ravensbrück eram únicas, e havia um incontável número de vítimas que passaram pelo campo; eram oriundas de diversas nacionalidades e estavam ali por razões distintas. Muitas dessas mulheres foram encarceradas no *lager* por

¹⁷ Ibidem, p.88.

¹⁸ CORREIA, Amanda Pires. *Vidas Silenciadas: Determinações de gênero em processos genocidários a partir do encontro dos genocides studies com os enfoques feministas na Teoria das Relações Internacionais*. São Paulo: UNIFESP, 2021, p.31.

fazer parte de movimentos de resistência e oposição a Hitler e seu regime. O sofrimento em Ravensbrück era tamanho, sendo referenciado como a capital do crime contra as mulheres, de acordo com Sarah Helm, se caracterizou como um local de sofrimento lento e extermínio para suas vítimas, relegadas a condições deploráveis e desumanas.¹⁹ As vítimas de Ravensbrück, contudo, lutaram pela sua sobrevivência e apoiaram suas companheiras de campo, empreendendo movimentos de resistência, que visavam erguer o moral das internas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram utilizados como fontes primárias os relatos de três sobreviventes do Campo de Concentração Feminino de Ravensbrück que redigiram suas próprias biografias sobre o período em que estiveram encarceradas no campo. A narrativa dessas mulheres permite analisar quais as condições em que elas e outras mulheres foram submetidas enquanto aprisionadas em Ravensbrück e os tipos de violência sofridas, dando destaque à violência sexual e de gênero, que corresponde a um tipo específico de crime que possui como vítima o corpo feminino. As autobiografias escritas pelas sobreviventes de Ravensbrück serviram de fundamento para a pesquisa que teve como intuito a análise da experiência das mulheres no campo de concentração feminino e os diferentes tipos de violência presentes em seus relatos. Compreendendo o que distinguia a experiência feminina durante o Holocausto e categorizando-a em crimes especificamente de gênero que acometeram exclusivamente as vítimas mulheres.

A fim de conduzir esta análise, a dissertação foi estruturada em quatro capítulos. Inicialmente, o primeiro capítulo é constituído por dois segmentos, nos quais se depreende em discutir a ausência de representação das mulheres ao longo da história, ensejando o debate sobre o papel feminino ao decorrer dos séculos. Além de resgatar a perspectiva feminina na construção e narrativa histórica, associando-a à categoria de gênero como ferramenta analítica e estrutural para compreender a experiência das mulheres.

No segundo capítulo, é destacado, do mesmo modo, a partir de duas subdivisões, o gênero de escrita autobiográfica, classificando-o como gênero literário e ponderando sua contribuição para a produção das biografias e autobiografias redigidas pelas mulheres. Sequencialmente, a narrativa histórica das mulheres nos campos de concentração durante o Holocausto é analisada, atribuindo-se a relevância da escrita para interpretar e apreender as experiências especificamente femininas durante o período.

¹⁹ HELM, Sarah. *Ravensbrück: a história do campo de concentração nazista para mulheres*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2022, p.22.

Ao longo do terceiro capítulo, dividido em três seções, o percurso nazista e a edificação dos campos foram descritos, destacando como se desenvolveu a criação dos campos e considerando a experiência das mulheres nesses locais. Tendo como parâmetro essencialmente o campo de concentração feminino de Ravensbrück, o único do regime nazista construído para abrigar mulheres. Ademais, o cotidiano das mulheres no campo, assim como as condições de vida das prisioneiras e as violências perpetradas contra as mulheres, são salientados.

O último capítulo concretiza as análises realizadas ao longo da dissertação, ao especificar, a partir de três autobiografias de mulheres sobreviventes, a experiência de encarceramento no campo de concentração feminino. Utilizando o gênero literário das autobiografias para consolidar a memória histórica dos crimes nazistas e as violências que atingiram o corpo feminino.

CAPÍTULO I

A HISTORIOGRAFIA FEMININA: OS APARATOS DE GÊNERO E A CONSOLIDAÇÃO DAS MULHERES NA HISTÓRIA

CAPÍTULO I: A HISTORIOGRAFIA FEMININA: OS APARATOS DE GÊNERO E A CONSOLIDAÇÃO DAS MULHERES NA HISTÓRIA

RESUMO

O presente capítulo pretende ater-se à narrativa feminina ao decorrer da História, assim como à inclusão da categoria de gênero, que se refere a uma das transformações de maior relevância ocorridas na historiografia. Ao decorrer dos séculos, a narrativa histórica demonstrou dominância por uma perspectiva masculina e, de mesmo modo, marginalizou as mulheres, mantendo-as à parte dessa narrativa. A partir da repercussão do movimento feminista e das demandas em prol da visibilidade das mulheres, surge, em um momento inicial, um campo de estudo denominado “História das mulheres”. Concentrando-se na recuperação de biografias, análises de rotina, maternidade e atividades das quais as mulheres estavam inseridas, demonstrando como as mulheres foram participantes ativas em processos históricos, mesmo estando relegadas em narrativas tradicionais. Dessa transformação teórica e analítica, emergiu a categoria de gênero, crucial para refletir acerca das construções sociais e culturais em torno da categoria “mulher”. O gênero, portanto, é um elemento fundamental nas relações sociais, baseado nas distinções perceptíveis entre os sexos, operando como uma maneira primária de dar sentido às relações de poder. Desse modo, o gênero se tornou uma ferramenta analítica essencial para compreender a condição feminina e as hierarquias sociais existentes. Portanto, essa perspectiva proporcionou a possibilidade de valorizar novas fontes e narrativas, incluindo documentos para interpretar as subjetividades femininas e de que forma as mulheres vivenciaram suas experiências nos diversos cenários.

Palavras-chave: História das mulheres; gênero; narrativa; subjetividades.

1.1 A narrativa das mulheres na história

Durante os séculos na história, a mulher desempenhou um papel anônimo; foi essa assertiva escrita pela renomada autora Virgínia Woolf²⁰. E, por vezes, essa designação às figuras femininas foi debatida na historiografia, com a intenção de ampliar a participação das mulheres. Esses questionamentos propostos sobre o lugar da mulher orientaram análises e reflexões mais precisas sobre as narrativas do passado perpetuadas, principalmente no que concerne aos domínios da disciplina história e seus postulados, que por longo período foram elaborados a partir de uma perspectiva parcial. Essa se trata da orientação da História Política, a qual privilegiou os relatos tidos como oficiais, por parte dos vencedores da História. Algumas problemáticas que emergem a partir disso são responder por quais razões as mulheres estiveram em posição secundária e relegadas ao silenciamento.

De acordo com Michelle Perrot²¹, o século XIX incentivou transformações para as mulheres, garantindo-lhes a possibilidade de discurso e voz nos âmbitos em que antes estavam excluídas. Essa abertura proporcionou a quebra de paradigmas e ampliou os locais de enunciação. Todavia, as zonas mudas ainda são evidentes, mesmo com o ingresso das mulheres nos locais de silêncio.²² O silenciamento foi um instrumento utilizado como forma de dominação por diversas esferas em períodos distintos, como a religião, instituições políticas e manuais de etiqueta. A dominação observada por essas entidades induz a refletir sobre aqueles que exercem domínio nesses espaços, orientando para a compreensão de que as vivências e escritas das mulheres estiveram engendradas pela dominação masculina, ocorrida comumente, que advém do passado, mas opera com características distintas no presente.

O ato de aceitar, obedecer, falar apenas quando possui vez e moldar-se representa o silenciamento, tanto da voz como de se constituir na sociedade, a partir do modo de se expressar e articular gestual ou documentalmente.²³ A dominação exercida pelos homens nos diversos aspectos e esferas da História promulgou a passividade da mulher nos contextos sociais, modelando os papéis desempenhados por elas nas camadas públicas ou particulares, como o lar, produzindo regras e delimitando seus espaços. É reiterada constantemente a parcialidade das mulheres nos espaços de poder, incluindo a História, que por vezes foi elaborada por homens. Apesar das mulheres terem vivenciado sucessivas formas de opressão

²⁰ WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p.59.

²¹ Historiadora francesa e professora emérita na Universidade Paris VII. Michelle Perrot é um dos grandes nomes ao tratar da temática da História das mulheres.

²² PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da História*. São Paulo: EDUSC, 2005, p.9.

²³ Ibidem, p.10

e dominação, isso não foi suficiente para construir a narrativa delas, por mais que representassem a realidade da condição de ser mulher. Isso é explicado pelo fato de que a história se caracteriza como essencialmente universal, da perspectiva do pensamento científico, estritamente produzido por homens brancos e que engloba a elite intelectual.

De acordo com o filósofo Pierre Bourdieu, existe uma dominação masculina exercida de forma simbólica e velada, quase insensível àqueles que a suportam.²⁴ Assim, ela se caracteriza por meio das estruturas simbólicas de comunicação e conhecimento. Isso significa dizer que os discursos que remeteram à sujeição às mulheres, por parte dos homens, foram consolidados e naturalizados socialmente. Porquanto, é nítida a existência de um aparato de aspectos como sexo, classe e raça que influem no estabelecimento de determinados saberes, os quais explicitam os sujeitos que produzem ou não as narrativas históricas. No entanto, existem os contrapoderes dessa relação, que tentavam constantemente reivindicar os espaços femininos na sociedade e superar as opressões oriundas dessa dominação.

Nessa esteira de análise, é perceptível que, para elaborar uma definição acerca da História das mulheres, deve-se vinculá-la à reescrita de uma história pela perspectiva feminina. Revisitando o modo como essa categoria foi e incutiu-se na história, além dos debates ocorridos para articular essa análise nos âmbitos que produzem conhecimento. O campo da História das mulheres tem sua consolidação a partir da orientação acerca dos estudos sobre as mulheres, que visam resgatar seu papel a partir da escrita de seu passado; desse modo, se opõe a uma história com orientação masculina. Considerando que, ao longo dos séculos, a mulher foi um sujeito silenciado no campo historiográfico.

A terminologia “História das mulheres” se trata de um conceito empreendido por historiadoras, com o intuito de reavaliar a história a partir de pesquisas que possibilitam a emergência de temáticas. Assim como orientam críticas aos princípios e análises da pesquisa científica desempenhada anteriormente, fazendo com que haja não somente uma história com participação feminina, mas que se emerja uma Nova História.²⁵ O fato de os historiadores sociais interpretarem esse movimento encabeçado pelas mulheres como homogêneo contribuiu para o fortalecimento de uma identidade coletiva, ganhando força a oposição entre homens e mulheres, o que incentivou a ênfase histórica e política dessa mobilização.

A iminência de uma História das mulheres advém de dois movimentos específicos, que atuam em conjunto, como a iniciativa das historiadoras mulheres com a escrita da

²⁴ Bourdieu, Pierre. *A dominação masculina*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p.2.

²⁵ SOIHET, Rachel. *História, Mulheres, Gênero: Contribuições para um Debate* In: AGUIAR, Neuma (org.) *Gênero e Ciências Humanas - desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p.96.

história, incluindo a ascendência do movimento feminista nos anos 1960. Apesar das demandas distintas por parte de ambos os movimentos, cabe ressaltar que existem associações conceituais sobre o feminismo e a história das mulheres. Posto que se constituíram como mobilizações relacionais no que concerne aos debates construídos em torno dessa questão, além das ideias concomitantes sobre as mulheres em seu papel de sujeitos na História, noção proveniente do feminismo.

A inauguração do campo de estudo da História das mulheres deve ser observada a partir de dois parâmetros, um destes a segunda onda do movimento feminista em 1960 e o surgimento da Nova História em 1978, corrente historiográfica que surge como resultado do movimento da *Escola dos Annales*. A Nova História surge como um termo inaugurado pelos membros historiadores do grupo conhecido como *Escola dos Annales*, a partir do desenvolvimento de novas propostas teóricas e metodológicas. Essa nova tendência foi englobada na historiografia com o intuito de promover um modo singular de fazer História.²⁶ Para Le Goff, os historiadores originários dessa corrente visam reformular uma história do poder, repensando as camadas que o envolvem, não somente as de origem política, mas acerca de uma vertente que considere os aspectos simbólico e imaginário.²⁷ Com a pretensão de que essa terceira geração da *Escola dos Annales* fosse estruturada a partir da interdisciplinaridade com os demais campos de pesquisa, propondo a abertura de novas metodologias originárias da antropologia, sociologia e psicologia, ampliando as fontes de estudos e os objetos passíveis de pesquisa.

Posto isso, vê-se que o desenvolvimento dessa nova abordagem histórica promove a inserção de novas perspectivas e domínios históricos, desenvolvendo vertentes como a História social, História das Mentalidades e História Cultural. Possibilitando que os sujeitos outrora marginalizados da história pudessem ser vistos como relevantes e seus discursos validados, portanto, a pluralidade dessa abordagem, que adotou novos objetos de pesquisa, encerrou as mulheres como detentoras da historicidade. Essas mudanças promovidas pela historiografia, em correlação com o advento do feminismo, ainda na década de 1960, cederam às mulheres condições e possibilidades de serem fontes e sujeitos dos estudos elaborados pela História. Assim, é assinalado o surgimento da História das Mulheres.²⁸

²⁶ BURKE, Peter. A Escola dos Annales (1929-1989): *A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Ed. UNESP, 1997, p.11.

²⁷ LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. In: LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p.8.

²⁸ SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. *A emergência da pesquisa da História das mulheres e das Relações de Gênero*. In: Revista Brasileira de História. São Paulo, v.27, nº54, 2007, p.286.

Seguindo esse movimento, a segunda onda do feminismo é formulada em continuidade à primeira onda, em que pode ser perceptível a luta contínua das mulheres por seu próprio espaço e garantia de direitos. No entanto, apesar do requerimento de seus direitos políticos, a igualdade entre os sexos passava a ser uma pauta crucial, com o intuito de promover direitos iguais aos homens e mulheres, nas esferas públicas e privadas. O questionamento acerca da divisão dos papéis sociais e específicos dos sexos distintos era recorrente, de modo que o feminismo inseriu-se em refletir sobre os motivos que levaram à desigualdade entre os sexos nas múltiplas esferas.²⁹

Dentro desse contexto, foi designada uma questão política em torno dessas diferenças entre os sexos, de modo que as mulheres reconheçam esse fato como uma opressão sofrida. Durante esse período, o surgimento de um emblema relevante para o feminismo, denominado “o pessoal é político”, orientou o feminismo a incorporar um caráter que excedia os movimentos políticos, sociais e culturais, contraindo uma perspectiva teórica capaz de adentrar a academia com a produção de pesquisas. Essa teorização do movimento permitiu que as mulheres fossem fontes de estudos para disciplinas e áreas de conhecimento, como o campo das ciências humanas. A articulação da academia com os estudos feministas impactou semelhantemente a inserção das mulheres nos centros universitários, que foi uma das reivindicações do movimento feminista. A partir desse momento, foi compreendido um aumento em relação à produção acadêmica sobre a história das mulheres e consolidação de seu campo de estudos.

O contributo das mulheres na universidade incentivou as pesquisas que envolvem a área da história das mulheres e, conseqüentemente, das relações de gênero. Por conseguinte, a inclusão das mulheres na disciplina História caracterizou a definição dessa história das mulheres, possibilitando às mulheres se constituírem como produtoras de conhecimento e parâmetros de estudo. Desse modo, a história das mulheres passou a ser escrita pelas próprias.³⁰

De acordo com as historiadoras Joana Maria Pedro e Rachel Soihet,³¹ abordar a temática das mulheres na História seria uma forma de reparação da exclusão a qual as mulheres foram submetidas. Além do fato de que investigar os vestígios de sua presença nos campos que outrora eram de dominância masculina se constitui como um trabalho árduo. No

²⁹ MARTINS, Ana Paula Antunes. *O sujeito “nas ondas” do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade*. Revista *Café com Sociologia*. Vol.4, Nº 1, 2015, p.234.

³⁰ SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da História das mulheres e das relações de Gênero. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.27, Nº54, 2007, p.282.

³¹ *Ibidem*, p.282.

entanto, refletir sobre a categoria das mulheres não designa somente uma histórica reparação; contudo, produz o sentido de conceder legitimidade a essa produção a partir da consolidação de novos campos de estudos, como o da História das mulheres e relações de gênero.

1.2 A categoria de gênero em perspectiva

Em consonância com o desenvolvimento da presente pesquisa e o breve exposto, faz-se necessário, para trabalhar a temática das autobiografias escritas por mulheres e as experiências específicas no campo de concentração de Ravensbrück, orientar um debate acerca do gênero como um dos vieses analíticos da pesquisa. Considerando que o trabalho opera com três autobiografias redigidas por mulheres, a categoria de gênero é indispensável para os arranjos da dissertação.

Conforme exposto, a segunda onda do movimento feminista, com início na década de 1960, juntamente com o surgimento de uma vertente promovida pela *Escola dos Annales*, denominada Nova História, orientou os pesquisadores no reconhecimento das mulheres como objeto de estudos. Especialmente na área das Humanidades e Ciências Sociais. Entretanto, na década de 1980, fez emergir uma nova esteira analítica, a partir de uma ferramenta de estudo denominada Gênero. Este novo objeto analítico, que esteve associado à História, iniciou um processo de discussões e aprofundamento no período de 1986, em que era lançado o artigo da historiadora Joan Scott.³²

A partir da efervescência produzida pelo escrito dessa autora, surgem os debates acerca da continuidade ou descontinuidade entre o campo da História das mulheres em contraste com a lente de estudos de gênero. Ambos, para Scott, não devem ser tidos como um campo monolítico, porém, devem atuar em associação, já que ambas as vertentes são passíveis de análise conjunta. Visto que o âmbito da história das mulheres visa reconstruir o passado feminino, assim, a perspectiva de gênero pode avaliar como, nesse passado, estavam dispostas às hierarquias propostas pelo patriarcado. Portanto, a ótica proposta pela categoria de gênero incide no aperfeiçoamento da apreensão de uma narrativa histórica que abrange pesquisas centradas na relação entre homens e mulheres, assim como na relação dos homens com outros homens e das mulheres consigo mesmas. Essa ênfase problematiza os

³² Scott, Joan. *Gênero: Uma categoria útil de análise histórica*. *Educação e Realidade*, v. 15, n. 2, p.71-97, jul./dez., 1995, p.2.

Historiadora estadunidense que, desde a década de 1980, se tornou referência em pesquisas relacionadas à História das mulheres, considerando a categoria de gênero.

acontecimentos do passado que atuaram como agentes da distinção de gênero, perpetuando uma forma de violência simbólica.

O conceito de gênero é compreendido como alvo de desdobramentos e discussões, sendo assim, ainda em construção, pelas perspectivas teóricas e políticas. Inicialmente, os estudos de gênero eram referidos como centrados nas relações entre masculino e feminino por parte do âmbito das ciências humanas. Induzindo as discussões e interesses analíticos acerca dos papéis femininos existentes na história. Logo, a definição comumente utilizada de gênero considera-o uma categoria relacional, debruçando-se em apreender as relações entre homens e mulheres no decorrer da história, considerando épocas, culturas e sociedades distintas, a fim de delimitar como tais relações se sucederam.³³

É necessário ressaltar que as distinções nas relações de gênero ao longo dos períodos históricos se orientam pela construção de identidades bem tecidas e demarcadas, que possuem como base principal as características biológicas de mulheres e homens. Essas diferenças se acentuaram, culminando até mesmo nas posições que os gêneros ocupavam nas sociedades e culturas. Outrossim, é a lente de gênero que auxilia na interpretação da história e discorre acerca da percepção de relações de poder existentes entre os sexos.

Os pesquisadores de referência que utilizam a categoria de gênero evidenciam duas questões para a sua análise: o elemento biológico referente às características fenotípicas que determinam o sexo de um indivíduo e os tecidos sociais e culturais, que estipulam a formação da identidade de gênero. Por conseguinte, é tangível que a gênese masculina ou feminina não seja deliberada pelas características relativas à biologia. Devem-se considerar as demarcações e construções sociais em torno do gênero, que influem para que homens e mulheres sejam educados e socializados distintamente. A própria sociedade engendrou e predeterminou os papéis sociais e as relações entre os gêneros.³⁴

Considerando a perspectiva histórica, o conceito de gênero é inaugurado como divergente de uma noção existente que evidencia os sexos como distintos, em que predominam os aspectos biológicos portadores dessa diferenciação, intensificando a dominação do sujeito masculino universal. A categoria de gênero, portanto, é relevante para explicitar que as distinções não devem ser apreendidas somente por meio do caráter biológico; faz-se necessário considerar os aspectos internos às sociedades e culturas, excetuando a

³³ SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. São Paulo: Contexto, 2005, p.166.

³⁴ *Ibidem*, p.166.

natureza como o elemento principal a demarcar e dar sentido às relações de poder na sociedade.

As bases analíticas da categoria de gênero se interseccionam com a história do movimento feminista, no decorrer das décadas de 1960 e 1970. Ao longo da trajetória de reivindicações do movimento feminista, fez sentido em certo momento compilar uma história das mulheres, algo que evidenciaria o ativismo das mulheres no decorrer da história. A relevância e resistência de seus papéis, além de explicar as formas de dominação que subjugarão mulheres na passagem dos séculos. A construção desse passado era essencial para o momento presente, como iniciativa política. Sendo essencial para desvelar o silenciamento existente no decorrer da história, que privilegiava os homens em detrimento das mulheres e originava uma historiografia escrita pelo sujeito universal masculino, como portador da voz e razão. Reconhecer essa história conferiu às mulheres legitimidades e direitos, delimitando o ato político como ato da intelectualidade.

Essa quebra de paradigmas ocasionou uma polarização, na qual as mulheres feministas e intelectuais construíram uma “história das mulheres”, em oposição à “história dos homens”. Foi essa conjuntura que incentivou, na década de 1980, o desenvolvimento da categoria de gênero. O termo se deslocava, em partes, da história de luta feminista e surge como um conceito de neutralidade.

Portanto, faz-se necessário debruçar-se sobre os estudos que abarcam a categoria de gênero em paralelo à história das mulheres. Sendo assim, o presente trabalho utiliza-se de três autobiografias escritas por mulheres sobreviventes, que, com suas singularidades, retratam de variadas formas experiências relativas a um campo de concentração específico para o gênero feminino. É relevante para a pesquisa articular as identidades pertencentes a essas mulheres e não somente compreendê-las como um bloco homogêneo, visto que a categoria de gênero deve ser diversificada e tratar as diferenciações que existem entre os grupos e identidades femininas. Apesar de as opressões de gênero serem relevantes, principalmente se tratando de mulheres, deve-se associá-las com outras formas de opressão. No caso dos campos de concentração, considerar as distinções entre mulheres judias, *romani* e dissidentes políticas estrangeiras acentua as particularidades de cada uma, bem como retrata o papel social desempenhado.

Por conseguinte, é crucial atentar-se às questões referentes à violência de gênero e dominação imposta às mulheres, compreendendo que estas discriminações se baseiam especificamente no gênero e são retroalimentadas pelo aparato social imposto às mulheres e pelos papéis construídos ao longo dos séculos. Desse modo, as determinações de gênero são

forçadas às mulheres, que acabam por adquirir estas prescrições a partir da institucionalidade social.

Repensar a categoria de gênero orienta para a diversa produção intelectual e bibliográfica, na qual essa temática se articula. O uso da categoria de gênero tem desempenhado análises nos mais diversos âmbitos, incluindo a História, apontando a necessidade de reflexão acerca do tema. Gênero é um termo comumente utilizado, de acordo com o seu significado original, oriundo do sentido gramatical, para expressar as distinções entre os diferentes sexos, similarmente, caracterizando diferenças específicas entre homens e mulheres. Com efeito, ocorreu uma mudança de paradigma no tocante ao gênero, distanciando-se do caráter biologizante que discerne o gênero como dado estável, inaugurando, desse modo, uma nova esfera de interpretação a partir da perspectiva feminista, atribuindo-lhe um caráter sócio cultural.

A partir do advento de teorias feministas, o gênero foi denotado para organizar socialmente as relações entre os sexos. No entanto, posteriormente, o gênero se transmuta em modo de ver o caráter socialmente construído dessas relações, que corroboram para instaurar espaços e papéis a cada sexo. O ato de refletir sobre a categoria de gênero como relacional orientou as análises e estudos específicos sobre a temática das mulheres, consideradas centro das pesquisas desenvolvidas. Apesar disso, fazia-se necessário considerar, por outro lado, as relações de gênero internas a esta categoria, demonstrando a coligação das mulheres relacionadas aos homens, a fim de estipular a sua associação.

A discussão em torno da temática de gênero, que data de 1949, a partir da obra desenvolvida por Simone de Beauvoir, *O segundo sexo*. Com grande influência do movimento existencialista, caracteriza uma das obras fundadoras do feminismo, em que trata acerca da dominação e subordinação da mulher, na qual denuncia a subordinação imposta à condição feminina. Beauvoir discursou na obra a frase “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”³⁵, que serviu para desconstruir as normas de gênero impostas, nas quais o corpo feminino está desprovido das influências do gênero. O livro de Beauvoir provocou efervescência nas discussões do termo; no entanto, a assertiva do gênero como campo de estudos ou categoria haveria surgido posteriormente. Apesar disso, a obra promulgou um debate inicial nesses estudos.

O conceito de gênero possui um histórico que antecede os requerimentos e influências do movimento feminista, remontando em sua gênese a Robert Stoller, que redigiu *Sex and*

³⁵ BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: A experiência vivida*, vol. 2, 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016, p.11.

gender, inaugurando o termo com o intuito de propor uma distinção à palavra sexo, referente ao corpo biológico dos indivíduos.³⁶ Stoller descreve um estudo sobre a identidade atribuída ao gênero, o qual distingue os aspectos naturais e culturais que o influenciam. Enquanto gênero possui um vínculo com a cultura, sendo influenciado pelas construções e aprendizados adquiridos ao decorrer da vida, o sexo se associa ao aparato biológico, no qual é considerado o determinante físico do ser. A classificação recebida pelo dado biológico que condiciona o ser na binariedade homem e mulher institui que não somente o corpo determina o gênero; todavia, os aparatos culturais o condicionam, os mesmos podendo ser variáveis a depender do período ou instante histórico vivenciado. O significado de ser mulher em determinada sociedade ou espaço temporal pode se modificar a partir dos diferentes contextos. Para Stoller, portanto, as características físicas ou genitais de um indivíduo não identificam o sexo, mas ilustram a identidade de gênero.

Atendo-se aos escritos de Gayle Rubin, em *O tráfico de mulheres* de 1975,³⁷ ensaio de grande notoriedade que auxiliou na instauração dos estudos de gênero. A antropóloga utiliza o conceito de gênero a fim de destacar a opressão de homens homossexuais, assim como mulheres homossexuais e heterossexuais. Referindo-se ao conceito elaborado por Claude Lévi-Strauss, antropólogo que se debruçou sobre os estudos de sociedades formadas a partir de relações de parentesco na região da Nova Guiné, em que articula que o sistema das relações de parentesco reside no que ele denomina como troca de mulheres. Rubin, portanto, reivindica a noção de gênero associada a uma divisão sexual socialmente imposta, a qual é o produto dos vínculos sociais baseados na sexualidade. Gênero, portanto, é desvinculado da definição atribuída pelo sistema do sexo, que, com efeito, induz o anseio sexual para o sexo oposto.

Mediante o conceito proposto, a opressão feminina, para Rubin, seria referente à sistematização social e não teria influência da biologia. Operando com a ideia das relações de parentesco, ela compreende que essa estrutura é um instrumento de poder, no qual a troca de mulheres denota uma teia de relações que expressam a organização de parentescos. Dentro desse sistema, são os homens que concebem os vínculos sociais criados. Para tanto, a troca de mulheres designa que a sociedade de parentesco analisada por Strauss não concede direitos às mulheres, e isso orienta para a manutenção do seguinte sistema. Portanto, a sexualidade relativa às mulheres não lhes pertence; os seus anseios se referem aos desejos dos demais que

³⁶ STOLLER, Robert J. *Sex and gender*. New York: Science House, 1968, p.86.

³⁷ RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres*: notas sobre a “economia política” do sexo. Recife: SOS Corpo, 1993.

as subjugam. A estrutura social do sexo é dependente do gênero, heterossexualidade forçada e coação às mulheres.

Gayle Rubin determina que o sistema atribuído socialmente ao sexo e gênero é equivalente aos arranjos apropriados pela sociedade que modificam a sexualidade biológica em uma construção humana. A definição proposta pela autora dialoga com a dualidade sexo e gênero, além dos aspectos relativos à natureza e cultura, e, por fim, teoriza acerca da opressão regida por esse sistema.

A produção de Rubin reverberou no campo de estudos de gênero, de modo que, ao decorrer dos anos 1980, pesquisas acadêmicas de orientação feminista se utilizavam do conceito de gênero proposto. O conceito versava em variados trabalhos, que consideravam como as noções e categorias impostas aos homens e mulheres, partindo dos preceitos de masculinidade e feminilidade, estavam associados a determinados contextos históricos ou culturais.

Mas a idéia de que homens e mulheres são duas categorias mutuamente excludentes deve ter origem em algo que não uma oposição “natural”, que na verdade não existe. Longe de ser uma expressão de diferenças naturais, a identidade de gênero exclusiva é a supressão das semelhanças naturais. Ela exige repressão: no homem, de qualquer versão de traços “femininos”; nas mulheres, a de traços definidos como “masculinos”. A divisão dos sexos resulta na repressão de algumas características de personalidade de praticamente todo mundo, homens e mulheres. O mesmo sistema social que oprime as mulheres em suas (do sistema) relações de troca, oprime a todo mundo em sua insistência numa rígida divisão de personalidade.³⁸

Nesse sentido, tendo como parâmetro que as representações de masculino e feminino em dada sociedade são expressas em circunstâncias ou momentos históricos, e não se referem propriamente à sexualidade, porém à construção social que se refere a esses sexos. O desenvolvimento de pesquisas que utilizavam a categoria de gênero passou a rejeitar formulações oriundas da medicina e biologia, que centraram suas análises no sexo como dado biológico, influenciando o binarismo entre homens e mulheres, além de normatizar uma sexualidade única.

Para Joan Scott, o conceito de gênero elucida e amplia as análises suscitadas pela concepção de sexo, que é natural da biologia. Ademais, proporciona um aperfeiçoamento nas investigações que privilegiam a concepção feminina. O gênero modifica o olhar realizado pelo historiador, ao ponderar pesquisas que abrangem outros núcleos, além das mulheres, que, devido às pesquisas, precisou de uma reavaliação. Desse modo, o gênero foi lançado também para possibilitar a inclusão das mulheres nas pesquisas e introduzir uma avaliação crítica da

³⁸ Ibidem, p.179.

produção de teorias antecedentes a essa esteira de análise. Na perspectiva de Scott, a diferença sexual, não é advinda apenas do parâmetro biológico; portanto, o gênero não é um dado oriundo da natureza. Assim, a historiadora designa que gênero é constituído a partir dos aspectos sociais, culturais e políticos, sendo assim, uma maneira de fornecer sentido às relações de poder que permeiam a História.³⁹

O gênero, nesse sentido, trata-se de uma categoria de análise útil para a história, especificando o modo como as mulheres são apresentadas na História e sua inclusão no campo. Sob este viés, a categoria gênero não pretende esmiuçar a realidade, trazendo explicações, mas se trata de uma lente, modo de interpretar a realidade; portanto, a categoria de gênero intenciona articular o conceito juntamente à concretude existencial. Na perspectiva de Joan Scott, o gênero é um elemento integrante das relações sociais, que estão fundamentadas nas distinções aparentes e específicas entre os sexos; dessa forma, o gênero age como demarcador das relações de poder.

Por conseguinte, o gênero é utilizado na sociedade para estruturar as relações sociais; desse modo, é possível estipular as articulações de gênero em contextos sociais distintos, a considerar o seu caráter. A utilização da categoria analítica de gênero foi considerada profícua para elaborar análises, principalmente históricas, a partir da apreensão de sua disposição no tecido social. Scott reitera que as análises de gênero servem como aporte teórico e metodológico, sendo assim um instrumento de caráter político que serve de apoio para remodelar os estudos realizados que possuem como gênese simplesmente a ótica interpretativa da história das mulheres.

No advento global de pesquisas que tinham como centralidade o estudo da mulher, pode-se verificar que foram desenvolvidas articulações com outras categorias, como a de raça e classe, compreendendo a relevância de associar outras visões analíticas. Apesar disso, a História prosseguia como relato universal, ainda na perspectiva do homem branco como sujeito. Por essa razão, Scott assevera que o gênero precisa elaborar teorias consistentes, nas quais a realidade possa ser explicada, abarcando as continuidades ou descontinuidades pertencentes à história das mulheres, assim como compreender as distintas experiências sociais; além disso, dada a multiplicidade de trabalhos que contemplem a história das mulheres, ainda perdura como um campo marginal de estudo, no qual se faz preciso reivindicar o espaço da mulher como sujeito da história, debatendo os conceitos tradicionais e dominantes do âmbito histórico. Portanto, Scott, nos desdobramentos de sua análise da

³⁹ Scott, Joan. *Gênero: Uma categoria útil de análise histórica*. *Educação e Realidade*, v. 15, n. 2, p.71-97, jul./dez., 1995, p.13.

categoria de gênero, apreende o conceito como oposto à concepção proposta pela biologia; desse modo, sua intenção é estabelecer um termo neutro e que seja relacional com outros parâmetros, recusando a noção de sexo.

De acordo com Heleieth Saffioti, sexo e gênero designam uma unidade, devido à sexualidade ser construída a partir do contexto social em que se perpetua, em que a sexualidade não se desvincula do gênero. Ela postula uma interpretação oposta à de Scott, destacando que o gênero está além de uma categoria de análise, mas se trata de uma categoria histórica. Assim, como categoria histórica, adquire nova configuração, a partir da qual, por meio de reflexões, pode ser adaptada aos estudos femininos. Apesar dos distintos aparelhamentos do conceito, Saffioti reitera que gênero se refere às construções sociais em torno da masculinidade e feminilidade.

Assim, postula-se que o gênero é um mecanismo capaz de construir e delimitar padrões referentes aos papéis desempenhados por homens e mulheres, porquanto pode produzir desigualdades, devido a seu engendramento na sociedade, posto que é esperado que haja como norma de comportamento dos sexos. O gênero, do mesmo modo, pode atuar como significativo na investigação das relações de poder, sendo um dos campos primordiais pelo qual atravessa, em vista da produção de significados, estereótipos e valores os quais atribui aos indivíduos. Portanto, as relações de poder estabelecidas na sociedade são permeadas pelas relações de gênero.⁴⁰

Paralelamente, expandindo a conceituação de gênero, a filósofa Judith Butler desenvolveu análises críticas acerca do binarismo das relações afetivas, designadas pela categoria homem ou mulher, sujeito e outro, opondo sexo e gênero. Butler ilustra a subjetividade e identidade afetiva. Para ela, o gênero impõe ao corpo uma estilização constante, designando uma série de atos suscetíveis a mudanças progressivas ao longo da vivência do sujeito. O ser pode variar entre as identidades, desvinculando-se do domínio sexual; assim, o gênero está suscetível a intervenções externas, sobre principalmente as emoções humanas. Butler demonstra que o gênero é composto com base em modos de identidade, não se baseando na sexualidade e suas orientações.⁴¹

Assevera-se que existe uma manutenção de atos, gestos e signos que influenciam na dualidade dos sexos, construindo as distinções entre masculino e feminino. Portanto, Butler delimita a noção de performatividade, em que o gênero se constitui de atos performativos

⁴⁰ SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015, p.8.

⁴¹ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 22ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022, p.69.

capazes de instituir determinados significados. O gênero está imerso em regulações, que ela descreve como regulações de gênero, ou seja, um modo de regular identidades que institui normas nas subjetividades dos indivíduos. Essa normativa está tão imbricada socialmente que se configura em repetições que o constituem como substâncias de uma matriz estrutural que dualiza masculino e feminino. O gênero é tido como norma produzida pelas relações preestabelecidas.

CAPÍTULO II

O PAPEL DAS MULHERES NA PRODUÇÃO DE BIOGRAFIAS

CAPÍTULO II: O PAPEL DAS MULHERES NA PRODUÇÃO DE BIOGRAFIAS

RESUMO

Este capítulo tem como finalidade analisar como o gênero autobiográfico está relacionado à escrita das mulheres, destacando as narrativas específicas das mulheres sobreviventes do Holocausto. As autobiografias ou biografias consistem em uma produção literária e subjetiva que possui como ênfase as experiências subjetivas de um indivíduo. O gênero literário biográfico possui um papel marginalizado na história; no entanto, esse gênero é crucial para destacar os aspectos individuais e promover novos agenciamentos na disciplina História. Portanto, a produção de escritos autobiográficos é considerada uma forma de testemunho e resistência, possibilitando que as mulheres compartilhem suas vivências e questionem a narrativa predominante da história. As obras produzidas e escritas por mulheres durante o período do Holocausto configuram uma perspectiva subjetiva de suas experiências, destacando os desafios vivenciados considerando a condição de ser uma mulher encarcerada em campos de concentração. Portanto, essas obras se distinguem por sua ênfase nas particularidades relacionadas ao gênero, concedendo respostas para as lacunas que existiam sobre o cotidiano e as vivências das mulheres ao longo do regime nazista. As experiências das mulheres se inserem como essenciais para compreender as nuances do Holocausto.

Palavras-chave: Escrita feminina; mulheres; autobiografia; Holocausto.

2.1 O gênero autobiográfico e a escrita feminina

No romance, *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf, uma crítica velada à construção do texto é realizada. A narradora da obra, nominada Mary destaca como em textos autobiográficos o “eu” é naturalizado, sendo amplamente utilizado como sinônimo de sujeito universal e masculino.⁴² A recorrência desse eu proposto, a qual é exposta internamente ao longo da narrativa, designa uma perspectiva oclusiva, aquela edificada pelo individualismo universal. O uso do pronome “eu” na escrita configura a temática da autobiografia, considerando que a autobiografia tem se destacado, sobretudo, como a história subjetiva de um indivíduo. Desse modo, o estilo de gênero projetado pela autobiografia atua como uma barreira que impede a superação desse sujeito na obra literária. Portanto, é verossímil que o único sujeito digno de relevância nas autobiografias seja o sujeito universal, totalizante e masculino. Esse fato orienta para que a normativa tradicional de escrita não seja suplantada e a manifestação de uma literatura produzida por mulheres se torne secundária, retirando a subjetividade em sua narrativa, que deve ser a principal característica de um texto autobiográfico.

De acordo com Eagleton, alguns conceitos são elevados por ideologias sociais a uma posição de supremacia e, a partir disso, são transformados em centros onde os demais significados são compelidos a girar. Semelhantemente, considerando a construção do conceito de identidade no Ocidente, foi precisamente em fins do século XVIII e XIX que assegurou posição. O surgimento do romance com as noções de individualidade tem notoriedade com o fenômeno do Renascimento, em que emerge especificamente a concepção de indivíduo, compreendido como um sujeito humano e universal que possuía características específicas. Assim, perpassando pelo Iluminismo, Romantismo e Capitalismo, o indivíduo passa a ter uma identidade fixa, na qual delibera acerca das decisões e possui destino próprio.⁴³

O desenvolvimento dos primórdios da subjetividade universal cedeu espaço ao “eu”, que ampliou o domínio da individualidade nos escritos autobiográficos. As práticas de escrita autobiográfica no Ocidente prosperaram devido à aparente existência de um sujeito a ser expresso, uma narrativa pessoal e coesa a ser representada, que compartilhava particularidades com o leitor; desse modo, servia como mecanismo mimético para a autorrepresentação que assegurava a correlação epistemológica entre o relato e a vivência,

⁴² WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p.103-104.

⁴³ EAGLETON, Terry. *Literary Theory: An Introduction*. Oxford: Blackwell, 1983, p.131.

contribuindo para uma autoconsciência passível de revelar, elucidar e resgatar aquele núcleo essencial.

Em se tratando das autobiografias, parece usual estabelecer uma definição própria sobre esse termo, como auto redigir as próprias vivências e narrar a experiência subjetiva. Um dos principais registros encontrados sobre o vocábulo “autobiografia” é proveniente da língua inglesa, em princípios do século XIX. Apesar de os empreendimentos em definir o que se compreende como autobiografia terem se originado posteriormente, analisa-se que as autobiografias eram demasiadamente difundidas e populares no decorrer dos séculos anteriores. Como referência de obras autobiográficas de destaque, destacam-se os escritos de Santo Agostinho em *Confissões* e *Vida Feliz* e Jean Jacques Rousseau em *As Confissões*.⁴⁴ Havendo, portanto, uma produção preexistente em produzir narrativas de vida, postular memórias, oriunda de uma antiga tradição, proporciona a orientação para a consolidação da autobiografia como um gênero cânone na tradição ocidental.

A autobiografia é tida como um gênero literário que, assim como os demais gêneros, desponta no Ocidente a partir de uma trajetória histórica de origens controversas, disputas e parâmetros ambíguos. Esses embates existentes no âmbito das autobiografias se devem à própria natureza do seu gênero, que se encontra ausente de uma definição específica, estando relegada a conceitos genéricos e dúbios, devido à problemática em estabelecer uma qualificação específica. No conjunto dos embates existentes em torno das autobiografias encontra-se a própria natureza de seu gênero, que propõe em sua gênese uma definição dúbia e genérica. O gênero autobiográfico, embora de valor distinto em comparação com as demais obras no mercado literário, revelou-se sutilmente, até alcançar uma posição cristalizada como o gênero do romance nos cânones da literatura.

Philippe Lejeune, ao propor um conceito para autobiografia, depreende que a estrutura do gênero é caracterizada por uma narrativa realizada em prosa, que um indivíduo realiza de si mesmo ou acerca da própria existência, ao refletir aspectos da trajetória individual. O conteúdo do texto autobiográfico deve ter o caráter de retrospecto, com o discurso linguístico realizado em primeira pessoa, tratando-se, assim, de uma autobiografia. Contemplando, nesse sentido, os aspectos subjetivos do indivíduo, tece uma construção sobre a vida pessoal e aspectos da personalidade que incidem no autorretrato narrativo.

⁴⁴ KAPLAN, C. Resisting autobiography: Out-law genres and transnational feminist subjects. In: *De/colonizing the subject: the politics of gender in women's autobiography*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1992. p.117.

O gênero biográfico obteve um papel na História amplamente criticado e relegado ao estigma, devido à valorização do papel masculino e seus atos heroicos, associado a uma matriz que enfatiza os estudos de instituições. Apesar do alvorecer das críticas, as biografias se acenderam com relevância por destacar o indivíduo e colocá-lo como agente da História. De modo a romper com o caráter determinista, revisitando uma História que privilegia os marginalizados, anônimos e vencidos. A experiência produzida pelas biografias promove, de acordo com Sabina Loriga, atentar-se às subjetividades e pluralidades do cotidiano, com os estudos que envolvem as práticas populares e suas manifestações, assim como, a História das mulheres.⁴⁵

O fato de a História ter se centrado na concepção de sujeito universal impediu a abertura para os demais indivíduos e subjetividades. Assim, a História das mulheres necessitou passar por uma revisão cautelosa, a fim de recuperar as agências femininas em contextos outrora invisíveis. Esse trabalho empreendido pelas feministas foi de difícil execução, principalmente devido à ausência de registros sobre as mulheres em fontes oficiais e arquivos. Distantes das fontes, as mulheres estiveram em espaços presentes nas esferas privadas, a partir da conservação das histórias familiares, álbuns, fotografias, cartas, itens pessoais e de caráter memorialístico.⁴⁶ Portanto, essa rede tecida pelas mulheres conservou as memórias femininas e também as práticas de oralidade, um dos instrumentos cruciais para reelaborar a história dessas mulheres, que não possuíam acesso à escrita como os homens.

E.P. Thompson, em seu ensaio *Folclore, Antropologia e História Social* assevera como a história pode emergir das experiências cotidianas. Considerando que a compreensão do sistema agrário relacionado aos produtos de pequeno porte exige uma análise a partir das práticas hereditárias, frequentemente sob a responsabilidade das mulheres. Portanto, Thompson considera que a economia deve ser analisada no contexto de uma sociedade organizada dessa maneira. Afirmando que a vida pública se origina das complexas interações da vida doméstica.⁴⁷ A perspectiva de Thompson elucida que os limites do que parece estrutural são, na verdade, construções realizadas pelos indivíduos, que, diante de necessidades diárias, moldam essas estruturas. Portanto, o pessoal e o privado podem influenciar o espaço público; desse modo, pode-se considerar que observar as mulheres incide

⁴⁵ LORIGA, Sabina. "A biografia como problema". In: REVEL, Jacques. *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998, p.226.

⁴⁶ PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, ago./set. 1989, p.15.

⁴⁷ THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Organização de Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2001, p.234-235.

em elucidar interpretações de diversas realidades, visto que desconsiderar a sua atuação seria tornar a História minoritária ou insignificante.

A ênfase no gênero biográfico logrou expressividade na História das mulheres e nos estudos do feminismo, que, apesar de seu recente entusiasmo, já possuía uma longa tradição feminina. A biografia, com sua extensa trajetória, foi uma das primeiras formas de narrar a História das mulheres, desde a escrita de Christine de Pisan às primeiras publicações formuladas por feministas no século XIX. Por conseguinte, apesar de relegada posteriormente, a biografia foi um segmento central na tradição histórica, divergindo somente a partir do século XX, com a renovação estruturada por Lucien Febvre e March Bloch, tipificando um retorno à História de origem social e econômica, em que são valorizados os agentes coletivos.⁴⁸ Nesse período, portanto, a biografia esteve condicionada a uma categoria secundária. No entanto, como gênero notório, a sua presença ainda se fez constante na produção realizada por mulheres, que redigiram romances ou histórias de vida e serviam de modelo para as leitoras mais jovens.

O caráter instrutivo da biografia perdurou, inclusive nas publicações feministas, nas quais são destacados os exemplos de mulheres notáveis, ilustres no período em que viviam. Seguindo a tendência positivista, as feministas propuseram nas revistas e tratados a imagem de mulheres que se destacaram nos âmbitos da política, cultura e religião. Essas representações escolhidas se referiam ao oposto das que existiam durante aquele contexto, o ideal originário da tradição feminina, o de passividade. A perspectiva dessas biografias era essencialmente de tentar provar o caráter da mulher em contraste aos homens. Reiterando a igualdade entre homens e mulheres, afirmando especificamente que a mulher poderia alcançar posição semelhante. Portanto, as mulheres tidas como diferenciais à norma, com carreiras independentes, exibiam a contrariedade em relação aos papéis sociais desempenhados por mulheres, relativos à vida doméstica, nos aspectos como a maternidade e casamento.

Apesar dessa subversão ao modelo padrão, na tentativa de resgatar valores distintos daqueles recebidos na sociedade, a resistência a essa estrutura promoveu o rompimento do gênero biográfico com a presente misoginia. De modo que, atualmente, nas biografias, existe um paralelo entre a vida pessoal das mulheres e seus feitos públicos, associando como as mulheres estão condicionadas nesses segmentos. Contrastando com a noção de objetividade científica, a crítica feminista empreendeu discussões sobre a interpretação do gênero biográfico. Apresentando questionamentos acerca do caráter metodológico das biografias e se

⁴⁸ SOIHET, Rachel. Mulheres e biografia. Significados para a História. *Locus: Revista de História*, v. 9, n. 1, 2003, p.39.

opondo a uma interpretação da realidade que exclui ou desarticula as experiências femininas, as historiadoras feministas incrementaram o elemento de “gênero” para interpretar o conjunto das relações sociais.

Essa abordagem procedeu na forma de análise das vidas pessoais de mulheres, com o intuito de averiguar sua realidade cotidiana, além da sequência de acontecimentos passados. A metodologia de gênero culminou no aglomerado de biografias sobre mulheres ou com abordagens biográficas feministas, àquelas que possuem como orientação a história de vida, autobiografias, literatura íntima ou biografias históricas. A proliferação de tais pesquisas carrega o ímpeto de romper com as análises prontas que compreendem a realidade feminina como semelhante, considerando sobretudo as experiências plurais e subjetivas das mulheres.

O segmento proposto pelo gênero biográfico auxilia a propor, no cerne de variadas interpretações, as experiências sociais vivenciadas pelas mulheres, não somente como abstração ou dado estável, mas em articulações entre individual e coletivo, objeções e subjeções, dado ou vivido. Assim, o cotidiano dessas mulheres pode ser analisado por um duplo panorama, entre a realidade apresentada em articulação com as mudanças eventuais. A literatura biográfica produz o rompimento com a trajetória dos ciclos de vida, em que interpreta as experiências femininas com base nas funcionalidades e papéis normatizados na sociedade. Ademais, essa abordagem evita as constantes dicotomias, com o intuito de contribuir para esquematizar categorias de análise da experiência histórica feminina.

A contribuição interpretativa das mulheres para as biografias é altamente pertinente, devido às questões que podem propor, transcendendo os instrumentos metodológicos. Considerando que essa categoria orienta para uma perspectiva de valorização das experiências femininas, em que cada experiência social é colocada em pauta, não a fim de compor um aglomerado de vivências e estruturas. No entanto, investigar o que os sujeitos possuem de modo específico ou universal, reconstruindo a história dessas mulheres com suas aproximações e espaçamentos.

Para Estelle Jelinek, a definição de autobiografia possui distinções, a depender do gênero de quem a redige. Existem diferenças significativas entre as autobiografias escritas por homens e mulheres. Essas distinções se constituem como de caráter empírico, teórico ou estrutural, podendo ser verificadas por intermédio da análise de trabalhos críticos dessas autobiografias.⁴⁹ Como os critérios que definiram o gênero autobiográfico se baseiam nas

⁴⁹ JELINEK, Estelle C. *Women's autobiography: essays in criticism*. Bloomington: Indiana University Press, 1980, p.9.

referências escritas produzidas por homens; a crítica estabelecida pela autora explicita apontamentos a uma orientação de escrita masculina. Assim, as teorias elaboradas para analisar autobiografias masculinas não poderiam ser aplicadas especificamente às autobiografias escritas por mulheres.

A biografia e autobiografia devem ser consideradas, sobretudo, como abordagens primárias a fim de ilustrar as múltiplas experiências femininas, reconstruindo suas vivências e trajetórias individuais e como demonstram a identidade que possuem. Desse modo, é necessário articular a esse viés analítico a diversidade, oriunda dos aspectos que envolvem classe, raça ou período referentes aos sujeitos. A fim de analisar estas mulheres de forma autônoma, sem homogeneizar essa categoria.

2.2 A escrita autobiográfica e a narrativa das mulheres nos campos de concentração

A historiografia e crítica literária sobre o Holocausto e campos de concentração no regime nazista possui uma forte tendência à experiência especificamente masculina. Esse modo de operar reflete uma realidade da civilização ocidental ao considerar a vivência do homem como universal. Historiadores e escritores têm privilegiado, em sua maioria, a experiência masculina em detrimento da experiência das mulheres. Assim, elas foram subsumidas à perspectiva unilateral, permanecendo às margens da história.⁵⁰

O Holocausto é tido como um evento histórico e singular. Apesar desse caráter que fora atribuído à sua ocorrência, é fundamental destacar que ele se refere não a uma história unívoca, mas a múltiplas histórias. Cada uma de suas vítimas, pertencentes a gêneros ou faixas etárias distintas, sendo judeu ou não judeu, assim como as pessoas que pertenceram à catástrofe nazista, elaborou a própria história. Resta estabelecer que cada um destes vivenciou uma versão subjetiva do Holocausto.

De acordo com a historiadora Zoë Waxman, as narrativas sobre o Holocausto evidenciam a pluralidade de experiências vivenciadas durante o período de encarceramento e genocídio nos campos nazistas. Assim, destaca-se que o Holocausto foi, sobretudo, uma série de eventos distintos e articulados, nos quais predominam os testemunhos e experiências vivenciadas por pessoas diferentes ao decorrer de anos se abrangem localidades variadas e

⁵⁰ KREMER, S. Lillian. *Women's Holocaust writing: memory and imagination*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1999, p.1.

com ampla extensão geográfica.⁵¹ A assertiva proposta pela historiadora se estabelece como relevante para a compreensão da pertinência em analisar o universo concentracionário a partir da multiplicidade e complexidade das histórias vivenciadas pelos sujeitos de modo individual e coletivo.

As memórias e narrativas elaboradas por mulheres que vivenciaram o período do Nazismo e Holocausto possuem essencialmente características semelhantes às autobiografias escritas pelos homens. Ambos os textos retratam um percurso repleto de humilhações, segregação, isolamento e privação de direitos. Enquanto internos, estavam alheios à normalidade e à sociedade em que viviam. Mediante esse contexto, partindo dos aspectos de destruição e violência, tanto os homens quanto as mulheres foram levados a descrever similarmente a brutalidade infligida pelo regime nazista. Apesar de terem sido submetidos a condições subumanas, existem alguns aspectos distintivos em sua experiência e narrativa. A escrita feminina revela uma dupla experiência de marginalização. Enquanto judias, elas enfrentaram a opressão de uma sociedade totalitária e racista, estando inseridas em um sistema misógino e patriarcal.

A ênfase na narrativa das mulheres, oriunda da perspectiva feminista sobre os campos de concentração durante o Holocausto, integra a tentativa de promover um resgate à heterogeneidade, que fora marginalizada pelo cânone masculino predominante na gênese de pesquisas que envolvem o Holocausto. O mecanismo promovido pelo gênero surge como ferramenta essencial para articular esses estudos, explorando as divergências existentes entre a experiência de homens e mulheres, atentando-se a como cada um destes enfrentou as nuances da perseguição nazista e os significados em relação aos aparatos de gênero. De acordo com Lenore Weitzman e Dalia Ofer, o debate acerca das experiências subjetivas de mulheres compõe um elemento anteriormente ausente, no entanto, considerável para compreender a vida judaica durante o Holocausto.⁵²

De maneira significativa, a historiadora Joan Ringelheim estabelece uma relação entre a necessidade de reconhecer as experiências femininas, aliada à importância de investigar semelhantemente as histórias de vítimas que não compunham a comunidade judaica. A autora assevera que observar o Holocausto como uma catástrofe exclusivamente judaica está

⁵¹ WAXMAN, Zoë Vania. *Writing the Holocaust: Identity, testimony, representation*. New York: Oxford University Press, 2006, p.2.

⁵² OFER, Dalia; WEITZMAN, Lenore J. *Women in the Holocaust*. New Haven: Yale University Press, 1998, p.1-2.

cooperativamente ligado à percepção incapaz de identificar as diferenças específicas de gênero na vivência judaica. Esta visão do Holocausto pode contribuir para a marginalização de experiências divergentes, como a dos ciganos, deficientes, homossexuais ou Testemunhas de Jeová. Assim como desconsiderar o debate da questão de gênero coopera para negligenciar a complexidade da vivência judaica, porquanto analisa a vida das mulheres pelo viés predominantemente masculino.⁵³

Joan Ringelheim foi uma das historiadoras pioneiras em pesquisas que articulam gênero e Holocausto, e expôs igualmente as singularidades vivenciadas pelas mulheres nos campos de concentração, destacando que as vítimas eram tratadas distintamente a depender de seu gênero. Nos anos de encarceramento, houve um quantitativo maior de mulheres judias do que homens deportados e selecionados para a morte em campos de extermínio. Ela denota que, quando uma mulher chegava a um campo de concentração ainda gestante, ou acompanhada de seus filhos, era considerada menos “útil” para o serviço em equiparação aos homens, resultando em sua vitimização, e podendo inclusive condená-la à morte.⁵⁴

Portanto, a autora assevera que a vitimização de mulheres judias foi intensificada devido à identidade judaica, além de seu extermínio estar atrelado à fertilidade e à matrilinearidade na comunidade. A partir dessa esteira analítica, nota-se que o silenciamento das experiências femininas está relacionado à coesão comunitária e, sobretudo, à marginalização que as mulheres possuíam na sociedade. Isso se deve à ocorrência de um embate em duas dimensões. O primeiro refere-se ao ato da escrita autobiográfica feminina após o Holocausto, que revela as atrocidades vivenciadas por mulheres, secundariamente, reivindica a visibilidade feminina e constrói uma identidade de gênero inerente à cultura da memória.

A mulher judia enfrentou uma dupla vulnerabilidade ao longo do regime nazista, a de ser judia e mulher, tornando-se um alvo na perseguição étnica e social. Era visível no período a segregação dos papéis sociais estabelecidos aos homens e mulheres. Esse tratamento distinto pode ser analisado a partir das regras do próprio Estado alemão. O regime, com a intenção de garantir mão de obra masculina, enviou um quantitativo maior de mulheres para a deportação,

⁵³ Para a autora, os judeus não foram as únicas vítimas do Holocausto. As suas histórias se entrelaçam com a dos perpetradores, espectadores e demais vítimas; esse contexto articulado consolidou o Holocausto. (RINGELHEIM, Joan. *Thoughts about Women and the Holocaust*. In: Roger S. Gottlieb. *Thinking the Unthinkable: Meanings of the Holocaust*, Mahwah: Paulist Press, 1990, p. 142-143.)

⁵⁴ RINGELHEIM, Joan. *The Split between Gender and the Holocaust*. In: OFER, Dalia. *Women in the Holocaust*. New Haven and London: Yale University Press, 1998, p 345.

assim como ocasionou a morte de mais vítimas femininas. A demanda pela força de trabalho masculina nos campos de concentração resultou em mais mulheres sendo submetidas às câmaras de gás, assim que chegassem a Auschwitz ou a outras instalações.⁵⁵ O fato de os homens apresentarem maior habilidade com as tarefas exigentes, outrossim, de as mulheres ingressarem nos campos de concentração acompanhadas de seus filhos, contribuiu para que a taxa de eliminação feminina fosse superior em equiparação à masculina.

As narrativas das mulheres, a partir do exposto, se destacam ao enfatizar os aspectos específicos do encarceramento feminino, sendo estes de natureza biológica ou emocional. Algumas vivências das mulheres, como a amenorreia, a vulnerabilidade devido à iminência da violência sexual, as violações à própria dignidade, a gestação e o parto, são experiências singulares e que puderam ser relatadas especificamente pelas mulheres. Essas são algumas condições manifestas nas autobiografias e testemunhos de diversas sobreviventes.

Um dos testemunhos de sobreviventes dos campos de concentração publicados no ano de 2006, denominado *My Journey from the holocaust to Ireland* de Zoltan Zinn-Collis possui como ênfase a narrativa da experiência pessoal da vítima, quando foi aprisionado aos quatro anos de idade na companhia de sua mãe e irmãos. Inicialmente, ele esteve no campo de concentração feminino de Ravensbrück, e em seguida no campo de Bergen-Belsen.⁵⁶ O livro fornece elementos relevantes acerca da experiência nos campos de concentração, não somente pelo fato de trazer a perspectiva masculina do aprisionamento, mas também por evidenciar um aspecto da experiência feminina. Isso pode ser verificado ao longo da obra, devido ao fato de o menino, ainda criança no período, estar confinado com uma figura que pertencia a um gênero distinto, sua mãe. Justamente, era habitual que os diversos campos de concentração, nesse contexto, estivessem segregados pelos critérios de gênero, nos quais eram estabelecidos campos para mulheres e campos para homens.

Assim, sua perspectiva de encarceramento pode ser analisada singularmente. Dentre um dos episódios traumáticos acerca de sua experiência durante o regime nazista, o sobrevivente aponta uma viagem ocorrida para o campo de concentração. Ele destaca que, na estação de trem, sua mãe segurava um embrulho nos braços que seria sua irmã já morta. Quando um dos guardas o arrancou de sua mão, jogando o cadáver por cima do muro da

⁵⁵ HILBERG, Raul. *Perpetrators victims bystanders: the Jewish catastrophe*. New York: Collins Publishers, Inc, 1992, p. 126.

⁵⁶ ZINN-COLLIS, Zoltan; O'SHEA, Alisia. *Final witness: my journey from the Holocaust to Ireland*. Dublin: Maverick House, 2006, p.52.

estação, foi nesse momento que o corpo de sua irmã havia desaparecido. A história do menino, além do trauma, vivenciado por uma criança, carrega essencialmente uma perspectiva sobre a questão de gênero durante o Holocausto. Ele mesmo afirma que, na sua condição enquanto criança, não poderia imaginar o que sua mãe vivenciou e as responsabilidades que carregava devido ao fato de ser mãe.⁵⁷

A história presente na narrativa expressa a relevância de explorar as divergências relativas ao gênero no contexto do Holocausto. Faz-se necessário compreender as vivências femininas, em seus papéis distintos, seja como mães, irmãs, filhas ou especificamente como mulheres. A perspectiva feminina do Holocausto deve ter sua notoriedade, analisando a relevância e especificidade de suas histórias, servindo de instrumento para verificar o cotidiano das mulheres nos campos de concentração e as diferenças em relação aos homens enquanto vítimas do nazismo.

As décadas seguintes ao regime nazista, foram marcadas pelo silenciamento das experiências femininas, ocorrido por razões distintas. Em que algumas mulheres optaram por não relatar suas vivências, impondo a si próprias o silêncio. Seja pela fragilidade, a tentativa de esquecer as memórias traumáticas ou a recusa em abordar questões mais complexas em torno da sobrevivência.

O silenciamento das memórias surgia devido às mulheres, em alguns casos, banalizarem a experiência feminina nos campos durante o Holocausto, considerando as histórias de pouca relevância no cerne dos testemunhos dessa temática. Embora, posteriormente, tenha ocorrido a aproximação entre o campo da história das mulheres e Holocausto, as sobreviventes do regime nazista demonstraram discordâncias com relação à abordagem, acreditando que a particularidade da lente feminina banalizasse o Holocausto, uma tragédia que tinha como vítima os judeus.

Assim, o caráter dispensável que as mulheres atribuíram às experiências subjetivas vivenciadas promoveu o silenciamento, visto que, não se consideravam vítimas distintas da experiência universal do Holocausto. É possível evidenciar outra espécie de silenciamento, aquele originário do mercado editorial dos testemunhos do Holocausto e os seus agenciamentos. Este é um dos argumentos de Lillian Kremer, pontuando que os críticos literários privilegiavam os escritos masculinos, em oposição aos femininos. Excetuando

⁵⁷ Idem, p.60.

apenas algumas narrativas em destaque, a narrativa das mulheres acerca do Holocausto esteve marginalizada do mercado literário.⁵⁸ A literatura do Holocausto tem se debruçado predominantemente na perspectiva universal e masculina do evento, é essa perspectiva que obteve o direito de relatar as demais experiências das vítimas do evento. Essa chave analítica emerge na validação da experiência masculina como semelhante em relação às mulheres. Ao considerar a centralidade das vítimas judias, não haveria distinção entre pessoas, como homens, mulheres, ou crianças. Por conseguinte, esses seriam aspectos irrisórios comparados a totalidade do extermínio provocado pelo Holocausto, que foi implantado semelhantemente para suas vítimas. Diversos estudiosos, divergem dessa interpretação alegando que o Holocausto não pode ser considerado neutro em relação a categoria de gênero.

Elucidar as razões para o silenciamento das vozes femininas nos escritos sobre o Holocausto demonstra, semelhantemente, a necessidade de relatar sobre as mulheres e suas experiências. Analisar as biografias especificamente femininas e dar voz às mulheres de modo geral evidencia a relevância da categoria de gênero no Holocausto. Inicialmente, pode-se destacar que a ênfase nas mulheres é um modo de promover a justiça em relação ao gênero, que fora, outrora, silenciado. Assim como fornece uma visão multifacetada sobre o Holocausto, abordando as experiências das mulheres como distintas, em comparação aos homens. Myrna Goldenberg descreve em *Different horrors, same hell* que apesar de terem sido subjugados à brutalidade nazista e destinados à mesma sentença da solução final, as experiências foram distintas a partir da perspectiva de gênero dos indivíduos.⁵⁹ O historiador Yehuda Bauer aponta que o Holocausto foi diferencial para as mulheres judias e possivelmente para os homens.⁶⁰ A comparação das experiências de homens e mulheres possibilita ampliar as evidências do Holocausto, considerando, precisamente, a distinção das vivências femininas. A ênfase nas mulheres descreve aspectos que outrora não foram analisados com precisão, e que se referem a aparatos que se relacionam especificamente à condição de ser mulher nos campos de concentração, como a maternidade, gravidez, sexualidade, menstruação e as violências, como o estupro.

Na década de 1980 teve início uma crescente dos estudos de gênero e Holocausto, com diversas pesquisas produzidas por estudiosas que versavam sobre o cotidiano das mulheres no

⁵⁸ KREMER, S. Lillian. *Women's Holocaust writing: memory and imagination*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1999, p.4-5.

⁵⁹ GOLDENBERG, Myrna; SHAPIRO, Amy H. *Different horrors, same hell: gender and the Holocaust*. Seattle: University of Washington Press, 2013, p.99.

⁶⁰ BAUER, Yehuda. *Rethinking the Holocaust*. New Haven: Yale University Press, 2001, p.185.

período em que ocorreu o Holocausto. O campo de estudos foi promovido por interesses e apontamentos indefinidos, tendo sido desenvolvido como disciplina presente no interior dos estudos do Holocausto, principalmente a partir da realização da primeira conferência com ênfase na temática das mulheres e o Holocausto. Esta foi organizada no ano de 1983, por Joan Ringelheim e Esther Katz.

O fortuito da conferência possibilitou as bases para pesquisas futuras acerca do gênero como instrumentalização de análise para interpretar os relatos e vivências de mulheres sobreviventes que redigiram suas histórias.⁶¹ Nas últimas três décadas sucessivas, os acadêmicos se dedicaram a solucionar as lacunas nas experiências femininas, a partir do resgate da narrativa dessas vítimas e concedendo a possibilidade de devolver a voz que outrora havia sido silenciada. Os aspectos relacionados à vida e cotidiano de mulheres que fizeram parte de movimentos de resistência, campos de concentração, em situações de marginalidade ou guetos foram alvo de diversas pesquisas a fim de compreender os contextos adversos em que estiveram imersas. As experiências femininas são, sobretudo, essenciais para compreender o Holocausto. Sendo assim, uma proposta de relevância para que as demais sobreviventes pudessem expressar seus testemunhos a partir de entrevistas orais ou documentos escritos. A conscientização do Holocausto e o crescente interesse no que se refere às questões de gênero contribuíram para a publicação das memórias femininas ao longo da década de 1970. Essas obras se configuraram como distintas das edições produzidas anteriormente, visto que tinham como ênfase as experiências relacionadas ao gênero, considerando a vivência e cotidiano das mulheres como fontes que denotavam as distinções entre os sexos.

A evidência de que as mulheres haviam vivenciado distintamente a experiência masculina produziu vastas memórias e trabalhos científicos que associaram a lente de gênero ao genocídio nazista. Desse modo, essa operação influenciou para minimizar as contestações em torno da temática, se comparado ao primórdio de sua influência. Essa tendência de estudos analíticos aponta para o questionamento da relevância dos estudos de gênero, silenciados anteriormente. A historiadora Zoë Waxman⁶² dispõe de argumentos significativos acerca dessa questão. A autora questiona a pesquisa tradicional ao abordar que, em determinados casos, os testemunhos do gênero feminino são compatíveis com os padrões narrativos preexistentes.

⁶¹ BAER, Elizabeth R.; GOLDENBERG, Myrna. *Experience and expression: women, the Shoah, and Holocaust ritual*. Detroit: Wayne State University Press, 2003, p.17.

⁶² WAXMAN, Zoë Vania. *Writing the Holocaust: Identity, testimony, representation*. New York: Oxford University Press, 2006, p.5.

Assim, a narrativa da sobrevivente pode possuir determinadas influências culturais, demarcadas pela normativa de gênero. Esse efeito provoca a universalização dos testemunhos femininos, englobando-os em uma memória coletiva. A necessidade da vítima em narrar é atravessada pela culpa e vergonha, resultando em uma narrativa que está envolvida com o que fora escrito pela comunidade de sobreviventes e a normativa de gênero. Essas suposições oriundas do comportamento ditado e apropriado ao gênero minimizam a pluralidade de relatos das mulheres e as experiências divergentes.

Para James Young, as histórias redigidas sobre as mulheres reduziram os espaços para que elas pudessem relatar as histórias subjetivas que não tiveram espaço na produção canônica do Holocausto.⁶³ A representação de mulheres por meio das memórias originárias do Holocausto tende a personificá-las como símbolos de heroísmo, restringindo a expressão de suas vulnerabilidades, além dos medos, erros ou atitudes demonstradas pelas mulheres que poderiam ser consideradas inapropriadas. Isso significa que, quando a memória transforma as mulheres em ícones, suas vivências enquanto mulheres permanecem silenciadas e até mesmo ignoradas, porquanto suas narrativas verídicas não são consideradas, sendo preferíveis as imagens de virtude e os símbolos de força e heroísmo. Como consequência, a vida e a realidade dessas histórias e experiências são segregadas.

Alguns autores asseveram que a memória coletiva desempenhou o silenciamento das histórias de mulheres acerca do Holocausto, marginalizando sua especificidade e singularidade. Apesar da amplitude dos aspectos relacionados à história das mulheres, a associação entre mulheres e Holocausto ainda permanece marcada pelo silenciamento. A ausência das vozes femininas e das vivências enquanto mulheres permanece emblemática, sendo um forte indicativo de como questões referentes ao gênero e sexualidade foram dissociadas das memórias e testemunhos do holocausto.

A experiência das mulheres vítimas do regime nazista está relacionada a um evento de precisão histórica; sendo assim, as memórias das vítimas ocupam um aspecto singular na literatura, no que se refere à conexão com a realidade e à distinção em comparação à ficção. Centradas nas recordações dos eventos passados e da realidade humana, as memórias são paralelas à indagação histórica acerca da existência do fato ocorrido. O modo como a memória opera, trazendo a perspectiva única dos relatos pessoais, transforma a obra literária

⁶³ YOUNG, James E. *Regarding the pain of women: questions of gender and the arts of Holocaust memory*. PMLA, v. 124, n. 5, p. 1778-1786, out. 2009.

em um gênero híbrido. Em sua gênese, a memória unifica a análise de referência a um período histórico com o reconhecimento de percepções individuais. No entanto, a memória não é resultado apenas dos registros históricos ou das histórias de vida. A memória é, sobretudo, um campo que possui influência de diversos domínios, transmitindo informações que se articulam aos documentos de determinado contexto histórico.

Como criação autobiográfica, a memória não é persuasiva em impor ao narrador o compromisso do historiador em prezar pela veracidade, por meio das fontes. Diversamente, ela fornece ao memorialista a oportunidade de examinar a própria memória e instigá-lo a formular o seu testemunho. No entanto, é cabível ressaltar que a análise das memórias não se configura somente como um movimento interno, mas também externo. Considerando que a trajetória pessoal de um indivíduo é composta por experiências específicas do passado, influenciadas pela história e sociedade, pelo modo como o sujeito é capaz de recordar. Assim, articular história, sociedade e indivíduo no campo da memória requer uma análise através da interação entre texto, leitor e autor.

CAPÍTULO III

O REGIME NAZISTA E A CONSTRUÇÃO DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO FEMININO

CAPÍTULO III: O REGIME NAZISTA E A CONSTRUÇÃO DO CAMPO DE CONCENTRAÇÃO FEMININO

RESUMO

O capítulo a seguir possui como intuito contextualizar a construção dos campos de concentração do sistema nazista, além de ressaltar a edificação do campo de concentração feminino, destacando especificamente as agressões e formas de violência acometidas contra as mulheres. O regime nazista, sob a liderança de Adolf Hitler, destacou-se pela perseguição sistemática aos judeus e demais grupos discriminados. Dentre as ferramentas utilizadas, primordiais para exercer a repressão e domínio, foram os campos de concentração, nos quais milhões de indivíduos estiveram encarcerados e submetidos a tortura constante. Os campos de concentração no regime nazista foram elaborados em 1933, a partir da ascensão de Hitler ao poder. Inicialmente, destinado a aprisionar os opositores políticos, em seguida abrangeu judeus, ciganos, pessoas com deficiência e demais grupos perseguidos pelo regime. As mulheres, semelhantemente, foram alvo da violência nazista, encarceradas em diversos campos de concentração, como o de Ravensbrück. O campo de concentração de Ravensbrück consistiu no maior campo de concentração nazista elaborado para aprisionar mulheres. Em seu interior, as mulheres estiveram submetidas a condições de vida e trabalho extremamente adversas. Sendo obrigadas a realizar diversos tipos de trabalho forçado, punidas com os castigos físicos e muitas delas vítimas de experimentações médicas. A violência sexual e de gênero, semelhantemente, era comum no campo. Diversas mulheres sofreram vítimas de estupro, abuso sexual e prostituição, devido ao campo encaminhar as vítimas mulheres para bordéis edificadas nos campos nazistas.

Palavras-chave: Regime nazista; campos de concentração; Ravensbrück; violência sexual.

3.1 O percurso nazista e a edificação dos campos de concentração

Em 5 de janeiro de 1919, ocorreu a fundação do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães.⁶⁴ No ano de 1920, Adolf Hitler tomou o controle da entidade e a renomeou como Partido Nazista, que ficou conhecido, semelhantemente, como Hitlerismo. O nazismo se caracterizou pela recusa à democracia liberal e ao sistema parlamentar, acrescentando as ideias do racismo científico, antissemitismo e eugenia em sua filosofia. Tendo como base a miséria e derrota da Alemanha no período posterior à Primeira Guerra Mundial e utilizando habilidades retóricas e discursivas para persuadir a população, assim, Hitler apresentou suas ideias em diversos discursos que tiveram apelo ao povo alemão. O sentimento de desamparo relacionado ao governo alemão garantiu mais seguidores a Hitler, pessoas que ansiavam por mudanças. Nos seus discursos, prometia aos cidadãos alemães que o Partido Nazista resgataria a Alemanha do estado de crise, provocado pela Grande Depressão, considerando que definia a coalizão do governo vigente como frágil e que não poderia restaurar a ordem econômica no país. Ademais, entre as promessas encabeçadas por Hitler estavam a revogação do Tratado de Versalhes, prejudicial ao Estado alemão, e a recuperação dos valores da cultura ariana.

Hitler ascendeu ao poder alemão no ano de 1933. Enquanto elaborava o seu Império, implementou o plano de extermínio total dos judeus. As leis de Nuremberg, aprovadas pela Alemanha Nazista em setembro de 1935, continham dois componentes principais: a Lei de Cidadania do Reich e a Lei de Proteção do Sangue e da Honra Alemã. As quais uniram diversas teorias raciais, sendo fundamentais à ideologia nazista, estabelecendo o aparato legal para que ocorresse a perseguição sistemática dos judeus no país e a segregação a partir das categorias raciais. A partir da Lei de Cidadania do Reich, somente os indivíduos com ascendência ou sangue alemão seriam considerados legalmente cidadãos da Alemanha. A proibição do matrimônio e penalização das relações extraconjugais com os judeus surgiu a partir da Lei de Proteção do Sangue Alemão e da Honra, cujo intuito era proteger a linhagem alemã. Estas leis, igualmente, impediam que os judeus contratassem empregadas alemãs com

⁶⁴ SIEMENS, Daniel. National Socialism. In: ROSSOL, Nadine; ZIEMANN, Benjamin (ed.). *The Oxford handbook of the Weimar Republic*. Oxford: Oxford University Press, 2022. p. 382-403.

menos de 45 anos, supondo que os homens judeus coagissem as mulheres alemãs e assim provocassem a poluição da raça ariana.⁶⁵

Em resumo, as Leis de Nuremberg simbolizaram a legalização da exclusão dos judeus no cerne da sociedade alemã, contribuindo para segregar e perseguir os judeus, elevando a violência antissemita no país. Um episódio crucial para reforçar esse processo refere-se à Noite dos Cristais, ocorrida em novembro de 1938, que se caracterizou como um pogrom no território alemão e na Áustria. A onda de violência, portanto, foi progressivamente intensificada.

Ao decorrer desse período, outra estratégia foi utilizada por Adolf Hitler, com o intuito de manipular ideologicamente a população alemã. Essa ferramenta serviu para moldar a opinião pública e o apelo populacional ao partido nazista. O aparato da propaganda nazista foi conduzido por Joseph Goebbels, líder da comunicação e propaganda do partido. Goebbels desenvolveu um papel promissor na construção discursiva do nacional-socialismo, manipulando concomitantemente as massas e as elites, repercutindo o apoio da população ao nazismo.

As ideias nazistas, associadas à forte manipulação, conduziam a população à ideia de que somente o partido poderia solucionar os problemas enfrentados após a guerra. A exaltação da superioridade racial, a idealização de um líder que conduzisse a nação foram alguns elementos amplamente utilizados nas propagandas nazistas. Essa doutrinação promoveu a aceitação das ideias nazistas por parte do povo, difundindo a discriminação e o antissemitismo. Apesar da execução de uma propaganda nazista, o antissemitismo não ficou limitado às leis ou ao discurso nazista; foi minimamente executado, logrando proporções catastróficas, o que resultou no genocídio sistemático dos judeus e na morte nos campos de concentração nazistas.⁶⁶

Ao decorrer de 1939, Hitler autorizou que os médicos e psiquiatras realizassem o processo de eutanásia ou morte por misericórdia para os doentes incuráveis, assim como para as pessoas com deficiência mental e física. Esta concessão abrangeu os judeus e não arianos na Alemanha. Diariamente, novas restrições e regulações eram instituídas, com os nazistas confiscando diversos bens dos judeus. Outros feitos, como o fornecimento de água quente,

⁶⁵ GOLDHAGEN, Daniel Jonah. *Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o holocausto*. Tradução de Luís Sérgio Roizman. 2. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 217.

⁶⁶ ABAL, Felipe Cittolin. *Altas cortes e criminosos nazistas: o processo decisório em uma análise histórico-jurídica*. Rio de Janeiro: Gramma, 2018, p.80.

foram interrompido, inclusive o uso de elevadores e varandas com vista para a via pública foram devidamente proibidos. Nessa conjuntura, a Lei para Restauração do Serviço Público impediu que os judeus pertencessem a cargos nas instituições públicas. Ademais, foi de caráter obrigatório o uso da estrela amarela sob as roupas, para que os judeus pudessem ser identificados.

Os alemães, em contrapartida, possuíam liberdade ampla, enquanto os judeus eram boicotados em seus negócios e excluídos da esfera econômica, cultural e educacional. Porquanto, os judeus foram impedidos de acessar as instituições de ensino e aos alemães foi concedido o direito de apropriar-se dos bens dos judeus. Pode-se dizer que essa estratégia de realocação dos nazistas pretendia afetar os judeus especificamente, inclusive aqueles que pertenciam a países distintos. Para Hobsbawm, a primeira onda de destruição humana e a brutalidade com que esses indivíduos foram submetidos não poderiam ser comparadas ao que ocorreu ao final da Segunda Guerra Mundial.⁶⁷

Desde a ascensão de Adolf Hitler, em janeiro de 1933, a Alemanha foi consolidada como uma das principais potências europeias. No cargo de Chanceler, Hitler anexou a Áustria e a Tchecoslováquia, e em seguida, foi responsável pela invasão da Polônia. Em 1939, a Polônia foi ocupada pelo Exército de Hitler, na sequência invadida pelos soviéticos, o que resultou na divisão de seu território. Na região integrada à Alemanha, estava Oświęcim, localizado na Baixa Polônia, conhecido como o local que abrigava a maior rede de campos de concentração, denominado Auschwitz-Birkenau.⁶⁸ A Alemanha anexou a outra metade da Polônia, após a disputa com a União Soviética. Em 1940, o Exército Alemão realizou alguns ataques a outros países, o que resultou no controle nazista sobre a maior parte da Europa.

A Alemanha edificou um dos primeiros campos de concentração nazista, após a chegada de Adolf Hitler à chancelaria. O campo inaugural, denominado Dachau, recebeu comunistas e sindicalistas, onde reuniram cerca de 45 mil internos.⁶⁹ Os campos de concentração foram uma estratégia do regime nazista, sendo um modo de dominar os grupos étnicos e dissidentes políticos. Diversos grupos étnicos, como os judeus, ciganos, além de polacos, políticos, comunistas, homossexuais e determinadas minorias religiosas, foram

⁶⁷ HOBBSAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Tradução de Marcos Santarrita. 2. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.58.

⁶⁸ CYTRYNOWICZ, Roney. *Memória da Barbárie: a história do genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Nova Stella: Editora da Universidade de São Paulo, 1990. p. 89.

⁶⁹ MATZENBACHER, Luiz Antonio. *Os Campos: Campos de concentração Brasil e mundo*. Rio de Janeiro: Autografia, 2021, pp.25-27.

desumanizados e vítimas de extermínio no Holocausto. O campo de concentração de Dachau foi o modelo para as demais instalações que possuíam como intuito o aprisionamento durante o nazismo.

Nas demais áreas abrangentes, os campos de concentração foram distribuídos. Estes apresentavam um sistema rígido de controle acerca dos prisioneiros e uma segurança pujante, contando com alojamentos cercados de arame farpado e torres de vigilância com guardas da SS. Nos anos de 1933 e 1945, houve três categorias de campos: os de trânsito, de trabalho forçado ou concentração e os campos de extermínio. Os campos de trânsito eram operados para agrupar inúmeros prisioneiros, geralmente judeus, que posteriormente eram enviados para os campos de extermínio. Alguns destes referem-se aos campos de Drancy, localizado na França, e Theresienstadt, na República Tcheca. Nos locais de trabalho forçado ou concentração, os internos recebiam uma pequena quantidade de alimentos, sendo obrigados a trabalhar até a fadiga. Um dos princípios dos campos de concentração era o trabalho; por essa razão, era comum que as pessoas trabalhassem até à exaustão, o que ocasionava doenças ou a morte. Os campos de extermínio eram destinados ao envio dos prisioneiros, conduzidos até a morte nas câmaras de gás. Nesses locais, apenas aqueles designados para realizar funções específicas se mantinham vivos. Alguns dos campos que se enquadram nessas características eram Sobibor, Treblinka e Auschwitz, inseridos no território da Polônia.⁷⁰

De acordo com Beevor, o campo, por vezes, tinha sua capacidade elevada, o que fazia com que o lucro para o regime fosse maior. No entanto, para executar essa tarefa, eram selecionados alguns *Kapos* para que utilizassem a brutalidade e ameaça a fim de agredir os judeus e fazer com que trabalhassem mais intensamente. Apesar das distinções significativas entre os campos, todos estes tinham como intenção serem letais aos prisioneiros. As condições de vida nos campos, que abrangem a infraestrutura e a higiene precárias, a brutalidade, violência e a carga de trabalho extenuante, além da tortura, execuções e doenças, foram alguns fatores que contribuíram para a letalidade.⁷¹

Semelhante a isso, havia a constante presença de fome e sede. Com o passar do tempo, era comum que as pessoas não resistissem à adversidade do ambiente, chegando a sucumbir. As mulheres foram vítimas potenciais, sendo controladas por adestradores de animais, por temerem mais aos cães do que a humanos. Aproximadamente 1.200 campos de concentração

⁷⁰ CHAMON, Karla de Almeida. *Auschwitz: cada dia um dia mais*. Belo Horizonte: Edição da Autora, 2021, p.7.

⁷¹ BEEVOR, Antony. *A Segunda Guerra Mundial*. Tradução de Gabriel de Oliveira Ramos. Rio de Janeiro: Record, 2015, p.578-579.

foram edificados para realocar os judeus, com o propósito do extermínio em massa do grupo. Após a edificação do primeiro campo de concentração, que caracterizava o começo do morticínio nazista, diversos outros campos foram elaborados, operando ao longo do regime nazista. Todo o período que abrangeu o Holocausto se tornou para a maioria das pessoas mais do que uma experiência traumática.

Diversos campos foram distribuídos no território europeu, classificados em campos de trabalho forçado, como Dachau, Sachsenhausen, Buchenwald, Flossenbürg, Mauthausen, Ravensbrück, Neungamme, Auschwitz, Gross-Rosen, Natzweiler, Stutthof, Bergen-Belsen, Mittelbau-Dora, Vivara e Kraków-Plaszów; campos de extermínio, Auschwitz-Birkenau, Chelmno, Sobibor, Lublin/Majdanek, Treblinka, Belzec e os campos de trânsito, Herzogenbosch, Kaunas e Theresienstadt.⁷²

Os campos de extermínio foram estabelecidos com o intuito de facilitar a execução em massa. As mortes no interior desses campos eram realizadas a partir do gás ou fuzilamento das vítimas. Por outro lado, os campos de trabalho forçado, incluindo o de Ravensbrück, eram utilizados para exploração da mão de obra, permitindo que os nazistas lucrassem ao maximizar essa exploração, forçando os indivíduos presentes nesses campos ao trabalho excessivo.

3.2 A História de Ravensbrück

Ravensbrück foi o maior campo de concentração essencialmente feminino, inaugurado no ano de 1939, pouco antes da Segunda Guerra Mundial ser deflagrada. Sua edificação sucedeu-se para aprisionar o crescente número de mulheres, geralmente prisioneiras políticas que estavam encarceradas nas prisões alemãs. Ravensbrück não foi um local construído para abrigar prisioneiras judias, que representavam apenas 10% do total de vítimas; contudo, esse foi um grupo que esteve submetido a intensos sofrimentos e constantes maus-tratos em seu interior.⁷³ O campo esteve em funcionamento por um período de seis anos, até o fim da guerra, e foi um dos últimos a ser libertado pelas forças soviéticas. Ravensbrück era, sobretudo, um campo de trabalho forçado, contando, ao final de seu funcionamento, com uma

⁷² PALMOWSKI, Jan. *Diccionario de historia universal del siglo XX*. Madrid: Akal, 1998, pp.151-152.

⁷³ HELM, Sarah. *Ravensbrück: a história do campo de concentração nazista para mulheres*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2022, p.83.

câmara de gás própria, onde deram origem às mais horrendas experiências para suas vítimas. Em seu interior, as mulheres eram exploradas, escravizadas, submetidas a trabalho forçado, experiências médicas, tortura, castigos físicos e envenenamento por gás.

Idealizado por Heinrich Himmler, arquiteto do genocídio nazista e *Reichsführer* da SS. O campo tinha um planejamento para receber em torno de 5 mil mulheres, porém as pesquisas descrevem que o número de mulheres foi seis vezes maior do que o estimado. Contando com prisioneiras de diversos países e pertencentes a categorias distintas, como resistentes políticas, Testemunhas de Jeová, ciganas, prostitutas, lésbicas e judias, apenas quinze mil delas sobreviveram à tragicidade do campo e empreendimento do genocídio nazista.⁷⁴

As iniciativas de construção do campo se deram em novembro de 1938, influenciadas por Himmler. Até aquele momento, a construção de campos se restringia apenas a encarcerar os resistentes políticos que demonstraram oposição ao regime. Contudo, Himmler pretendia utilizá-los com a finalidade de aprisionar marginalizados e criminosos, com o intuito de limpar a sociedade e garantir a pureza da raça ariana. Em decorrência do alto índice de mulheres prostitutas, criminosas e desabrigadas nas prisões, a iniciativa era a de construir um campo de concentração para mulheres.⁷⁵

A região escolhida para abrigar o Campo foi uma aldeia pequena, localizada próxima à cidade de Fürtensberg, denominada Ravensbrück. Era uma região conhecida de Himmler, que a indicou para ser o local do campo de concentração para mulheres. Contando com belezas naturais, a pequena aldeia era assentada por lagos e de fácil acesso por meio da ferrovia da cidade de Fürtensberg e da rodovia 96. O lago na região do território separava o empreendimento dos espaços residenciais, sendo um local isolado com diversas áreas arborizadas. Foi neste local que o campo se situava, a cerca de 80 quilômetros ao norte de Berlim, e erguido pelos prisioneiros do campo de concentração vizinho, Sachsenhausen. O empreendimento do campo em Ravensbrück foi relativamente importante para a cidade de Fürtensberg, que havia sido atingida pela Grande Depressão econômica, e, por meio da construção de um novo campo, haveria um crescimento do comércio e maiores oportunidades de emprego. Apesar de os habitantes terem conhecimento de que o campo seria construído para aprisionar mulheres, esse fato não era questionado. Em 1939, próximo à data de

⁷⁴ SAIDEL, Rochelle G. As judias do campo de concentração de Ravensbrück. São Paulo: Edusp, 2009, p. 19.

⁷⁵ HELM, Sarah. Ravensbrück: a história do campo de concentração nazista para mulheres. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2022, p.47.

inauguração do campo, as mulheres foram solicitadas para trabalhar na linha de frente dos campos, o que significava ser uma de suas guardas.

Ravensbrück foi inaugurado em maio de 1939, com a chegada de 867 primeiras prisioneiras, provenientes do campo de Lichtenburg, localizado na Saxônia. As prisioneiras, em grande maioria, eram antifascistas alemãs, social-democratas e comunistas, algumas delas de origem judaica.⁷⁶ As mulheres haviam sido conduzidas a Ravensbrück em uma extensa viagem de ônibus e, ao chegarem em seu destino, devido às condições da viagem, muitas estavam debilitadas. Parte das prisioneiras se impressionou ao chegar na região, que era um local com paisagens pitorescas, e achavam estar em um ambiente com melhores condições que as prisões de onde foram retiradas. Ao descer do ônibus, elas se depararam com os guardas e com os cães treinados para o ataque exclusivo de prisioneiras. A chegada ao campo era traumática, assim como a experiência de vivenciar seus acontecimentos; era algo de que todas as mulheres sobreviventes de Ravensbrück se recordariam. A chegada ao local do campo delimitaria para aquelas mulheres como seria a manutenção da ordem a partir daquele momento. Sendo recebidas às chicotadas e ao ataque de cães, Ravensbrück estaria distante das belezas que aparentava; era um local de lento extermínio, desumanização e sofrimento.

O encarceramento em massa de prisioneiras políticas e a sua utilização como mão de obra faziam parte dos objetivos do campo. Com o estouro da Segunda Guerra, o campo passou a receber levas de prisioneiras originárias dos países ocupados pelos soldados nazistas. As prisioneiras tinham divisões próprias no interior do campo, eram reconhecidas a partir de triângulos costurados junto às suas roupas. Os triângulos eram divididos por cores e identificavam a categoria à qual as prisioneiras pertenciam, sendo estas prisioneiras políticas, judias, associadas, criminosas e testemunhas de Jeová. Dependendo da categoria, essas mulheres eram encarregadas de executar funções e tarefas distintas, como os serviços no pátio do campo ou na construção de equipamentos para a Fábrica Siemens.

A década de 1930, que marca a chegada do nazismo de Adolf Hitler ao poder, era caracterizada por uma estratificada divisão social, referente aos papéis específicos de gênero, designando uma atuação feminina na sociedade restrita a determinados padrões normativos. A mulher nesse contexto tinha que cuidar da família e prestar apoio à comunidade local, não desfrutando de direitos políticos, como o voto e participação no âmbito político. Mediante a atuação feminina na sociedade, quando retiradas desses papéis de gênero e impostas ao

⁷⁶ Ibidem, p. 29.

encarceramento nos campos de concentração, representou um forte abalo emocional para estas mulheres que estavam habituadas a uma vida doméstica, restrita à família e cuidados no lar. O encarceramento e a deportação representaram a retirada dessas mulheres do seu cotidiano e do ambiente comum. Apesar de a perseguição aos judeus ter sido determinada por um fator racial, as questões de gênero fizeram distinção no Holocausto, em virtude de os papéis de gênero serem bem delimitados, principalmente para as mulheres judias. Isso contribuiu para a forma como elas enfrentaram o Holocausto.⁷⁷

O empreendimento da Solução Final judaica contou com instituições distintas, porém o campo de concentração foi o aparato do regime nazista. “O campo não foi apenas a primeira grande e distintamente nova instituição da Alemanha durante o período nazista, mas também — e mais significativamente — a maior e mais importante — inovação institucional da Alemanha durante o período nazista.”⁷⁸ Os Campos de Concentração eram considerados emblemáticos, representavam distintivamente as características do Regime Nazista na Alemanha, onde pode-se enxergar o verdadeiro caráter dessa política e seu domínio na Europa.

Ravensbrück, ao longo de seus seis anos de funcionamento, aprisionou em torno de 130 mil mulheres. Os números de mortes ocorridas no campo são estimados entre 30 e 90 mil. Identificar os dados de Ravensbrück com precisão não é possível devido à destruição de evidências, incineradas pelos soldados nazistas.⁷⁹ A documentação reduzida do campo contribuiu para o desconhecimento da sua história e das vítimas abrigadas no campo feminino. Com o passar dos anos, o número de prisioneiras era crescente e o campo necessitou ser ampliado. Campos-satélites foram incorporados à região que abrigava Ravensbrück. Apesar da expansão realizada, a superlotação no campo era comum, já que passou a contar com mais mulheres do que o planejado.

⁷⁷ A interferência dos papéis sociais de gênero do período antecedente à guerra refletiu a experiência do holocausto para as vítimas, sejam homens ou mulheres. Tendo como partido a construção dos papéis de gênero para as mulheres, é possível delimitar que a categoria gênero contribuiu para tornar as condições penosas no interior do campo e oprimir as vítimas. No caso das mulheres judias, praticantes da religião, o fator gênero associado aos costumes religiosos criou um ambiente de agrura para essas mulheres, que viviam subjugadas à opressão por gênero e herança étnica ou religiosa. (HYDER, Evelyn Ann. *Women in the Holocaust: The Memoirs of Ruth Kluger, Cordelia Edvardson, and Judith Magyar Isaacson*. VDM Verlag, 2009, p.22.)

⁷⁸ GOLDHAGEN, Daniel Jonah. *Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o Holocausto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p.175.

⁷⁹ HELM, Sarah. *Ravensbrück: a história do campo de concentração nazista para mulheres*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2022, p.16.

O local que abrigava o campo possuía um lago adiante e, à direita, situava-se a cidade de Fürstenberg. Em oposição ao lago, à esquerda estava um muro de cinco metros de altura. Contando com 2,4 hectares de terra, era espaçoso o suficiente para abrigar o quantitativo. Esperado em seu ano de abertura, posteriormente, as condições do campo se deterioraram devido à chegada de múltiplas prisioneiras. Diante da entrada do campo de concentração, era possível contemplar o portão de ferro e seus grandes muros. Na área interna havia uma grande praça, a *Appellplatz*; sua extensão poderia ser comparada a uma arena de futebol. As prisioneiras eram reunidas na praça, que contava com alto-falantes acima dos postes. Acima dos muros, havia cercas elétricas e caveiras que indicavam a alta voltagem e o perigo de choque elétrico. O complexo do campo era composto por prédios feitos de madeira, dispostos em duas fileiras que ocupavam o pátio do campo e eram alinhadas à rua principal do complexo, a *Largerstrasse*.⁸⁰

Os alojamentos das prisioneiras foram distribuídos de forma a manter a vigilância no complexo. As janelas de um prédio, portanto, tinham como vista os fundos de outro bloco. A disposição dos prédios facilitava o trabalho das guardas que deveriam vigiar as prisioneiras constantemente. Na praça do campo, *Appellplatz*, havia um *revier*, a enfermaria do campo, além de uma cantina da SS. Do lado oposto, havia a casa de banho e a cozinha; no prédio posterior, havia um depósito de roupas, que abrigava as peças de roupas das prisioneiras, e também a lavanderia.

O idealizador dos campos da SS, Heinrich Himmler, tinha como exigência a autossuficiência dos campos. Em razão disso, os campos tinham seus próprios utensílios para o funcionamento, Ravensbrück contava com uma horta, um galinheiro, pomar e até mesmo um jardim de flores. Himmler recomendava que os campos compartilhassem seus recursos. No caso de Ravensbrück, como não possuía um forno para assar os pães, era diariamente abastecido pelo campo masculino de Sachsenhausen, que se localizava a cerca de 80 quilômetros da região.

Assim como nos demais campos de concentração, a organização em quadriculas foi utilizada em Ravensbrück para garantir que as prisioneiras estivessem em constante vigilância. Desse modo, o campo precisaria de um menor número de guardas devido à composição. Para operar o local, a SS designou trinta guardas mulheres e doze homens, apesar

⁸⁰ Ibidem, p.31.

de possuírem autonomia, todos permaneciam sob o comando de Max Koegel, o *Sturmabführer*. Além destes grupos de funcionários, havia a chefe das guardas femininas, Johanna Langefeld. As guardas mulheres estavam subordinadas aos soldados e a Langefeld, que, apesar de exercer o cargo de chefia, não detinha muita autoridade no campo, de modo que opinava especificamente sobre as “questões femininas”.⁸¹

Ravensbrück possuía uma organização complexa de hierarquias, integrada pela liderança da SS e divisões de prisioneiros. Conforme descrito acima, da hierarquia estava Max Koegel, que possuía uma experiência prévia no cargo, posto que trabalhou anteriormente como diretor do centro de detenção da prisão de Lichtenburg. Na função de comandante do campo, devia estruturar a rotina de funcionamento diário e, em consonância, devia supervisionar a aplicação de regras e punição de prisioneiros ou funcionários. Seguindo a hierarquia padrão de campos nazistas, Ravensbrück era composto de cinco escritórios principais. Em sequência ao escritório do comandante, estavam o Chefe de Custódia Protetiva, o departamento político, o escritório administrativo e o escritório do médico do campo. O chefe dos campos era o encarregado de tratar dos prisioneiros, inclusive no controle das atividades laborais dos internos, mediado pelos esquadrões de trabalho e pela *Oberaufseherin*, a supervisora-chefe. Esse último cargo era composto geralmente por mulheres, que acompanhavam pessoalmente os prisioneiros.

O departamento político era especificamente independente dos demais escritórios, devido a estar relacionado à Gestapo. Esse setor controlava e registrava a entrada e saída dos prisioneiros; ademais, devia categorizar os internos. Pela sua relação com a Gestapo, possuía autonomia para realizar investigações dentro do campo acerca dos prisioneiros, avaliando as condições do campo e o trabalho executado pelos outros membros da SS. O escritório administrativo monitorava as instalações dos campos e dirigia os suprimentos e as finanças. Já o médico da guarnição permaneceria no escritório médico, que supervisionava a enfermaria e desempenhava um papel considerável nos experimentos médicos realizados no campo. Em suma, parte da mão de obra nazista que cooperava para administrar os campos era composta por membros da *Waffen-SS*, trabalhando como motoristas e guardas, e possuíam alojamento em quartéis externos ao campo de concentração. Diversas mulheres trabalharam em Ravensbrück como supervisoras do campo, que eram geralmente jovens alemãs que tiveram uma educação formal e pertenciam a famílias comuns. Esse trabalho, exercido por mulheres,

⁸¹ HELM, Sarah. *Ravensbrück: a história do campo de concentração nazista para mulheres*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2022, p.32.

era notadamente uma oportunidade proveitosa, devido à remuneração elevada em relação aos demais trabalhos disponíveis para as mulheres nesse espaço.

As prisioneiras do campo foram organizadas pelos nazistas por categorias específicas, a partir dos triângulos com cores que as identificavam e números postos em seus uniformes. O triângulo amarelo identificava as prisioneiras judias, o vermelho as prisioneiras políticas, o roxo era referente às Testemunhas de Jeová, enquanto o triângulo preto designava as prisioneiras associadas e o verde as mulheres criminosas. Algumas prisioneiras poderiam pertencer a duas categorias: ser judia e associada, ou judia e prisioneira política. Nesses casos, era necessário costurar uma cor de triângulo sobre a outra, ressaltando ambas as categorias ocupadas. Diversas prisioneiras judias pertenciam à categoria de prisioneiras políticas; apesar disso, eram geralmente listadas a partir da sua “raça” e origem judia. A maior categoria do campo era a das prisioneiras associadas e políticas, por conta de diversos crimes se adequarem às particularidades desse grupo específico. Os triângulos poderiam conter letras, como no caso das prisioneiras pertencentes a outros países, em que a letra inicial do seu país de origem era emendada no triângulo. A chegada de novas prisioneiras era composta pelo ritual de raspar a cabeça e costurar seu próprio número e triângulos de sua categoria.⁸²

O trabalho era um dos elementos que fazia parte do cotidiano em Ravensbrück; as mulheres eram designadas a executar tarefas e expostas a cargas excessivas de serviço. Com a ampliação do campo Ravensbrück, muitos subcampos ou campos satélites foram criados; neles estavam contidas fábricas destinadas à produção bélica. Uma das mais conhecidas fábricas do período era a companhia elétrica Siemens. Os campos satélites eram um local de trabalho constante; porém, as prisioneiras possuíam melhores condições de habitação, alimentação e higiene.

A evolução do campo e o crescimento esporádico do número de prisioneiras desencadearam uma constante deterioração de suas condições. A população de mulheres era dez vezes maior do que o planejado para acomodação do campo; as barracas eram insuficientes para abrigar todas as prisioneiras, que dormiam apinhadas e geralmente uma sobre as outras. Algumas dormiam no chão devido à insuficiência de camas. Nas beliches dormiam até três prisioneiras, que tinham que dividir o mesmo colchão. As refeições eram poucas e afetavam a saúde das vítimas, que estavam magras e desnutridas. Devido às

⁸² SAIDEL, Rochelle G. As judias do campo de concentração de Ravensbrück. São Paulo: Edusp, 2009, p. 43.

precárias condições, Himmler ordenou que fosse construída uma câmara de gás no campo para efetivação do extermínio das vítimas, que tiveram seus restos mortais jogados no lago.⁸³

3.3 O Cotidiano no campo feminino

As condições de vida das mulheres no campo de concentração de Ravensbrück eram degradantes; os castigos físicos e torturas faziam parte de seu cotidiano. Apesar de não ser categorizado como um campo de extermínio, Ravensbrück foi um local de morticínio para suas vítimas, que faleceram em decorrência da fome, desenvolvimento de doenças, excesso de trabalho, fuzilamento, envenenamento, experimentos médicos, ataques de cães, castigos físicos, métodos de tortura e envenenamento por gás tóxico.

O trabalho escravo e os castigos sempre foram comuns em Ravensbrück e se intensificaram com a iminência da guerra. Assim que o campo foi inaugurado, as prisioneiras tiveram de construir uma estrada em seu interior e ocupações para moradia dos guardas nazistas que trabalhavam em Ravensbrück.

No decorrer dos anos de operação do campo de Ravensbrück, destaca-se a ocorrência de múltiplas formas de punição, castigos, coerção e, principalmente, violências empreendidas contra as mulheres. Ravensbrück se destaca pelos crimes cometidos contra o corpo feminino, sendo descrito como “a capital do crime feminino”.

Os nazis cometeram também atrocidades contra mulheres em muitos outros locais: mais de metade dos judeus assassinados nos campos de morte eram mulheres, e perto do fim da guerra as mulheres foram detidas em vários outros campos de concentração. Mas tal como Auschwitz foi a capital do crime contra os judeus, assim também Ravensbrück foi a capital do crime contra as mulheres.⁸⁴

A mão de obra das vítimas era explorada ao extremo, de forma que havia atribuições distintas para cada uma delas. As mulheres atuavam como operárias, lavradoras, trabalhadores florestais e auxiliares na ampliação do campo de concentração. As mulheres idosas ou incapazes de trabalhar exerciam tarefas menos intensivas, como o tricô ou a limpeza dos

⁸³ SAIDEL, Rochelle G. As judias do campo de concentração de Ravensbrück. São Paulo: Edusp, 2009, p. 37.

⁸⁴ HELM, Sarah. *Ravensbrück: a história do campo de concentração nazista para mulheres*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2022, p.831.

blocos e latrinas. O campo contava com uma ampla distribuição de campos-satélites, abrigando empresas que colaboraram com a manutenção da guerra.

O campo de Ravensbrück dispunha de um bloco de celas, denominado de *Bunker*; era uma solitária onde as vítimas eram detidas e punidas. Havia formas de tortura específicas do campo feminino. Ravensbrück contava com uma sala de gelo, na qual as mulheres eram obrigadas a permanecer descalças sob o gelo por horas. Por vezes, para aumentar a punição das vítimas, era obrigado que as prisioneiras se despiassem e fossem jogadas na sala. Métodos convencionais de castigo também eram utilizados nas internas, como as chibatadas e os ataques de cães.

A violência no interior dos campos de concentração ocorria regularmente e era a única relação que havia entre guardas e prisioneiros nos campos. Primo Levi denomina esse tipo de violência como uma violência inútil, cujo único propósito seria ocasionar a dor em suas vítimas. Em Ravensbrück, essa foi uma violência experimentada pelas vítimas, que eram torturadas ou castigadas sem nenhuma finalidade, senão a dor física.⁸⁵

As mulheres de Ravensbrück narram jornadas intermináveis transcorridas durante o período de quarentena (ou seja, antes do enquadramento nas brigadas de trabalho em fábrica) a remover areia das dunas: em círculos, sob o sol de julho, cada deportada devia deslocar a areia de seu monte para o monte da vizinha da direita, num circuito sem meta nem fim, uma vez que a areia voltava para o lugar de onde era tirada.⁸⁶

Durante o período de funcionamento do campo, as condições para as internas foram se deteriorando. Fator que se agravou devido ao número de mulheres. Nos dois primeiros anos de inauguração, o campo demonstrava ser bem ordenado e cuidado; contudo, os anos posteriores a 1940 representaram que o número de prisioneiras já excedia a capacidade máxima que poderia ser abrigada. Uma das consequências desse fato foi a nutrição das vítimas, que não possuíam alimentação adequada. A falta de alguns recursos, como as vestimentas, fez com que as vítimas não tivessem roupas adequadas. Geralmente, elas tinham de receber roupas que pertenceram a outras prisioneiras já falecidas, e nem sempre eram do seu próprio tamanho.⁸⁷

O fato de muitas mulheres estarem vivendo juntas ocasionava a superlotação do campo. As barracas, que tinham capacidade para abrigar cerca de 200 vítimas, alocavam em

⁸⁵ LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes: os delitos, os castigos, as penas, as impunidades*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2004, p.104.

⁸⁶ Ibidem, p.104

⁸⁷ SAIDEL, Rochelle G. *As judias do campo de concentração de Ravensbrück*. São Paulo: Edusp, 2009, p. 33-34.

torno de 1000 mulheres, e as camas eram divididas entre duas ou três vítimas. O risco de desenvolver algum tipo de doença era grande; a água do campo não era própria para beber e, caso fosse ingerida, as mulheres corriam risco de contaminação. A infecção por piolhos era constante e acometia quase todas as prisioneiras. A rotina em Ravensbrück era seguida precisamente; as internas deveriam se levantar às quatro horas da manhã e se reunir na praça do campo, aguardando a chamada dos nomes.⁸⁸

Ao retornar aos barracões, as vítimas recebiam a primeira refeição diária, um pouco de café e um pedaço de pão. Logo em seguida, todas deveriam se dirigir aos seus locais de trabalho. Havia sirenes no interior do campo, que designavam as atividades, como acordar, almoçar e finalizar os trabalhos. Apesar da rotina excessiva no campo, as mulheres faziam o possível para se adaptar e resistir a cada dia. Como as tarefas designadas pelos nazistas eram demasiadamente pesadas, muitas mulheres sofriam pela exaustão física e eram transferidas para a enfermaria.

Assim como havia métodos de tortura, os nazistas formularam métodos para assassinar mulheres em Ravensbrück. Dentre estes, os trabalhos pesados para levar à exaustão, fuzilamento, injeção letal, experimentos médicos e inalação de gases tóxicos. Quando Ravensbrück ainda não operava com sua própria câmara de gás, construída apenas no ano de 1944, as mulheres eram transferidas para outras instalações a fim de serem assassinadas. Foi o que ocorreu com algumas prisioneiras judias e resistentes políticas no ano de 1942, em que foram transferidas para o campo de Bernburg.⁸⁹

Uma das formas de violência estritamente vivenciada pelas mulheres em Ravensbrück era a prostituição forçada. No ano de 1941, a SS realizou a instalação de bordéis em campos de concentração para homens, com a finalidade de conceder certos “privilégios” aos prisioneiros ou para uso dos próprios soldados. A prostituição forçada foi uma realidade das vítimas em Ravensbrück. Havia mulheres que eram solicitadas para esse trabalho em específico, porém muitas delas se voluntariaram para o serviço, pensando que conseguiriam alcançar sua liberdade. Quando as vítimas retornavam ao campo de Ravensbrück, estavam contaminadas por doenças ou grávidas.⁹⁰

⁸⁸ Ibidem, p.35.

⁸⁹ Ibidem, p. 36.

⁹⁰ Ibidem, p.39.

3.4 As violências perpetradas contra as vítimas mulheres

Analisando historicamente, a temática da violência de cunho sexual que vitimou as mulheres durante o período do Regime Nazista se constituiu como um tópico dubitável e de análise complexa.⁹¹ Considerando o contexto de guerras, a violência sexual foi retratada como elemento secundário, no entanto, foi uma consequência recorrente e previsível originária desses conflitos. As mulheres capturadas em confrontos armados podem ser consideradas alvos acessíveis e almejados, assim como se tornaram seres humanos invisíveis, sendo tratadas com insignificância, o que resultou na indiferença específica ao seu sofrimento.⁹² Durante determinado espaço temporal, a guerra foi retratada com base no viés masculino, portanto, essa representação conduziu para o silenciamento feminino. Mediante a escassez de relatos, o silenciamento contra as mulheres e a abordagem reducionista da violência sexual evidenciaram uma limitação nas pesquisas sobre o tema. Essa perspectiva serviu para negligenciar o impacto do abuso no processo de desumanização humana, além de desconsiderar, do mesmo modo, as profundas sequelas psicológicas que se perpetuaram nas vítimas dessa prática.

Durante décadas, a experiência feminina em confrontos como a segunda guerra mundial, foi considerada de caráter secundário no contexto do Holocausto e do Regime Nazista. Semelhantemente, as mulheres permaneceram em silêncio, sendo destacado somente o papel masculino na guerra e resistência. No entanto, as mulheres frequentemente faziam parte de movimentos de clandestinidade logrando um papel essencial na sobrevivência. As mulheres estiveram subjugadas a diversas formas de violência, com relação ao trabalho, exploração sexual, além de experimentos médicos, a partir desse aspecto é possível analisar sob um amplo espectro as formas de resistência e sobrevivência engendradas pelas mesmas.

De acordo com Myrna Goldenberg, é essencial observar que, desde o princípio, o Holocausto superou as barreiras de gênero ou sexo. Apesar dessa assertiva, considera-se que as mulheres vivenciaram experiências distintas relacionadas aos homens, e as questões de gênero e sexo, portanto, não podem ser completamente negligenciadas pelos estudiosos no cerne das pesquisas.⁹³

A ênfase na especificidade das questões relacionadas à violência racista e antissemita oriunda do nazismo parece ter incentivado o fato de os crimes sexuais terem sido ocultados.

⁹¹ RITTNER, Carol; ROTH John K. *Different Voices: Women and Holocaust*. New York: Paragon, 1993, p. 11.

⁹² SAIDEL, Rochelle G. *As judias do campo de concentração de Ravensbrück*. São Paulo: Edusp, 2009, p.14.

⁹³ GOLDENBERG, Myrna; SHAPIRO, Amy. *Different horrors, same hell: gender and the Holocaust*. Seattle: University of Washington Press, 2013, p.100.

Alguns pesquisadores reiteram que a ênfase nas vivências femininas pode minimizar a relevância do evento Holocausto, reduzindo o fenômeno aos aspectos do sexismo e evadindo o fato de que os nazistas ponderaram as vítimas sem observar os aparatos de gênero ou idade, tendo-as apenas como judeus.⁹⁴ Essa argumentação foi amplamente criticada pelos acadêmicos que se debruçaram sobre o Holocausto. Alguns autores afirmam que os nazistas realizaram distinções entre homens e mulheres, apesar da evidente discriminação racial, enfatizando o aspecto de gênero.

As vivências femininas evidenciam uma análise aprofundada e significativa do Holocausto e resistência no Regime Nazista, em oposição a desconsiderar o sofrimento das demais vítimas. Ater-se aos relatos existentes que retratam a violência sexual demonstra os avanços nos estudos do Holocausto, avaliando suas precisões, além de reconhecer a singularidade do sofrimento submetido às mulheres. Rochelle Saidel argumenta que a narrativa de cada sobrevivente deve ser considerada única; no entanto, as experiências femininas em sua abrangência foram, em certa maneira, distintas das experiências masculinas na gênese do sofrimento coletivo daqueles atingidos pelo Holocausto.⁹⁵ Distinguir as formas e métodos de violência sexual fornece uma análise ampla do abuso sexual como instrumento de desumanização, o que se opõe à noção de que o abuso sexual seria meramente um dos efeitos nocivos da brutalidade humana nas guerras.

Patricia Szobar demonstra duas classificações de violência sexual. Inicialmente, a primeira se refere às formas de violência que ocorreram e, iminentemente, integraram o programa de extermínio do regime nazista. Já a segunda refere-se à violência sexual que integrou o projeto nacional-socialista de pureza racial.⁹⁶ Considerando o campo de concentração feminino de Ravensbrück, é evidente que as mulheres perpassaram por experiências de violência múltiplas enquanto internas. Assim, a análise do campo de concentração de Ravensbrück evidencia a vitimização e desumanização de mulheres, que tiveram seus corpos generificados pelo sistema nazista, a partir do uso de aspectos biológicos e normativos. Para tanto, como forma de averiguar as especificidades do campo serão consideradas e descritas as formas de violência, como a humilhação sexual, experimentos médicos, prostituição forçada, aborto e infanticídio, além do estupro.

⁹⁴ Ibidem, p. 4.

⁹⁵ SAIDEL, Rochelle G. *As judias do campo de concentração de Ravensbrück*. São Paulo: Edusp, 2009, p.22.

⁹⁶ HERZOG, Dagmar. *Lessons and legacies VII: the Holocaust in international perspective*. Evanston: Northwestern University Press, 2006, p. 159.

3.4.1 Humilhação sexual e assédio

As violências como a humilhação sexual, abuso e assédio que foram contínuas e operantes em Ravensbrück, não devem, ser tidas somente como consequências da guerra, mas instrumentos intencionais de desumanização das vítimas, exercendo o controle biopolítico a partir de seus corpos. A violência sexual visava degradar as vítimas no interior do campo e suplantava a definição específica de estupro, mas compunha uma variedade de ações e categorias destinadas a atingir e tornar a mulher vulnerável naquele contexto, sendo capaz de expor as fragilidades das vítimas. Esses atos de violência estiveram essencialmente inerentes na opressão nazista.

A categoria de violência intitulada humilhação sexual, pretende considerar a expectativa social na qual as mulheres estiveram inseridas, baseando-se em aspectos como o recato e a modéstia feminina. Portanto, a humilhação sistemática possuía como intuito neutralizar a subjetividade das mulheres, a partir da exposição e violação de sua modéstia. Ao analisar o contexto feminino no período, vê-se que parte da população de mulheres cresceu em comunidades que tinham como prerrogativa a modéstia nas interações entre os gêneros.⁹⁷ Assim, ao chegar ao campo de Ravensbrück, as mulheres eram conduzidas a situações de invasão de sua privacidade, que se tornava um elemento em poder dos nazistas no campo. Ao momento de ingresso no campo, era instruído às mulheres que se despissem a fim de serem examinadas e higienizadas demonstrando a violação aos seus corpos e humilhação.

Esse é um aspecto preponderante no relato da sobrevivente Natalie Hess, onde detalha o momento em que outras mulheres estão à espera dos exames em Ravensbrück, em que uma testemunha vê a outra despindo-se. Ela descreve esta situação como um ato de humilhação, enquanto interna capaz de destruir a si própria.⁹⁸ O exposto pela interna é equivalente ao sentimento de vergonha perante as outras vítimas, considerando que, para muitas delas, essa havia sido a primeira ocasião em que se despiram mediante a alguém que não pertencesse à sua família. Para algumas delas, foi a primeira vez em que estiveram despidas na frente da outra mulher, porquanto não ficavam sem roupas nem mesmo diante de suas próprias mães. Esse acontecimento compulsório para as vítimas foi experienciado como devastador e humilhante.

⁹⁷ Ibidem, p. 210.

⁹⁸ HESS, Natalie. *Remembering Ravensbrück: from Holocaust to healing*. Boca Raton, FL: Amsterdam Publishers, 2020, p. 31.

O sentimento de vergonha era intensificado devido à presença de oficiais masculinos da SS. Durante o primeiro banho das mulheres e a inspeção contra os piolhos, Herbermann descreve que os homens do esquadrão nazista circulavam entre elas, que permaneceram expostas por horas.⁹⁹ A vítima expressa que esta foi a situação mais adversa. Porquanto, a presença de homens observando os seus corpos gerava uma espécie de desconforto nessas mulheres, elevado não somente pelas questões relativas à religião ou cultura, mas simplesmente por não deliberar sobre si mesmas, considerando que a decisão de se despir não havia partido delas.

Apesar da finalidade proposta pelo teste, aquele não era um espaço médico adequado e com especialistas em saúde. Pelo contrário, os oficiais da SS geralmente escarneciam dos corpos femininos presentes. A degradação de ser forçada à nudez pelo olhar e escárnio alheio não deve ser equiparada ao estupro; no entanto, é atribuída a uma forma de agressão sexual. Rochelle Saidel aponta que as características associadas ao gênero ocasionaram o sofrimento das vítimas mulheres.¹⁰⁰ Isso é explicado pelas dinâmicas sociais inerentes àquela sociedade no tratamento de homens e mulheres. As jovens eram ensinadas a ser recatadas, e várias mulheres vivenciaram traumas nos campos, precisamente, no caso citado, quando eram forçadas a se expor despidas na frente de homens e até de outras mulheres. A chamada diária que ocorria no campo poderia ser frequentemente um ato de humilhação sexual. Visto que, alguns membros da SS ou o oficial responsável exigissem que os prisioneiros se despissem, durante a contagem.

Herbermann recorda que, quando a contagem era imprecisa, o comandante surgia e todas temiam pelo que pudesse ocorrer. Quando ele tinha vontade, obrigava alguma prisioneira a se despir diante dele e das demais internas na praça do campo. Ela descreve, semelhantemente, que os guardas também visitavam o chuveiro, onde as mulheres se banhavam, para provocá-las e rir. O uso dos sanitários se transformou em uma maneira de humilhação sexual. Posto que, em Ravensbrück, as instalações não garantiam nenhum modo de privacidade. Assim, as mulheres eram obrigadas a se despir e utilizar os banheiros na presença de outras mulheres e até mesmo guardas. Saidel assevera que a superlotação e o constante convívio com as demais mulheres no barracão, especialmente nas latrinas, impossibilitavam possuir alguma particularidade ou senso natural de pudor. Embora tenha se tornado comum nos campos dividir essas intimidades, ocasionava um sofrimento excessivo

⁹⁹ HERBERMANN, Nanda. *The Blessed Abyss: Inmate# 6582 in Ravensbrück Concentration Camp for Women*. Wayne State University Press, 2000, p.110.

¹⁰⁰ SAIDEL, Rochelle G. *As judias do campo de concentração de Ravensbrück*. São Paulo: Edusp, 2009, p.230.

nas vítimas, mental e físico.¹⁰¹ Diversos problemas acometiam os banheiros; além da superlotação, a tubulação e a disposição do local elevavam a humilhação relacionada ao uso dos banheiros. Cada um dos quartéis continha oito banheiros, o que parecia insuficiente considerando a quantidade de mulheres aprisionadas, ademais, quando o campo perpassou por condições de superlotação. As canalizações dos banheiros apresentavam falhas constantes, gerando um ambiente insalubre, o que forçava as mulheres a fazerem suas necessidades ao ar livre.

As prisioneiras, do mesmo modo, eram submetidas a exames regulares ao decorrer do processo de seleção. A SS exigia que elas aguardassem no local externo aos barracões e que se despiassem. Enquanto um grupo verificava as roupas das vítimas em busca de alguma mercadoria ou contrabando, o outro realizava buscas nos barracos. Nessa inspeção, as mulheres permaneciam nuas a todo instante. Morrison observa que os exames médicos eram realizados com certa frequência, e que, nesse espaço de tempo, as mulheres eram mantidas sem as roupas, aguardando por horas a chegada dos médicos. Nas inspeções, as mulheres deviam manter a postura ereta e os braços ao lado do corpo, passando em fila mediante as guardas do campo.¹⁰²

As humilhações específicas em Ravensbrück, ocultavam o abuso submetido às mulheres. As inspeções de saúde recorrentes, demonstram a degradação cotidiana e recorrente do corpo feminino. Ao decorrer do processo de admissão das internas e na rotina do campo, vê-se que as vítimas eram conduzidas a exames impróprios e invasivos, dispendo de pouca ou nenhuma condição higiênica. Além de, degradação pessoal à sua religião ou cultural, principalmente nos aspectos da modéstia. O ato de humilhação contribuiu, sobretudo para vulnerabilizar as vítimas e acentuar o sofrimento psíquico ao invadir a integridade física e pessoal das mulheres.

O assédio sexual ou molestamento, também era uma realidade nos campos de concentração que existiram ao decorrer do regime nazista, sendo manifesto em grande parte como forma de humilhação sexual e inerente ao processo de acolhimento das prisioneiras. O termo “molestamento” é utilizado devido aos diversos termos existentes que configuram o abuso sexual de mulheres, abrangendo uma lista de distintos atos de violência. Ao decorrer do Holocausto, o abuso sexual foi o destino de algumas mulheres; no entanto, a violência

¹⁰¹ SAIDEL, Rochelle G. *As judias do campo de concentração de Ravensbrück*. São Paulo: Edusp, 2009, p.207.

¹⁰² MORRISON, Jack G. *Ravensbruck: everyday life in a women's concentration camp, 1939-45*. Princeton: Markus Wiener Publishers, 2000, p.175.

abrangeu a maioria.¹⁰³ Desde o princípio em que ingressaram nos campos, as mulheres foram forçadas a se despir para o primeiro banho, submetidas a inspeções com o intuito de verificar a presença dos piolhos. Nesse momento, os cabelos das vítimas e suas regiões íntimas eram raspadas, como medidas para controlar as possíveis infestações.

Em determinado momento do procedimento de admissão de novas internas, os guardas nazistas eram responsáveis por examinar intimamente as vítimas, com a justificativa de que se tratavam de exames relacionados a rotina. Este foi um dos aspectos descritos pela sobrevivente dos campos, Selma Van de Perre, detida em Ravensbrück, em sua autobiografia onde relata suas experiências. Ela destaca que essa situação era uma das ocorrências no campo, e embora parecesse dolorosa e humilhante para as vítimas de modo abrangente, consistia em um sentimento de maior intensidade para freiras ou pessoas religiosas, devido ao médico não possuir nenhuma higienização nesse processo, em que as luvas eram reutilizadas em todas as prisioneiras, sem troca entre os exames.¹⁰⁴

Pode-se ponderar que esses exames minuciosos se transformaram em formas de abuso sexual, como toques indevidos ou até a ocorrência do estupro. Os soldados da SS eram encarregados regularmente por essas inspeções. Esse processo era totalmente degradante para as vítimas, porquanto os homens realizavam buscas em seus corpos, além de depreciá-las.

Às mulheres, era instruído não esconder nada dos guardas, justamente por serem submetidas aos exames ginecológicos. Em alguns relatos, as prisioneiras revelam que algumas entraram em um estado de histeria, ao chorarem e se sentirem envergonhadas da situação. Sarah Helm, em sua biografia do campo de concentração de Ravensbrück, escreve acerca da experiência de exame ginecológico submetido a uma das vítimas do campo. Onde se aponta que as mulheres eram avaliadas minuciosamente, por completo, com as mãos sendo inseridas em seus corpos, enquanto os membros da SS observavam o procedimento e gritavam ofensas às vítimas.¹⁰⁵

O assédio e humilhação das vítimas, era manifesto a partir da linguagem, e comunicação com os guardas que dirigiam comentários ofensivos às mulheres, com a intenção de degradá-las na condição de internas do campo. A humilhação, foi sobretudo, uma

¹⁰³ HEDGEPEETH, Sonja M.; SAIDEL, Rochelle G. *Sexual Violence against Jewish Women during the Holocaust*. Waltham: Brandeis University Press, 2010, pp. 16-17.

¹⁰⁴ PERRE, Selma Van de. *Meu nome é Selma: A extraordinária biografia de uma combatente da resistência judaica holandesa e sobrevivente do campo de concentração de Ravensbrück*. São Paulo: Editora Seoman, 2022, p.141.

¹⁰⁵ HELM, Sarah. *Ravensbrück: a história do campo de concentração nazista para mulheres*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2022, p.271.

das bases pelas quais as demais violências se perpetuaram em Ravensbrück, orientando para a destruição da identidade dessas mulheres e objetificar seus corpos.

3.4.2 Prostituição forçada e extorsão

A prostituição forçada é uma questão de extrema relevância ao se avaliar o campo de concentração feminino de Ravensbrück, considerando que diversas prisioneiras foram coagidas a trabalhar nestes estabelecimentos. Heinrich Himmler, o *Reichsführer* da SS, ordenou a criação de bordéis nos campos de concentração, conhecidos como *Sonderbauten*, que significava construções especiais. Esse empreendimento foi realizado após uma vitória no campo de Mauthausen em abril de 1941.¹⁰⁶ O líder nazista acreditava que proporcionar aos prisioneiros masculinos a oportunidade de frequentar um bordel seria equivalente a um estímulo para dedicação no trabalho e o alcance das metas estabelecidas. Para tanto, esse foi um meio de utilizar as relações sexuais em benefício do *Reich*, sendo uma ferramenta de poder e privilégio nazista. Entre 1942 e 1945, foram edificadas bordéis em diversos campos, o maior deles operou em Auschwitz. Era um meio de sobreviver ao aprisionamento nos campos de concentração. Algumas normas foram criadas para o funcionamento desses bordéis, estabelecidas por Oswald Pohl, o *Obergruppenführer*, líder do Escritório Central de Administração Econômica da SS, que implementou normas que restringiam o acesso aos bordéis somente aos prisioneiros de origem alemã ou características arianas.¹⁰⁷

Algumas normas sobre a concessão de privilégios aos prisioneiros ou o decreto referente a bônus permitiram que os prisioneiros com maior desempenho visitassem o bordel do campo. Esses estabelecimentos possuíam algumas funções, além das recompensas e incentivos. Eram utilizados como norma, a fim de estabelecer uma solução obrigatória para os prisioneiros homens condenados por homossexualidade.¹⁰⁸

O campo de concentração de Ravensbrück não possuía um bordel em suas instalações; assim, a maioria das mulheres foi obrigada a trabalhar nos bordéis de outros campos de concentração, estando submetidas em Ravensbrück. A abertura dos primeiros bordéis no campo ocorreu em 1942, e as prisioneiras foram recrutadas a partir de Ravensbrück, onde o regime firmou o compromisso com as prisioneiras de conceder-lhes liberdade após seis meses

¹⁰⁶ HERZOG, Dagmar. *Lessons and Legacies VII: The Holocaust in International Perspective*. Evanston: Northwestern University Press, 2006, p.171.

¹⁰⁷ Ibidem, p.171.

¹⁰⁸ RITTNER, Carol; ROTH, John K. *Different Voices: Women and Holocaust*. New York: Paragon, 1993, p. 262.

de serviço.¹⁰⁹ Essa promessa, no entanto, não foi concretizada. As mulheres que cumpriram o período de serviço, ademais, aquelas que adoeceram ou engravidaram foram transferidas de volta para Ravensbrück ou aprisionadas em outros campos, como o de Auschwitz. Ao retornarem dos bordéis, as mulheres eram frequentemente designadas para o bloco de punição, especialmente se apresentassem alguma doença ou estivessem gestantes. Nesse caso, a solução era o extermínio.¹¹⁰

É essencial diferenciar essa condição como prostituição forçada, em detrimento de apenas prostituição, para garantir a precisão e a dignidade. O termo prostituição sugere que as mulheres participaram da escolha e tiveram autonomia para decidir por si. Embora muitas dessas mulheres tivessem se oferecido para o trabalho ou sido selecionadas para os bordéis, isso não aponta a vontade ou consentimento das vítimas. Classificá-las como participantes voluntárias nos bordéis trouxe desafios e controvérsias entre os estudiosos, de modo a reduzir a sua identidade à de prostitutas, em vez de reconhecê-las como vítimas. Recordar dessas mulheres como prostitutas, em oposição a prisioneiras forçadas à prostituição, reforça o estigma original, associado ao termo antissocial, que pressupunha a condição de prostituta. antes do seu encarceramento, sendo rotuladas como associiais e promovendo o comportamento de promiscuidade, motivo pelo qual foi alegada a prisão das mulheres que pertenciam a essa categoria.

A perspectiva dos nazistas no que se refere à prostituição passou por diversas mudanças ao longo do seu regime. No início, a sua condenação pública das diferentes formas de prostituição tinha a intenção de ser uma resposta conservadora à Lei de Weimar de 1927, que havia eliminado a regulamentação estatal da prostituição e conferido mais liberdade às prostitutas. Quando os nazistas optaram pelo encarceramento das prostitutas antes de 1937, essa ação se baseava na aplicação das políticas de Weimar, em vez de ser uma implantação de suas estratégias. Nos anos que antecederam 1937, os nazistas prosseguiram com os discursos em defesa da pureza e da moralidade, contando com apoio de políticos conservadores e líderes religiosos. Contudo, a partir de 1937, as políticas nazistas iniciam sua alteração, propondo reestabelecer a prostituição amparada pelo governo, em vez de extinguir toda a indústria.

De acordo com Rochelle Saidel, a problemática da prostituição e das mulheres prostitutas em Ravensbrück possui uma ambiguidade. As mulheres que exerciam atividades

¹⁰⁹ HERZOG, Dagmar. *Lessons and Legacies VII: The Holocaust in International Perspective*. Evanston: Northwestern University Press, 2006, p.170.

¹¹⁰ Ibidem, p.174.

de prostituição consideradas “ilegais” no regime nazista eram as mesmas encaminhadas para servir legalmente nos bordéis de campos de concentração da SS. Na Alemanha, as legislações sobre impureza racial restringiam o número de mulheres que poderiam ser conduzidas aos bordéis. As mulheres judias não eram utilizadas nesses locais, devido à regulamentação das leis nazistas, que proibiam as relações entre alemães e judeus. Portanto, a fim de suprir a demanda nos bordéis dos campos, os nazistas se voltaram para as prisioneiras de origem alemã e polonesa. A princípio, as guardas femininas da SS eram responsáveis por supervisionar os bordéis, mas posteriormente as prisioneiras dos campos assumiram a administração. Alguns testemunhos, como os de Margaret Buber-Neuman e Nanda Herbermann, relatam a experiência de ser supervisora das mulheres associadas.¹¹¹

Considerando a assertiva de que o trabalho sexual é tido como trabalho forçado, evidencia-se para a análise que as formas de trabalho no campo de concentração eram, sobretudo, compulsórias. Por essa razão, as mulheres recrutadas para trabalhar nos campos não estavam nessa condição de forma voluntária, sendo este um comando de trabalho do regime.¹¹² No interior dos campos, oficiais e guardas mantinham o controle rígido sobre a prostituição forçada. As mulheres provenientes de Ravensbrück eram frequentemente submetidas a exames para detectar doenças venéreas. Entretanto, apesar de realizarem testes regulares, algumas mulheres ainda contraíram doenças sexualmente transmissíveis. Além de doenças, a prostituição forçada e o trabalho nos bordéis culminavam na gravidez. Apesar de, em alguns relatos, as mulheres terem descrito a amenorreia e um período de infertilidade em razão das condições adversas e da saúde debilitada, aquelas que eram encaminhadas para os bordéis costumavam ser as mais saudáveis, ou eram mulheres recém-chegadas.

Após serem encaminhadas ao bordel, as mulheres estavam isentas das tarefas árduas e cotidianas do campo de concentração, tendo acesso à alimentação. As condições aprimoradas de sobrevivência dessas vítimas e a alimentação regular elevaram a probabilidade de ocorrer uma gestação. Uma das internas relata no livro de Sarah Helm as condições nas quais as mulheres estavam submetidas durante a prostituição forçada. Algumas circunstâncias eram que as mulheres não possuíam acesso a qualquer método contraceptivo, estando sob total vigilância. Além disso, as mulheres tinham de estar na companhia de vários homens todas as noites, criando uma automatização desse abuso.¹¹³

¹¹¹ SAIDEL, Rochelle G. *As judias do campo de concentração de Ravensbrück*. São Paulo: Edusp, 2009, p.236.

¹¹² SCHIKORRA, Christl. Forced Prostitution in the Nazi Concentration Camps. In: HERZOG, Dagmar. *Lessons and Legacies Volume VII: The Holocaust in International Perspective*. Evanston, IL: Northwestern University Press, 2006, 169-178.

¹¹³ HELM, Sarah. *Ravensbrück: a história do campo de concentração nazista para mulheres*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2022, p.173.

A construção dos bordéis nos campos demonstrou um empreendimento que os nazistas utilizaram para exercer controle sobre a vida dos prisioneiros. Os bordéis eram um local de deterioração, que compunham um sistema de degradação regido por normas de controle e supervisão. Ao optar pelo sistema de prostituição forçada, a identidade de gênero se tornou um mecanismo utilizado pelo regime nazista para tortura, principalmente das mulheres que foram subjugadas e desumanizadas. Apesar de obterem condições de vida superiores às prisioneiras que permaneciam internas nos campos, como as judias que não eram selecionadas devido às leis raciais e antissemitas, as mulheres eram submetidas a violências constantes, como o estupro. As relações sexuais eram mecanizadas nos campos, onde as mulheres foram forçadas a serem abusadas e humilhadas pelos homens que frequentavam os bordéis, portanto, objetificadas e retratadas como objetos sexuais.

A prática de oferecer favores sexuais, ou a extorsão entre homens e mulheres em troca de algum bem, do mesmo modo, configura uma modalidade de violência sexual, que acomete principalmente as mulheres; no entanto, essa prática não é semelhante ao estupro. Essa situação demanda uma classificação distinta, contendo diversas complexidades e minúcias, uma vez que o sexo em troca de alimentação não se classifica como estupro ou prostituição; entretanto, não se obtém nessas relações a consensualidade.¹¹⁴ Apesar de as mulheres envolvidas nessa prática possuírem a autonomia de escolher, esse seria um exemplo de autonomia restrita, devido à condição de elas não poderem decidir por si mesmas. Assim, essa prática deveria ser reconhecida como forma de violência sexual e desumanização.

O ato de oferecer favores sexuais, seja para os guardas ou outros internos, representa uma decisão para garantir a própria sobrevivência. Porquanto, as mulheres estavam submetidas a fome, e em razão disso eram submetidas a extorsão como ferramenta de coerção sexual. Myrna Goldenberg evidencia a troca de favores sexuais, afirmando que a mulher, embora na condição de vítima, pode experimentar o sentimento de vergonha, mas, consoante a isso, possui como alternativa utilizar o seu corpo a fim de preservar sua vida.¹¹⁵ Essa situação faz com que a mulher se transforme em agente de sua sobrevivência.

A troca de favores e extorsão nos limites de Ravensbrück é especificamente comum, considerando a população de mulheres e homossexuais encarcerados no local. As detentas que dispunham de porções adicionais de alimentos, vestuário ou utensílios trocavam os bens com as demais mulheres, com base nos favores sexuais. As mulheres se aproximavam de outras

¹¹⁴ GOLDENBERG, Myrna; SHAPIRO, Amy. *Different horrors, same hell: gender and the Holocaust*. Seattle: University of Washington Press, 2013, p.115.

¹¹⁵ Ibidem, p.115.

que se identificavam como homossexuais dentro do campo de concentração, assim como daquelas que não se identificavam, mas estavam em busca de formas de sobrevivência e dispostas a trocar favores sexuais. Conforme Helm assevera, a homossexualidade poderia se manifestar de diversas formas; existiam mulheres associadas no interior do campo que já se identificavam como lésbicas anteriormente e utilizavam os triângulos pretos.¹¹⁶

A compreensão da troca de favores é fundamental para uma análise abrangente da resistência nos campos e das violências sexuais sucedidas. Diante da complexidade que envolve o abuso sexual, o silenciamento dessa questão decorre, em grande parte, do fato de que a dinâmica da troca de favores destoa da narrativa que enfatiza exclusivamente a culpabilização dos nazistas. Isso ocorre porque os homens que exerciam a exploração sexual, a coerção, a violência e as trocas de favores contra as prisioneiras eram, eles próprios, internos dos campos de concentração — fossem judeus ou não. Embora tivessem sido detidos para a realização de trabalhos forçados, esses indivíduos dispunham de algum grau de autoridade em guetos, fábricas ou nos próprios campos de concentração.¹¹⁷

A natureza ambígua da troca de favores sexuais acarretou certas dificuldades para as mulheres que conseguiram sobreviver. Muitas prisioneiras relataram os casos de favores sexuais nos campos, chegando ao extremo em que as pessoas acreditavam que as sobreviventes dos campos só estivessem vivas pelo ato de envolvimento sexual. Seja com os oficiais da SS ou outros prisioneiros, em troca de alimentos ou recursos.¹¹⁸ As decisões deliberadas pelas mulheres nas situações de risco de vida não foram observadas como atos de bravura e coragem, considerando os meios para sua sobrevivência. Em detrimento disso, as ações femininas foram censuradas, sem ater-se à coerção que algumas dessas “escolhas” envolviam ou à motivação interna nos acordos realizados pelas vítimas.

A autonomia limitada que as mulheres possuíam, nesse contexto, foi posteriormente utilizada para marginalizá-las perante a sociedade após o fim da Segunda Guerra Mundial. Ademais, serviu para estigmatizar as formas de agressão e violência sexual ocorridas após a guerra. A troca sexual, em sua complexidade, acarretou problemáticas para as mulheres que conseguiram sobreviver. Muitas prisioneiras deram relatos sobre esses intercâmbios nos campos, conduzindo à ideia de que grande parte das mulheres sobreviventes optou pelo envolvimento sexual.

¹¹⁶ HELM, Sarah. *Ravensbrück: a história do campo de concentração nazista para mulheres*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2022, p.93.

¹¹⁷ EARL, Hilary; SCHLEUNES, Karl A. *Lessons and legacies XI: expanding perspectives on the Holocaust in a changing world*. Illinois: Northwestern University Press, 2014, p.60.

¹¹⁸ AGASSI, Judith Buber. *Jewish Women Prisoners of Ravensbrück: Who were They?* England: Oneworld Publications, 2007, p.256.

3.4.3 Experimentos Médicos e reprodutivos

A utilização de abordagens científicas contra as mulheres por meio da violência médica configura uma forma de generificação que resulta em crimes de gênero. Determinadas modalidades de pesquisa médica são consideradas categorias de agressão e abuso sexual, infringindo especificamente a liberdade corporal de pessoas não voluntárias. No campo de concentração de Ravensbrück, as internas passaram por intervenções médicas invasivas e abrangentes. As prisioneiras escolhidas para os testes receberam os nomes de *rabbit* ou *guinea pigs*, significando coelhas e cobaias, respectivamente. Essas mulheres comumente exibiam membros inferiores mutilados e sinais de contaminação provocada pela introdução deliberada de resíduos e estilhaços de vidro em seus ferimentos, servindo de observação para a disseminação da infecção. Realizados com o objetivo de testar a sulfonamida no tratamento de infecções, esses experimentos tinham como finalidade avaliar se a substância aumentaria a sobrevivência de soldados alemães feridos em combate.¹¹⁹

Nanda Herbermann relatou alguns experimentos de transplantes realizados com algumas das prisioneiras de Ravensbrück,¹²⁰ com o intuito de tratar dos ferimentos agudos dos soldados na Segunda Guerra Mundial. O propósito desses experimentos era desenvolver tratamentos para salvar a vida dos soldados, sacrificando a vida de pessoas que estavam encarceradas nos campos de concentração.

Sistematicamente, esses procedimentos envolviam a extração de elementos ósseos, pernas cortadas e braços, todos membros retirados de prisioneiros saudáveis que pertenciam aos campos de concentração. Após isso, havia a tentativa de transplante em outras vítimas. Esses experimentos atrozes foram conduzidos sem qualquer anestesia local ou medicamentos para amenizar a dor dos prisioneiros, sugerindo que, além de buscar métodos de cura para as lesões, esse procedimento era realizado para os médicos poderem aplicar a tortura em suas vítimas.¹²¹

Aqueles que sobreviveram a essas práticas desumanas permaneceram com mutilações permanentes, desfigurações e debilidades físicas. A vida humana nesses testes não era considerada, equiparando a relevância de uma vida em relação a outra, particularmente no que concerne à vida de um judeu quando comparada à vida de um alemão. Impulsionados por um

¹¹⁹ SPITZ, Vivien. *Doctors from Hell: the horrific account of Nazi experiments on humans*. 1. ed. Boulder: Sentient Publications, 2005, p.139.

¹²⁰ HERBERMANN, Nanda. *The Blessed Abyss: Inmate# 6582 in Ravensbrück Concentration Camp for Women*. Wayne State University Press, 2000, p.202.

¹²¹ *Ibidem*, p.115.

imenso incentivo para que os médicos nos campos nazistas realizassem experimentos humanos dessa escala, pois desejavam criar métodos de cura mais rápidos e verificar sua eficácia. Esses testes foram conduzidos para lidar com lesões traumáticas causadas pela guerra que afetavam o Terceiro Reich, mas não havia preocupação com a dor e o sofrimento das pessoas cujas vidas eram vistas como sem valor. Entretanto, as sombrias práticas de transplante não foram as únicas avaliações realizadas para promover o progresso da ciência no que diz respeito ao tratamento e à recuperação de feridas no campo de Ravensbrück.

As práticas experimentais nazistas, focadas em aprimorar a assistência médica no *front* para os militares, acabaram excedendo os limites do abuso sexual, com testes realizados no campo de concentração de Dachau. Detentos do sexo masculino em Dachau passaram por experimentos que envolviam água congelada. A finalidade desse teste era criar uma técnica alternativa para recuperar e reviver pilotos da Alemanha que caíssem em águas excessivamente geladas. Nesse experimento, os internos eram confinados em reservatórios de água fria, sem poder utilizar roupas.

Na linha de frente da guerra, os soldados que lutavam em nome do Terceiro Reich estavam habituados a infecções bacterianas, seja devido a ferimentos ou pela propagação nos acampamentos dos combatentes. Após a ofensiva alemã no solo russo, entre 1941 e 1942, muitos desenvolveram gangrena devido a lesões de combate não tratadas durante os combates, que acabaram infectadas ao chegarem aos serviços de saúde.¹²² Assim, um novo remédio, a sulfanilamida, conhecida como penicilina alemã, foi criado e ainda não havia passado por testes clínicos, mas a pedido de Heinrich Himmler sua produção foi implementada.¹²³

Como resultado, alguns módulos de detenção de homens e mulheres encarcerados em Ravensbrück foram escolhidos como participantes nos experimentos com sulfanilamida. Esses testes representaram os mais subversivos, posto que consistiam em provocar uma infecção gangrenosa de maneira artificial, e logo em seguida era realizada uma incisão muscular, na qual eram adicionados pedaços de madeira ou estilhaços de vidro junto às bactérias infectadas que eram inseridas nas feridas.¹²⁴ Após permitir que a infecção se agravasse, a sulfanilamida era aplicada, seja por via oral ou injetável, na tentativa de recuperar os prisioneiros que estavam à beira da morte. Na maior parte das vezes, os prisioneiros não conseguiam ser curados, resultando em óbito, mas aqueles que conseguiam sobreviver

¹²² Ibidem, p.139.

¹²³ WEINDLING, Paul. *Victims and Survivors of Nazi Human Experiments: Science and Suffering in the Holocaust*. 1.ed. London: Bloomsbury Academic, 2015, p.72.

¹²⁴ Ibidem, p. 140.

apresentavam cicatrizes permanentes e limitações físicas que perduraram por toda a vida. Embora alguns prisioneiros tenham conseguido resistir aos experimentos nazistas, boa parte deles desenvolveu deficiências permanentes. Algo que parecia ser para os médicos nazistas uma consequência minimamente aceitável e absurdamente tolerável do ponto de vista ético, especialmente se as descobertas de suas investigações trouxessem um modo de aumentar as probabilidades de vitória do Terceiro Reich no campo de batalha.

A liderança e os médicos do Terceiro Reich defendiam suas cruéis experiências em prisioneiros de campos de concentração com base na vontade de descobrir métodos curativos e preventivos para possíveis obstáculos nas frentes de batalha da Segunda Guerra Mundial. Não foi feita nenhuma avaliação a respeito do valor das vidas dos que estavam confinados em campos de concentração nazistas, já que os detentos eram percebidos como meras fontes contínuas de experimentos, ou seja, considerados inferiores à condição humana. Apesar de que a razão principal para conduzir os testes em seres humanos era o impulso da guerra nazista e a sede de poder da Alemanha.

Veementemente relacionada à pesquisa médica, está a mutilação dos órgãos reprodutivos. A modificação reprodutiva inclui como efeitos adversos físicos a operação, a violência sexual e a incapacidade de gerar filhos. Nesta categoria de violência, a diferença entre os gêneros se torna mais preponderante, porquanto as mulheres eram enviadas para as câmaras de gás com seus filhos, enquanto os pais permaneciam afastados de suas crianças e família; assim, não estavam em sua companhia, já que os filhos permaneciam com as mulheres. A experiência da maternidade, e outras questões abrangentes relativas às mulheres, passou a representar uma evidente desvantagem em termos de sobrevivência no contexto do Holocausto e dos campos de concentração, e, em última análise, reitera a intenção genocida da ideologia nazista. Ao decorrer do regime nazista, as mulheres foram submetidas a diversos procedimentos de esterilização. Em alguns casos, para as mulheres encarceradas, era concedida a oportunidade de serem libertas, desde que se submetessem ao procedimento de esterilização forçada de seus próprios corpos, assim como de seus filhos.¹²⁵

Durante o período do Holocausto, o médico Carl Clauberg foi responsável por experimentos médicos voltados para a esterilização feminina, além de ter realizado cirurgias de esterilização em mulheres no campo de Ravensbrück. Clauberg empregou uma variedade de técnicas de esterilização, nas quais utilizou tanto métodos cirúrgicos tradicionais quanto experimentações diretas em suas vítimas. Durante suas cirurgias, ele efetuou operações em

¹²⁵ MORRISON, Jack G. *Ravensbrück: everyday life in a women's concentration camp, 1939-45*. Princeton: Markus Wiener Publishers, 2000, p.52.

mulheres e meninas muito jovens. Algumas destas, eram crianças com apenas oito anos de idade passaram pelo procedimento de esterilização. Duas dessas crianças faleceram em decorrência do procedimento, vivenciando os últimos momentos em uma experiência adversa e traumática. Aos responsáveis das crianças submetidas a esse procedimento era acordado que os filhos teriam liberdade, caso a operação fosse realizada.¹²⁶ Durante o período de dezembro de 1944 e fevereiro de 1945, cerca de 500 mulheres ciganas e 200 meninas foram submetidas ao processo de esterilização.¹²⁷

Para além dos experimentos de esterilização forçada, a vivência nos campos de concentração atingiu profundamente as vítimas, causando efeitos adversos na reprodução e fertilidade feminina. Dadas as condições de trabalho forçado e ausência de alimentação adequada e nutrientes, fizeram com que a menstruação fosse cessada. Rochelle Saidel relata a ausência do ciclo menstrual feminino, que, por vezes, foi uma das preocupações que as mulheres possuíam em Ravensbrück, pelo receio de posteriormente não conseguirem engravidar. A amenorreia foi uma ocorrência nos campos de concentração, e algumas suspeitas relatadas pelas vítimas eram em relação ao café oferecido para as prisioneiras e ingerido diariamente pela manhã. Ele consistia em um líquido que continha brometo, funcionando como um componente que interrompia o ciclo feminino.¹²⁸ Diante disso, essa condição acarretava sérios transtornos para as vítimas, afetando diretamente sua identidade, sua integridade biológica e a possibilidade futura de maternidade.

3.4.4 Aborto e infanticídio

Uma das categorias adicionais de violência empreendidas nos campos de concentração, que está relacionada aos experimentos médicos e à esterilização, refere-se ao aborto e infanticídio. A expressão “morte infantil” foi criada em Ravensbrück em relação a coincidência simultânea entre a morte e o nascimento. Algumas mulheres que chegaram a Ravensbrück grávidas em 1939, na abertura do campo, eram normalmente autorizadas a levar a gestação até o nascimento. No início da guerra, frequentemente as mulheres grávidas eram transferidas para um hospital nas proximidades para terem seus filhos. No entanto, assim que nasciam, os bebês eram separados de suas mães, enquanto as mulheres eram transferidas de

¹²⁶ HELM, Sarah. *Ravensbrück: a história do campo de concentração nazista para mulheres*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2022, p.481.

¹²⁷ Idem, pág. 481.

¹²⁸ SAIDEL, Rochelle G. *As judias do campo de concentração de Ravensbrück*. São Paulo: Edusp, 2009, p.233.

volta para o campo.¹²⁹ Essa separação forçada dos recém-nascidos e de suas mães constituía mais uma manifestação de violência sexual. Afinal, tratava-se de mulheres que haviam acabado de passar pelo processo de gestação e cujos corpos ainda produziam leite para a nutrição e o sustento de seus recém-nascidos.

O ato de desnutrir os bebês operava como um meio de provocar a morte da criança, além de ser um método de tortura psicológica para as mães. Os oficiais nazistas escolheram causar a morte por inanição aos recém-nascidos que estavam sob a custódia de Ravensbrück. Como Helm assevera, a morte deliberada de bebês por inanição condizia com uma técnica nazista de assassinato. A inanição de bebês foi realizada pela primeira vez durante os assassinatos por eutanásia em 1939, quando bebês com deficiências físicas ou mentais eram deliberadamente deixados para perecer.¹³⁰

No entanto, à medida que a guerra progredia, os abortos forçados e a execução imediata de prisioneiras grávidas tornaram-se mais comuns em Ravensbrück. Os abortos forçados tornaram-se procedimento padrão para prisioneiras grávidas, a partir de 1943. A interrupção de uma gravidez, no entanto, poderia causar danos irreparáveis ao útero e às trompas se realizada de maneira precipitada ou violenta. Para as mulheres que engravidaram enquanto estavam presas nos campos, ou para aquelas que ingressaram, mas não estavam visivelmente grávidas, os nazistas as forçaram a abortar. Relata-se que algumas prisioneiras decidiram interromper suas gestações movidas pela convicção de que seus recém-nascidos seriam assassinados logo após o parto. Diante disso, os procedimentos abortivos ocorriam de maneira improvisada e contavam com o suporte de outras detentas no interior do campo.

A separação abrupta e repentina entre as mães e os recém-nascidos, juntamente com o assassinato sistemáticos possuía como finalidade romper um dos únicos vínculos que ainda restavam às mulheres no contexto concentracionário. O infanticídio e o aborto, revelam um dos aspectos escusos do genocídio, onde a própria vida de seres humanos foi ceifada, acarretando em traumas e dimensões profundas com relação à violência de gênero nos campos.

¹²⁹ MORRISON, Jack G. *Ravensbruck: everyday life in a women's concentration camp, 1939-45*. Princeton: Markus Wiener Publishers, 2000, p.270.

¹³⁰ HELM, Sarah. *Ravensbrück: a história do campo de concentração nazista para mulheres*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2022, p.416.

3.4.5 Estupro

Algumas das vítimas mulheres que sobreviveram a Ravensbrück e que participaram de entrevistas, ou redigiram memórias e autobiografias, não abordaram a temática dos abusos sexuais que sofreram. Apesar disso, elas relataram as vivências de outras mulheres com quem estiveram próximas ou conheceram; desse modo, elas ainda narram as situações que uma amiga enfrentou e não a si mesmas. É fundamental destacar que as ocorrências de estupro cometidas por integrantes da SS ou por homens que trabalhavam nesses ambientes eram consideravelmente mais comuns em outros campos de concentração, como no campo de Auschwitz. De acordo com os relatos, é pouco provável que nenhuma mulher tenha sido vítima de estupro por parte de membros da SS ou de funcionários em Ravensbrück, embora esses casos possam ter sido raros, em parte devido ao menor número de homens presentes no campo. No entanto, a presença de guardas masculinos, integrantes da SS, médicos e oficiais de alta patente que visitavam e atuavam no local possibilitava a ocorrência de tais atos de violência.

Na obra de Rochelle Saidel, é expresso o relato de uma prisioneira identificada como Sara. Ela narrou a experiência de estupro enquanto interna no campo de concentração de Ravensbrück. A vítima expressa que uma mulher a chamou e a conduziu a um cômodo pequeno, onde haviam dois homens e mais algumas pessoas. Ali ela foi abusada sexualmente, de forma extremamente violenta.¹³¹ De acordo com as leis, o estupro é considerado um ato sexual praticado contra uma vítima sem o seu consentimento. Apesar de o número exato de mulheres vítimas de abuso sexual durante o Holocausto não poder ser determinado, ainda assim, diversos relatos inscreveram experiências da atrocidade desse ato.¹³²

Para as internas de Ravensbrück, nem mesmo a libertação dos campos trouxe alívio para seu sofrimento. As mulheres que estavam nos campos, ainda em 1945, foram obrigadas pelos nazistas a participar das marchas da morte, à medida que as Forças Aliadas se aproximavam da Alemanha. O campo principal foi liberto pelas tropas soviéticas no dia 30 de abril de 1945. Os soldados russos que chegaram em primeiro lugar não estavam sob uma liderança concreta e conduziram em resposta. Esses libertadores exploraram as mulheres alemãs que residiam nas cidades adjacentes enquanto se dirigiam para Ravensbrück.¹³³

¹³¹ SAIDEL, Rochelle G. *As judias do campo de concentração de Ravensbrück*. São Paulo: Edusp, 2009, p.24.

¹³² HEDGEPEETH, Sonja M.; SAIDEL, Rochelle G. *Sexual Violence against Jewish Women during the Holocaust*. Waltham: Brandeis University Press, 2010, p.15.

¹³³ HELM, Sarah. *Ravensbrück: a história do campo de concentração nazista para mulheres*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2022, p.624.

Mesmo após serem libertadas, as mulheres que passaram por experiências de violência sexual frequentemente não compartilhavam seus relatos. A sexualidade feminina era abordada dentro de um contexto de moralidade e recato, em que era imposta às mulheres a responsabilidade de cuidar de sua pureza. No caso de mulheres que sobreviveram às experiências de violência sexual no Holocausto, era comum que duas questões emergissem: a incapacidade em relatar o que vivenciou ou simplesmente o anseio de se calar, devido ao que a sociedade poderia dizer sobre si própria em específico, como os seus parceiros ou até mesmo seus familiares. Além disso, a credibilidade, porquanto as mulheres não eram validadas ao narrar essas experiências.¹³⁴

A disposição da sociedade e a rigidez dos costumes fizeram com que as mulheres passassem a ser vistas pela desonra que atingia suas famílias. Dessa forma, é possível que as mulheres tenham sentido a necessidade de dizer às suas famílias, amigos ou integrantes da comunidade que a violência sexual não havia ocorrido. Goldenberg menciona que, em boa parte dos relatos autobiográficos e testemunhos redigidos por mulheres, a narrativa do abuso sexual é incomum, principalmente se for em primeira pessoa. Acredita-se que as mulheres se sintam excessivamente envergonhadas em manifestar vivências relacionadas a essa forma de violência.¹³⁵

Ravensbrück serve como um exemplo pertinente das diversas formas de violência sexual infligida a mulheres durante o Holocausto. Apesar de cada campo de concentração apresentar suas particularidades, as classificações sugeridas sobre a violência sexual, fundamentadas em testemunhos de fontes primárias de Ravensbrück, podem ser relevantes para outros campos de concentração. Identificar as variadas manifestações de violência sexual durante o Holocausto oferece uma visão mais clara e detalhada das atrocidades perpetradas contra a humanidade. Analisar as diferentes manifestações da violência sexual não só enriquece a narrativa desses incidentes, como também possibilita investigações aprofundadas acerca das agressões mais sutis à dignidade humana.

¹³⁴ Ibidem, p.624

¹³⁵ GOLDENBERG, Myrna; SHAPIRO, Amy H. *Different horrors, same hell: gender and the Holocaust*. Seattle: University of Washington Press, 2013, p. 120.

CAPÍTULO IV

AS MULHERES SOBREVIVENTES DE RAVENSBRÜCK

CAPÍTULO IV: AS MULHERES SOBREVIVENTES DE RAVENSBRÜCK

RESUMO

O último capítulo da presente dissertação trata sobre o campo de concentração de Ravensbrück e as violências sexuais e de gênero ocorridas. Examinadas a partir das autobiografias de Maria Ferdinanda Herbermann, Wanda Wiktoria Poltawska e Karolina Lanckorońska, reforçando que as questões de gênero não foram um aspecto secundário, mas elemento central na vivência da experiência concentracionária. Ao incorporar análises teóricas de demais autores, o presente trabalho revela que, apesar do empreendimento do regime nazista em relação ao extermínio das vítimas, os métodos de desumanização e os sofrimentos infligidos foram especificamente influenciados pelo gênero. A partir do exposto no capítulo, é evidente que a discriminação nazista não era neutra, porquanto as mulheres foram alvo devido às suas identidades étnicas e políticas, além de suas funções biológicas e sociais. Em Ravensbrück, isso se manifestou a partir das agressões aos corpos femininos, que se tornaram objetos de experimentação médica, de acordo com os relatos. Assim, os testemunhos respaldam que as mulheres estiveram subjugadas a vulnerabilidades específicas; no entanto, expressam as formas particulares de resistência que resultaram no enfrentamento dos crimes perpetrados pelos nazistas.

Palavras-chave: Ravensbrück; autobiografias; violência; gênero; Regime Nazista.

4.1 A autobiografia de Maria Ferdinanda Herbermann

Maria Ferdinanda Herbermann, ou Nanda Herbermann, como a autora se intitula em sua obra, foi uma alemã, católica e escritora, encarcerada aos 38 anos pela Gestapo por suspeita de colaborar com a resistência católica. Foi mantida em diversas prisões até ser transferida para o campo de concentração de Ravensbrück. Herbermann escreveu seu livro de memórias, *The blessed abyss* sobre a experiência no campo de concentração de Ravensbrück, em 1946, como mais uma das mulheres aprisionadas em Ravensbrück e vítimas do regime nazista. Apesar de sua origem alemã, seu relato contribuiu para a compreensão das violências perpetradas contra as mulheres, tendo como partido as questões de gênero.¹³⁶

Herbermann nasceu na Alemanha tendo sido criada como católica, sendo considerada pelos nazistas como uma mulher “ariana”, a partir da definição do regime. Apesar de Herbermann ser considerada alemã, a sua identidade nacional foi motivo de questionamentos próprios, nos quais ela pode lutar contra si mesma por diversas razões. Enquanto encarcerada, ela considerava que não deveria estar naquele campo de concentração; isso é exposto, a partir do seu relato, demonstrando uma tendência à superioridade em seus escritos quando disserta sobre as demais prisioneiras de Ravensbrück.

Herbermann foi transportada para Ravensbrück em 1941, após estar em confinamento solitário em Münster devido ao seu trabalho de oposição aos nazistas. Em suas memórias, ela documenta que passou boa parte de seu tempo de modo solitário. Herbermann reconhece que, quando foi transferida para o Bloco I, teceu laços com outras prisioneiras, explicando que encontrou algumas internas com quem teve afinidade natural.¹³⁷ Ela documenta que, após sair de uma cela onde sofreu castigo, as prostitutas associadas do seu bloco guardaram alguns alimentos, e ela admitiu nutrir sentimentos por elas e reconhecia os gestos de sensibilidade. Ainda recorda que, chegando ao final de seu encarceramento em Ravensbrück, ela e uma amiga se ajudaram reciprocamente.

A resistente alemã Nanda Herbermann foi deportada sozinha para Ravensbrück, estando sem familiares ou amigos, tendo sido libertada em março de 1943 após a intervenção da sua família e autorizada por ordens diretas do *Reichsführer* da SS Heinrich Himmler.

¹³⁶ HERBERMANN, Nanda. *The Blessed Abyss*: Inmate# 6582 in Ravensbrück Concentration Camp for Women. Wayne State University Press, 2000, p.13.

¹³⁷ Ibidem, p.199.

Publicou o seu relato em língua alemã no ano de 1946. Apesar do privilégio de ter sido libertada do campo de concentração, obteve ordens restritas da Gestapo para não expor informações do que ocorria no campo. Desse modo, Herbermann iniciou a escrever as memórias de seu encarceramento e elaborar seu testemunho para publicação, logo após o fim da guerra.¹³⁸ O principal objetivo do relato de Herbermann foi demonstrar ao público que os nazistas se constituíam como força anti-alemã e, como cidadã, ela reiterava evidenciar que diversas pessoas foram perseguidas no Terceiro Reich, inclusive os próprios alemães opostos ao regime nazista.¹³⁹

Em seu testemunho, ela escreve no tocante às relações de amizade com outras prisioneiras, documentando sobre as internas do Bloco II.¹⁴⁰ Ela ainda aponta que recebeu uma visita de seu irmão no campo, algo que não fora retratado por outras prisioneiras e nem documentado. Isso representa a condição privilegiada de Herbermann.¹⁴¹ Quando teve dificuldades em se concentrar no próprio trabalho, expressou o apoio que uma de suas colegas ofereceu; ela ainda reitera o cuidado de outra interna do bloco I. Com efeito, ainda que a sensibilidade e a experiência de apoio mútuo tenham sido descritas pela autora, considera-se que ela focalizou as suas lutas individuais do encarceramento em seus escritos. Incluindo alguns desafios que obteve com as prostitutas do bloco II, a qual foi nomeada anciã do quartel, posteriormente, anciã do bloco.

Atendo-se ao contexto de publicação da obra de Maria Ferdinanda Herbermann, considera-se que o período pós-guerra, situado entre os anos de 1940 e 1950, foi caracterizado pela ampla publicação de memórias. Inclusive memórias canônicas, como *o diário de Anne Frank*,¹⁴² sobre a juventude de uma judia escondida em um anexo na Holanda, publicado em holandês e posteriormente em língua inglesa; *Os diários do gueto* de Mary Berg¹⁴³, assim como a memória de Primo Levi, *É isto um homem*¹⁴⁴, publicada em italiano e sendo traduzida para o inglês em 1959.

¹³⁸ HERBERMANN, Nanda. *The Blessed Abyss: Inmate# 6582 in Ravensbrück Concentration Camp for Women*. Wayne State University Press, 2000, p.14.

¹³⁹ Ibidem, p.14.

¹⁴⁰ Ibidem, p.199.

¹⁴¹ Ibidem, p.205.

¹⁴² FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. 71. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

¹⁴³ BERG, Mary. *O diário de Mary Berg: memórias do gueto de Varsóvia*. Barueri: Amarilys, 2010.

¹⁴⁴ LEVI, Primo. *É isto um homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

A abrangência do termo Holocausto tem início somente após a conclusão da guerra. Nesse período, após a era pós-guerra, houve uma escassez de estudos relacionados ao Holocausto. Alguns relatos históricos que surgiram costumavam registrar, de maneira geral, a vivência em guetos e nos campos de concentração. As memórias foram notórias no período, em que eram evidentes as narrativas em primeira pessoa daqueles que vivenciaram a experiência em oculto nos guetos, campos de concentração e na luta pela resistência. De modo geral, as mulheres jovens e meninas parecem ter escrito um maior número de memórias durante esses anos, em comparação aos homens.

Dentre as principais características das narrativas escritas por mulheres durante o Holocausto e advento do regime nazista, no período pós-guerra estão a autenticidade, devido às lembranças registradas imediatamente após o conflito registrarem uma representação verídica das vivências de seus autores em comparação às memórias que surgiram em um momento posterior. Uma vez que a memória ainda não havia sido ofuscada pelo efeito temporal. Em segundo ponto, destaca-se a ausência de moralidade relacionada às memórias, devido aos autores relatarem as memórias de modo factual, isentas da moralização ou de conclusões ideológicas.

Outro fator evidente se refere às lembranças femininas, que inicialmente estavam centralizadas em vivências femininas, formando uma única esfera. Ademais, a maioria das recordações iniciais das mulheres possuía seu ponto de partida no ano de 1939, concedendo apenas uma breve visão biográfica da autora anteriormente ao conflito. Nesse aspecto, elas divergiam das memórias masculinas, que costumavam reservar trechos para relatar o período entre as guerras. Por fim, ampla maioria das narrativas femininas destacou a autoajuda das mulheres e o apoio mútuo como fundamentais para a sobrevivência.

Desse modo, considerando a autobiografia de Nanda Herbermann, pode-se dizer que fornece uma perspectiva única devido ao período de publicação, lançado no ano de 1946, posicionando a autora entre os primeiros testemunhos sobre campos de concentração. Ademais, evidencia o testemunho de uma mulher prisioneira política e resistente católica, enriquecendo a compreensão da repressão nazista direcionada aos opositores internos e grupos não judeus. Para a presente dissertação, será considerada a tradução em língua inglesa da obra *The blessed abyss* realizada por Hester Baer.

A deportação de Herbermann para o campo se deu em agosto de 1941. No mesmo ano em que outras 3.100 mulheres chegaram ao campo, elevando consideravelmente o número de prisioneiras.¹⁴⁵ No capítulo dezessete de seu livro, ela descreve as primeiras impressões do campo. Herbermann relata que as prisioneiras recém-chegadas ao campo eram conhecidas como “admitidas”. Inicialmente, elas foram conduzidas ao bloco de admissão, onde puderam observar a organização de Ravensbrück, em que havia longos blocos de apartamentos e as internas se alimentavam e dormiam no local. Os blocos eram dispostos aos dois lados do campo e separados pela praça. As internas eram divididas em vários grupos, como o das prisioneiras políticas que pertenciam a diversas nacionalidades, Testemunhas de Jeová, polonesas, criminosas, judias, ciganas e antissociais.¹⁴⁶

A admissão de novas internas no campo de Ravensbrück seguia um ritual, com formalidades a serem cumpridas. Herbermann descreve que, inicialmente, as vítimas eram encaminhadas ao departamento de registros, onde fotos eram tiradas de cada uma das prisioneiras. Em seguida, eram encaminhadas à ala política, que consistia no interrogatório das detentas. Era este o local que designava o número pertencente às prisioneiras, que as acompanhava em toda a estadia em Ravensbrück. Herbermann recebeu o número #6582, que deveria ser costurado com o triângulo da categoria. A sobrevivente recebeu o triângulo vermelho pertencente às prisioneiras políticas.¹⁴⁷ As mulheres ingressantes deveriam se despir e ser inspecionadas em busca de itens de valor; como joias, e posteriormente tinham suas cabeças raspadas para que se evitasse a propagação de piolhos e, por fim, as prisioneiras eram encaminhadas para o quarto de banho, onde recebiam o uniforme do campo. Após o ritual das recém-chegadas, as mulheres marchavam até o bloco de quarentena e ficavam isoladas até o início de suas funções.

Os trabalhos em Ravensbrück eram divididos em três categorias: o trabalho de sustento do campo, trabalho que promovia a guerra e trabalho destinado a fins industriais. As prisioneiras trabalhavam por longas jornadas, cerca de doze horas diárias, sem folgas, estando sujeitas a cumprir metas específicas de trabalho, além de serem punidas com os castigos físicos para incentivar o prosseguimento da jornada. Dentre as formas de castigar as detentas estavam os ataques de cães. A alimentação no campo era escassa e as vítimas recebiam

¹⁴⁵HERBERMANN, Nanda. *The Blessed Abyss: Inmate# 6582 in Ravensbrück Concentration Camp for Women*. Wayne State University Press, 2000, p.14.

HERBERMANN, Nanda. *The Blessed Abyss: Inmate# 6582 in Ravensbrück Concentration Camp for Women*. Wayne State University Press, 2000, p.28.

¹⁴⁶ Ibidem, p.142.

¹⁴⁷ Ibidem, p.145.

pequenas porções de comida ao longo do dia, o que fazia com que as mulheres estivessem enfraquecidas para o trabalho ou fossem acometidas por doenças.

O relato da sobrevivente Nanda Herbermann descreve minuciosamente a vida diária no interior do campo de concentração, destacando alguns aspectos relevantes sobre o sofrimento feminino e a vulnerabilidade baseada no gênero. Uma das particularidades expressas nas memórias de Herbermann foi acerca da prostituição forçada de mulheres em bordéis alocados pela SS em diversos campos de concentração, como o de Mauthausen. As mulheres eram incentivadas a trabalhar voluntariamente nos bordéis com a promessa de que seriam libertadas e estariam em melhores condições.

Herbermann foi transferida para o Campo de Concentração de Ravensbrück em 1 de agosto de 1941, juntamente com outras mulheres, cerca de 120 reclusas que ela descreve como pertencentes a diversas classes e idades, que estavam encarceradas na prisão do tribunal. Ao chegar a Ravensbrück, Herbermann narra a bela paisagem do lago de Fürstenberg, em que o campo estava localizado. Ravensbrück estava por trás de grandes muros com arames farpados. No seu interior havia guardas da SS e supervisores nazistas. Herbermann desembarca do ônibus com as demais prisioneiras, que formam filas de quatro fileiras e aguardam para ter seus dados registrados, assim como o motivo de seu encarceramento no campo. A primeira violência que Herbermann sofreu no interior de Ravensbrück foi no momento em que relatou o crime que incentivou seu encarceramento. Presa por acusação de participação na resistência católica, ela havia sido secretária de um padre e, em decorrência disso, levou um golpe em seu nariz.

A leva de prisioneiras encaminhadas com Herbermann teve de se livrar de todos os seus pertences, inclusive as roupas. A ordem era de que todas as mulheres deveriam se despir para que fossem inspecionadas. Herbermann descreveu que uma senhora de idade não conseguia remover as roupas, devido ao nervosismo. Esse foi um dos momentos mais difíceis no interior do campo, nos quais as mulheres tiveram de ficar expostas diante dos guardas por horas. Os cabelos das mulheres eram devidamente verificados, de modo que, se algum piolho fosse encontrado, as mulheres teriam a cabeça raspada imediatamente.

Depois fomos levadas para outra sala, onde as recém-chegadas eram desinfetadas, uma após a outra, por duas Testemunhas de Jeová que também eram reclusas. Sempre que se encontrava um piolho ou um inseto, a cabeça das pobres criaturas era totalmente rapada. E tantos tinham apanhado piolhos com os longos períodos de encarceramento em prisões pouco higiênicas! A minha cabeça estava limpa. Das prisioneiras que foram entregues ao campo nesse dia, pelo menos cinquenta

mulheres ficaram carecas. Algumas começaram a gritar como animais selvagens, outras aceitaram isto resignadamente, como cordeiros sacrificados.¹⁴⁸ (tradução nossa)

Cerca de cinquenta mulheres tiveram suas cabeças raspadas durante a inspeção. De acordo com Herbermann, eram poucas as prisioneiras que não perdiam seus cabelos ao longo do encarceramento no campo. O ato de raspar os cabelos das prisioneiras se devia à higiene, a fim de evitar a infecção por piolhos, que era constante. Apesar disso, era um método muito utilizado como forma de castigo. As mulheres podiam ter suas cabeças raspadas devido a algum delito cometido, e a punição servia de lição para que as demais prisioneiras soubessem da falta cometida. A perda dos cabelos para as mulheres era um dos piores castigos, representava a retirada de sua identidade, já que muitas delas não reconheciam a si mesmas e nem umas às outras; era mais um dos métodos utilizados para desumanizar as vítimas femininas.

Os primeiros dias no campo de concentração foram descritos por Herbermann como os dias em que ocorria a admissão das prisioneiras. As primeiras semanas no campo de Ravensbrück foram as mais marcantes para Herbermann, que relatou se lembrar mais das primeiras semanas que passou em Ravensbrück do que de todos os outros meses juntos. Uma sirene tocava todos os dias pela manhã, às quatro horas e meia, para as prisioneiras despertarem para o trabalho. Tudo era devidamente inspecionado pela SS, inclusive as camas. Havia diversas regras que regulavam o campo, e as normas deveriam ser rigorosamente seguidas. Não arrumar as camas da maneira correta poderia implicar em castigos ou privação de alimentos.

O cotidiano no campo poderia ser árduo e desumano; uma simples chamada e contagem das prisioneiras eram potenciais para ocasionar algum tipo de tortura ou castigo físico. Os chutes e espancamentos eram comuns, faziam parte da rotina, principalmente pela manhã, quando todas as vítimas estavam reunidas para a chamada. Nanda Herbermann relatou que, durante os meses de abril e outubro, as prisioneiras foram obrigadas a andar descalças em um clima extremo e frio. Isso ocasionou um grave problema, porquanto, devido aos trabalhos pesados e obras realizadas no campo, os pés das internas desenvolveram feridas abertas e

¹⁴⁸“ Then we were led into yet another room, where the new arrivals were deloused, one after the other, by two Jehovah’s Witnesses who were also inmates.³ Wherever a single louse or a bug was found, the poor creatures’ heads were fully shaved. And so many had caught lice with long incarcerations in unsanitary prisons! My head was clean. Of the prisoners who were delivered to the camp on this day, at least fifty women were shaved bald. Some began to scream like wild animals, others accepted it resignedly like sacrificial lambs.” (HERBERMANN, Nanda. *The Blessed Abyss: Inmate# 6582 in Ravensbrück Concentration Camp for Women*. Wayne State University Press, 2000, p.139.)

inchaço. A resistente assevera que não havia visto feridas nos pés como as que observou no campo de Ravensbrück.¹⁴⁹

As primeiras semanas no campo foram as mais nítidas na memória de Nanda Herbermann, do que os anos em que esteve encarcerada. Ela descreve que, apesar de definir o que seria um campo de concentração, não compreendia a realidade daquela circunstância. O conhecimento que tinha sobre essas construções era mera sombra, em comparação ao que ocorria em seu interior. Como interna, ela descobriu o sofrimento no campo gradualmente. Desse modo, a interna relata que não conseguia aceitar a ideia de que algo tão abjeto pudesse ser cometido por outros seres humanos, especialmente pelos alemães que pertenciam à sua própria nação. Herbermann sentia como dever se desculpar com os internos e estrangeiros em Ravensbrück, a fim de dizer que o ocorrido nos campos não era responsabilidade dos cidadãos alemães, mas dos criminosos do Terceiro Reich, porquanto alguns alemães não sabiam o que acontecia com os prisioneiros.¹⁵⁰

Os trabalhos forçados eram exercidos constantemente em Ravensbrück; as prisioneiras tinham de trabalhar até sua exaustão e limite. Herbermann aponta que havia muitas mulheres idosas submetidas a trabalhos pesados no campo e, quando ela pensava em não suportar mais as tarefas árduas, olhava para as prisioneiras mais velhas que prosseguiram com as suas funções, mesmo limitadas pelo fator etário. As tarefas no campo eram pesadas e de execução complexa; as prisioneiras tinham que construir estradas, cavar o chão, carregar pedras ou transportar carvão. Havia uma grande equipe de mulheres que se deslocava diariamente para a Fábrica Siemens, onde se produziam os armamentos. Os barracões da fábrica Siemens estavam localizados a cerca de dez ou doze minutos do campo de Ravensbrück, onde as prisioneiras exerciam as tarefas até se esgotarem fisicamente.¹⁵¹

Dentre as funções do campo, Herbermann exercia o trabalho de carregar batatas e descarregar pedras. Consistia em um trabalho penoso e realizado ao ar livre no campo. As internas não podiam largar os sacos de batata para descansar, e os supervisores nazistas conduziram as internas sob a vigilância dos cães treinados e armas que portavam. Como consequência desse serviço, ela afirma que diversas prisioneiras caíam e não conseguiam se levantar, ocasionando debilidades no corpo das prisioneiras.¹⁵²

¹⁴⁹ HERBERMANN, Nanda. *The Blessed Abyss: Inmate# 6582 in Ravensbrück Concentration Camp for Women*. Wayne State University Press, 2000, p.148.

¹⁵⁰ Ibidem, p.148-149.

¹⁵¹ Ibidem, p. 149.

¹⁵² Ibidem, p.149.

Com chutes e socos, soltando os cães ferozes contra mim; eles me ajudavam a levantar novamente. Havia capatazes que nos incentivavam a tirar a própria vida no arame farpado eletrificado; eles enfatizavam o fato de que, assim, teriam uma “devoradora” a menos. Chutes e socos, assim como soltar os cães contra nós, pobres vítimas, eram ocorrências diárias.(tradução nossa)¹⁵³

A realidade nos campos nazistas foi de violência extrema contra as vítimas mulheres, além de representar a tortura sistemática e desumanização das internas. Ademais, o incentivo para as vítimas provocarem o suicídio por meio das cercas elétricas do campo ilustra a manifestação nazista de desprezo à vida das internas. O uso de cães e os modos de tortura psicológica expressam o medo como instrumento de controle e disciplina.

O campo de concentração de Ravensbrück possuía uma divisão organizada e estratificada das internas, dispostas em categorias. Como prisioneira política, Nanda Herbermann foi encarcerada no bloco V e, posteriormente, transferida para o bloco II, o das prisioneiras antissociais, com a função de chefe dos blocos ou anciã de quartel. Ela destaca que o bloco das prisioneiras políticas possuía diversas mulheres instruídas, que pertenciam a cargos como assistente social, professora, escritoras, políticas, democratas e membros da nobreza, sendo descrito como um local educado e organizado.¹⁵⁴ No bloco das antissociais, as mulheres que recebiam a braçadeira verde deveriam encaminhar a rotina e as ocorrências no bloco para o supervisor. Ademais, desempenhavam funções como garantir a limpeza dos dormitórios e salas, de modo que as camas eram verificadas com regularidade. O cuidado com as internas adoecidas, semelhantemente, era realizado pela líder de bloco, encaminhando as mulheres para a enfermaria e solicitando medicamentos e curativos para o bloco.¹⁵⁵

A comunidade no bloco II é descrita como de extrema complexidade, devido à superlotação à qual o bloco estava submetido. Ocasionalmente condições adversas em que as prisioneiras tinham de dividir as mesmas camas, e algumas deveriam dormir no chão. Havia também a condição das prisioneiras pertencerem a faixas etárias diversas, dos dezessete anos aos setenta anos, tornando o trabalho de Herbermann mais laborioso e excessivo, porquanto, não conseguia estabelecer normas sobre as prisioneiras. As acusações entre as internas eram

¹⁵³ “With Kicks and punches, setting the dangerous dogs at me, they helped me up again. There were overseers who encouraged us to take our lives on the electrically charged barbed wire; they emphasize the fact that then they would have one less “eater”. Kicking and punching, as well as setting the dogs on us poor victims, were everyday occurrences.” (HERBERMANN, Nanda. *The Blessed Abyss: Inmate# 6582 in Ravensbrück Concentration Camp for Women*. Wayne State University Press, 2000, p.150.)

¹⁵⁴ Ibidem, p.158.

¹⁵⁵ Ibidem, p.161.

um problema iminente, devido a algumas destas denunciarem as outras, acarretando punições para o bloco.¹⁵⁶

A violência em Ravensbrück, descrita a partir do testemunho de Herbermann e consolidada a partir das pesquisas acadêmicas, é revelada em duas vertentes: a violência comum e cotidiana, ocorrida em todos os campos de concentração, destacando-se a violência física, psicológica e a privação; e a violência sexual e de gênero que acometeu as vítimas mulheres encarceradas em Ravensbrück. Nesse sentido, Herbermann assevera que, enquanto chefe do bloco de prisioneiras antissociais, em um período de a cada três meses, as mulheres, cerca de oito ou dez internas, eram requisitadas para trabalhar no bordel do campo de concentração de Mauthausen destinado aos prisioneiros homens; portanto, as internas eram solicitadas para trabalhar em outros campos e submetidas à prostituição forçada.¹⁵⁷

As prisioneiras designadas para a prostituição em outros campos de concentração eram escolhidas pelo comandante; no entanto, havia a possibilidade de se voluntariar para a função. Boa parte das internas se oferecia para o trabalho em busca de sobrevivência ou melhores condições do que as que estavam inseridas em Ravensbrück. Os nazistas utilizavam a prostituição como elemento ambíguo, era o que afirmava a sobrevivente Nanda Herbermann, ao destacar que as internas transferidas para bordéis eram justamente aquelas aprisionadas por depravação; no entanto, foram utilizadas como mão de obra escrava pelo Estado nazista. Herbermann assevera que as vantagens superficiais da função faziam com que as mulheres se dispusessem à condição do trabalho de prostituição. Apesar de possuírem melhoria em suas condições de vida, dispondo de alimentação adequada para sua sobrevivência, instalações e recursos financeiros, as mulheres eram sobretudo desumanizadas e coagidas.¹⁵⁸

Em determinada ocasião, ainda como chefe de bloco, Herbermann recebeu uma punição por aquecer o bloco com uma pequena fogueira. Sendo aprisionada na “casa do horror”, o *bunker* do campo de concentração, uma sala escura em que a detenta sofria sessões de espancamentos durante o dia e estava sujeita ao frio durante a noite. Herbermann narrou em suas memórias sobre esse episódio; seu sentimento era de que a Alemanha não era mais a sua terra natal. Como ela tinha origem alemã, vivenciou o sofrimento praticado por aqueles de

¹⁵⁶ HERBERMANN, Nanda. *The Blessed Abyss: Inmate# 6582 in Ravensbrück Concentration Camp for Women*. Wayne State University Press, 2000, p.164.

¹⁵⁷ Ibidem, p.168.

¹⁵⁸ Ibidem, p.169.

sua própria origem e, dentro de sua própria nação, foi um dos aspectos mais sensíveis de sua experiência.

Começou então o momento mais abjeto da minha vida. O sofrimento a que era submetida e obrigada a suportar, inocentemente, em minha própria terra natal, tornara-se indescritível, de modo que, muitas vezes, eu só conseguia pensar: "Esta já não é a minha terra natal!" A semente de vitalidade que havia em mim foi verdadeiramente pulverizada neste moinho da vida.¹⁵⁹ (tradução nossa)

Herbermann descreve que no *bunker* as prisioneiras gemiam de dor ou fome e, por vezes, os cães eram postos no interior das celas para atacar as detentas. Era comum que as vítimas chegassem a perder pedaços do seu corpo com os ataques ou fossem feridas pelos cães, sangrando até a morte. O frio no interior da cela era extremo e fazia com que as prisioneiras congelassem. Herbermann acreditava que não fosse sair viva dessa punição; a “sala do horror” era altamente violenta e poderia ocasionar a morte de suas vítimas. Ela ficou cerca de oito dias em confinamento na cela.¹⁶⁰

Ainda que estivessem aprisionadas, as mulheres resistiam em manter a humanidade, comemorando aniversários das internas ou datas comemorativas como o Natal. Em 1942, ocorreu o segundo Natal de Herbermann no campo de concentração. Ela ressalta que, apesar de estar separada dos seus familiares, viu a comoção das internas em alegrar as outras, oferecendo-lhes presentes, ato que reforçou a afetividade e reciprocidade no campo. Como os presentes eram proibidos, havia um risco que as mulheres enfrentavam. Apesar disso, esse momento demonstrava a criatividade e tentativa de manter a normalidade, enquanto prisioneiras em Ravensbrück.¹⁶¹

As expressões artísticas e desenhos, semelhantemente, compunham os atos realizados pelas mulheres no campo. Herbermann descreve que as mulheres polonesas e ciganas eram devidamente talentosas. De acordo com Saidel, criar arte era uma das formas de resistência do campo, realizada como presente para ser entregue às colegas prisioneiras ou a fim de registrar o cotidiano. O ato de criar ou oferecer presentes era uma atividade que poderia resultar em castigo severo; apesar disso, era uma forma potencial de resistência, que auxiliava a quem

¹⁵⁹ “Now the most abject time of my life began. The suffering I was being subjected to and forced to bear, innocently, in my own native land, had become indescribable, so that often I could only think: This is no longer my own native land! The seed of vitality inside me was truly pulverized in this mill of life.” (HERBERMANN, Nanda. *The Blessed Abyss: Inmate# 6582 in Ravensbrück Concentration Camp for Women*. Wayne State University Press, 2000, p.181.)

¹⁶⁰ Ibidem, p.180.

¹⁶¹ Ibidem, p.193.

oferecia ou recebia o presente. Por vezes, mesmo os presentes que não foram elaborados manualmente eram valorizados em Ravensbrück.¹⁶²

Outra forma de violência destinada às mulheres e descrita por Nanda Herbermann, e amparada pela historiografia, refere-se aos experimentos médicos ocorridos no campo de Ravensbrück. Herbermann destaca que as mulheres foram selecionadas de acordo com a análise de seus prontuários para os testes; a grande maioria se referia às mulheres polonesas, que tinham boa condição física e saúde, como ela expressa. Os médicos nazistas realizaram procedimentos distintos nestas mulheres, como transplantes de pele e cirurgias ósseas. As vítimas recebiam como alcunha a expressão *guinea-pigs*, que significa cobaias. As mulheres submetidas a estes procedimentos ficavam impossibilitadas de andar e algumas perdiam os movimentos pelo resto da vida.¹⁶³

A sobrevivente evidencia que esteve presente com as internas submetidas a esses procedimentos. Descrevendo possuírem cicatrizes profundas de cerca de trinta a quarenta centímetros nas coxas, panturrilhas e canelas. Apesar de as prisioneiras tentarem resistir aos procedimentos, fugindo ou se escondendo quando selecionadas para a enfermaria, as tentativas se mostravam inevitáveis. A condição de desumanidade era extrema e, após os testes, essas mulheres permaneciam pálidas e quase não conseguiam sobreviver. Em outros aspectos, Herbermann destaca como um dos casos de violência os abortos forçados realizados no campo, o assassinato de crianças recém-nascidas de mães jovens que haviam sido aprisionadas durante a gestação, eram mortos, da mesma forma que alguns fetos eram abortados antes de seu nascimento. Herbermann relata que conheceu uma interna de origem alemã, que estava grávida e esperava que conseguisse a liberdade antes do nascimento do filho. No entanto, não conseguiu a liberdade e nem teve seu filho.¹⁶⁴

Nos demais trechos, Herbermann evidencia a condição de vulnerabilidade das mulheres no campo, especificamente no tocante ao emocional. As internas forçadas a raspar a cabeça devido às infestações de piolho que ocorreram em Ravensbrück experimentaram a perda de seus cabelos como algo degradante. Semelhantemente, a impossibilidade das mulheres se manterem em condições higiênicas no ambiente de insalubridade fazia com que houvesse um sofrimento psíquico às internas. Os blocos do campo estavam comumente

¹⁶² SAIDEL, Rochelle G. *As judias do campo de concentração de Ravensbrück*. São Paulo: Edusp, 2009, p.78.

¹⁶³ HERBERMANN, Nanda. *The Blessed Abyss: Inmate# 6582 in Ravensbrück Concentration Camp for Women*. Wayne State University Press, 2000, p.202.

¹⁶⁴ Ibidem, p.202-203.

infestados, devido às más condições de higiene. Como tudo deveria ser relatado e o campo passava por um período adverso, Herbermann deveria verificar os cabelos das internas que estivessem contaminados e encaminhá-las para a enfermaria, a fim de serem medicadas ou condicionadas a raspar os cabelos. As mulheres privadas de seus cabelos manifestaram uma desestabilidade de si mesmas, afetando especificamente seu gênero enquanto mulheres, privando-as de qualquer vaidade. A humilhação contínua e a ausência de dignidade no tratamento das prisioneiras representavam formas de violência psicológica que se manifestaram especificamente em relação ao gênero.¹⁶⁵

As punições realizadas individualmente no campo foram variadas, e algumas mulheres inocentes eram punidas juntamente com as responsáveis. Sendo estas uma das violências contra as mulheres nos campos. Como castigo, as internas de todo o bloco deveriam permanecer em pé, em posição de sentido, por horas ou simplesmente restritas de alimentação. Outra punição comumente utilizada em Ravensbrück referia-se aos açoitamentos. Em um dos acontecimentos, Herbermann descreve que as mulheres Testemunhas de Jeová haviam sido designadas para construir abrigos antiaéreos, justamente confrontando sua religião, por não poderem realizar trabalho em benefício da guerra. Herbermann descreve que todas as mulheres do campo se enraivecaram com o castigo direcionado às internas.

O comandante, extremamente exasperado, ordenou dez chicotadas para cada Testemunha de Jeová. Todas tiveram que se ajoelhar para receber a punição. Ainda consigo ver aquela procissão, composta por senhoras idosas e queridas. Como grupo, pode-se dizer, com toda a honra, que elas eram as prisioneiras mais respeitadas, pacíficas, prestativas e pacientes de todo o campo. Agora, estavam sendo conduzidas como gado para o matadouro, neste caso, para o cavalete da tortura, ao qual foram amarradas uma após a outra. Cada prisioneira foi amarrada ao cavalete com tiras de couro para a aplicação da punição, e então ela começou em sequência. Mas elas rezavam, em silêncio e resignadas.¹⁶⁶ (tradução nossa)

Tendo como parâmetro as interações e trocas entre as mulheres, pode-se dizer que as relações de gênero forneceram às mulheres modos de resistir à experiência desumanizada e

¹⁶⁵ HERBERMANN, Nanda. *The Blessed Abyss: Inmate# 6582 in Ravensbrück Concentration Camp for Women*. Wayne State University Press, 2000, p.212.

¹⁶⁶ "The commandant, exasperated to the extreme, ordered ten lashings for every Jehovah's Witness. They all had to fall in to receive this punishment. I can still see this procession of mostly old, dear little grannies. As a unit, it can be said to their honor, they were the most respected, most peaceful, most helpful, and most patient inmates in the entire camp. Now they were being driven like a herd of cattle to the slaughtering block, in this case to the rack, to which they were tied in succession. Each prisoner was tied to the rack with leather straps for the administration of the punishment, and then it began in succession. But they prayed, silently and resignedly." (HERBERMANN, Nanda. *The Blessed Abyss: Inmate# 6582 in Ravensbrück Concentration Camp for Women*. Wayne State University Press, 2000, p.209)

opressiva do campo de concentração. Herbermann recorda em um dos trechos sobre os instintos maternos que nutriu por outras internas, em duas situações: enquanto líder do bloco das internas associadas e quando realizou visitas à enfermaria. Os laços entre as vítimas contribuíram para que as mulheres pudessem unir suas forças e sobreviver. A maternidade pode ser demonstrada a partir dos laços afetivos entre mães e filhas biológicas, mulheres mais velhas e jovens ou mulheres saudáveis e adoecidas. Herbermann descreve que experimentou essa forma de resistência a partir do sentimento materno. Ela havia desenvolvido profundo afeto por uma interna de Ravensbrück, uma menina cigana que estava adoentada na enfermaria, e, quando era possível, lhe fazia companhia. Com o falecimento da menina, Herbermann mencionou que levou à jovem uma modesta coroa de flores como uma despedida final.¹⁶⁷ No campo de concentração, o ato de cuidar das demais internas e nutrir relacionamentos constituíam-se como pequenos atos de resistência e humanidade.

A contribuição da autobiografia de Nanda Herbermann consiste na habilidade de expor as singularidades da vivência feminina durante o Holocausto. Fornecendo elementos para a historiografia em torno do debate acerca da relevância do gênero para analisar a vivência em campos de concentração. A obra, assim, revela que, além da luta pela sobrevivência física, as mulheres tiveram de preservar sua identidade e assegurar a dignidade.

Portanto, a narrativa da sobrevivente possibilita verificar a vulnerabilidade e resiliência das mulheres em um contexto de encarceramento. O capítulo pretendeu evidenciar a relevância da obra *The blessed abyss*, como fonte histórica e literária essencial para elaborar a vivência feminina no campo de concentração de Ravensbrück. O testemunho de Herbermann proporciona uma perspectiva ampla acerca das circunstâncias de vida e manifestações de violência, enfatizando as questões de gênero, exploração sexual e os procedimentos médicos. A brutalidade em Ravensbrück não se restringia apenas à violência física, mas se expressava de modo específico em relação ao gênero das internas. A despersonalização, degradação contínua e a iminência da violência sexual e reprodutiva formaram uma esfera de opressão que pode ser apreendida a partir dos relatos, como o de Herbermann.

Maria Ferdinanda Herbermann contribuiu para desafiar o silenciamento imposto pela Gestapo, proporcionando uma das primeiras obras autobiográficas de referência de uma

¹⁶⁷ HERBERMANN, Nanda. *The Blessed Abyss*: Inmate# 6582 in Ravensbrück Concentration Camp for Women. Wayne State University Press, 2000, p.261.

sobrevivente do campo de concentração feminino de Ravensbrück. Seu relato serviu como lembrança de que a narrativa de sobreviventes dos crimes nazistas possui diversas abordagens, e a vivência das mulheres, evidenciada pelos atos de violência sexual e de gênero, constitui um aspecto fundamental e indissociável dessa memória.

4.2 A autobiografia de Wanda Wiktorja Poltawska

A obra *And I am Afraid of my Dreams* escrita pela sobrevivente e resistente polonesa Wanda Wiktorja Poltawska, constitui um marco essencial em relação aos debates e pesquisas oriundos do Holocausto. A relevância de seu relato não se dá apenas pelo impacto promovido, mas por resgatar uma visão crucial sobre as especificidades da violência de gênero ocorrida nos campos de concentração nazistas. Publicado inicialmente em 1962, a obra destaca os quatro anos em que Wanda Poltawska permaneceu no campo de concentração feminino de Ravensbrück. Embora este seja um campo de concentração menos conhecido, em consonância com aqueles de notoriedade como Auschwitz e Dachau, este havia sido o cenário de atrocidades incomensuráveis, voltadas especificamente para as vítimas mulheres.

A escrita de Poltawska é um documento fundamental para entender a realidade do universo que abrangia o campo de concentração feminino. Ravensbrück tornou-se um microcosmo em que ocorriam e se manifestavam as brutalidades da ideologia nazista. Suas prisioneiras enfrentaram violências singulares, como os abusos que atingiam seus corpos femininos e identidade. A narrativa de Wanda Poltawska, assim como as autobiografias analisadas e citadas, carrega a possibilidade de elucidar a dor sentida pelas mulheres nas experiências perpassadas, seja na perda de sua própria identidade, nos experimentos médicos que culminaram na violação extrema dos corpos dessas mulheres. Para tanto, analisar a narrativa dessas sobreviventes ultrapassa a interpretação dos campos de concentração como único, porquanto revela a tessitura de sofrimento que abrangeu as mulheres.

A autobiografia de Wanda Poltawska transcende o relato de uma sobrevivente, mas, sobretudo, representa um ato de resistência, podendo ser considerada fonte histórica para os acontecimentos do nazismo. O registro de suas lembranças, apesar de ser demonstrado como dever moral, oferece conteúdo para analisar a violência de gênero como um instrumento de guerra e genocídio. Com uma abordagem interdisciplinar que combina análise literária,

pesquisa histórica e estudos de gênero. Este trabalho visa investigar as seguintes questões: de que modo a experiência de Wanda Poltawska em Ravensbrück evidencia as especificidades da violência e opressão contra as mulheres; quais as contribuições de sua obra para o testemunho feminino e a resistência aos crimes nazistas; e, por fim, como a análise de *And I am Afraid of My Dreams* pode fortalecer o debate sobre a violência de gênero.

Wanda Wiktoria Poltawska nasceu em Lublin, na Polônia, no dia 2 de novembro de 1921. Ela era filha de um funcionário dos correios e pertencia a uma família de classe média. Em setembro de 1939, no início da Segunda Guerra Mundial e na invasão nazista à Polônia, Wanda Poltawska era uma jovem estudante, e a ocupação alemã provocou mudanças drásticas, afetando a vida da população polonesa. O regime nazista inaugurou um período na Polônia de domínio político e aniquilação cultural e física do país. Nesse contexto, Poltawska ingressou no movimento de Resistência Polonesa, que era uma entidade organizada e ativa na Europa sob a ocupação nazista. Eles realizavam diversas ações, como a distribuição de propaganda até a sabotagem de instalações militares. Em fevereiro de 1941, quando tinha dezenove anos, Wanda Poltawska foi capturada pela Gestapo.

Em sua autobiografia, a sobrevivente de Ravensbrück inicia sua narrativa não no campo de concentração feminino, mas na prisão, onde descreve seu encarceramento e interrogatório. Ela foi conduzida ao quartel-general da Gestapo, sofrendo diversas agressões. Posteriormente, foi transferida para o Castelo de Lublin, um lugar que antecipava a quebra de normas sociais. Wanda Poltawska expressou surpresa ao ser enviada para a mesma cela que criminosos comuns. Essa vivência inicial dentro da prisão, antes de chegar ao campo de concentração, já expunha a degradação da condição humana, devido às circunstâncias da prisão e aos interrogatórios brutais.

A publicação da autobiografia de Wanda Poltawska *And I am Afraid of my Dreams* no ano de 1961, expressa a reorientação da memória do Holocausto, na qual considera as perspectivas das vítimas. Portanto, a obra de Poltawska está atrelada a um contexto de renovação do interesse acadêmico e público pelos eventos do Holocausto no período. Esse interesse pode ter sido especificamente influenciado pelo Julgamento de Eichmann no ano de 1961, que ratificou os testemunhos dos sobreviventes como fontes históricas para a análise do evento Holocausto. Situando a obra de Wanda Poltawska e o período de publicação, considera-se que, aproximadamente entre a década de 1950 e o final da década de 1960, tenha ocorrido uma diminuição significativa na quantidade de publicações de memórias e relatos.

sobre o Holocausto. Essa redução se deu logo após o aumento inicial dos testemunhos, ocorrido nos anos seguintes ao final da guerra. Diversos pesquisadores apresentaram algumas razões para a queda do número de publicações.

Judith Tydor Baumel, no capítulo *Gender and Family Studies of the Holocaust* destaca que a literatura escrita nesse período entrou em declínio. Esse intervalo temporal esteve situado em meio a dois períodos em que havia ocorrido duas ondas de conscientização do Holocausto que fomentaram a publicação de testemunhos, que são, respectivamente, o período posterior à guerra e o período da década de 1970. Ao decorrer desse intervalo, foram escassas as pesquisas sistemáticas sobre a Guerra e o Holocausto, contando com quase nenhum estudo de gênero. Uma das razões para a redução se refere à ausência de crenças ideológicas nesses relatos, porquanto este foi um período em que uma proporção elevada de memórias de mulheres membros de movimentos de resistência, ou funcionários no período de guerra, emergiram. Desse modo, os sobreviventes que escreveram seus relatos nesse contexto foram considerados sobreviventes comuns, que não mantinham crenças e ideologias políticas ou não compunham movimentos de resistência. Ademais, outras causas dizem respeito ao fato de os sobreviventes terem superado a necessidade psicológica de compartilhar seus testemunhos. Uma vez que estavam preocupados em reconstruir suas vidas após os eventos do nazismo, por outro lado, alguns sobreviventes que ansiavam por dividir suas histórias notaram que o público que consumia esse gênero literário era decrescente.¹⁶⁸

Faz-se necessário, semelhantemente, discorrer sobre o contexto social e cultural no qual os sobreviventes estiveram inseridos. A década de 1970 representou um crescimento no multiculturalismo, que foi determinante para os sobreviventes minimizarem a experiência passada e retornarem ao seu país de origem, conseqüentemente, assimilando-se à sua cultura novamente.

Posto isso, embora tenham existido alguns sobreviventes no período em questão que tenham optado por redigir suas memórias, muitos destes registraram apenas para finalidades pessoais, portanto, não estavam dispostos a publicar os resultados dessa escrita e nem enfatizar sua origem estrangeira. Em consonância com isso, anteriormente à década de 1970, o mercado literário dos testemunhos da Guerra e Holocausto não se constituía como um empreendimento rentável, e como poucas editoras estavam interessadas nesses registros, não

¹⁶⁸ BAUMEL-SCHWARTZ, Judith Tydor. *Gender and Family Studies of the Holocaust: the development of a historical discipline*. In: HERTZOG, Esther. *Life, Death and Sacrifice: women and family in the Holocaust*. Jerusalem: Gefen Publishing House, 2008, p. 25-27.

solicitavam manuscritos aos sobreviventes. Apesar de diversos fatores terem influenciado o declínio das memórias, algumas mulheres escolheram publicar seus testemunhos no período de 1950 a 1960.

Em 11 de abril de 1961, o julgamento do *SS-Obersturmbannführer* Adolf Eichmann, um dos principais burocratas que organizou a deportação dos judeus durante o Holocausto. Esse julgamento ocorreu no Tribunal Distrital de Jerusalém e foi amplamente transmitido pelos canais de televisão nos Estados Unidos. A acusação se consolidou com a apresentação de testemunhas e a análise de centenas de documentos, o que culminou na condenação do burocrata por crimes contra o povo judeu, crimes contra a humanidade e violações de guerra. Posteriormente, Eichmann foi condenado à pena de morte por enforcamento¹⁶⁹. O julgamento representou uma reviravolta na atenção mundial em relação aos acontecimentos do Holocausto, posto que, ao contrário dos julgamentos de Nuremberg, realizados entre 1945 e 1946, foi permitido aos sobreviventes testemunhar no tribunal; portanto, eles passaram a ser o cerne do julgamento.

De certo modo, o processo não visou somente a justiça aos judeus e condenar Eichmann, mas facilitou a compreensão do Holocausto e dos crimes nazistas para os diversos espectadores que assistiram ao julgamento. Promovendo a identificação com as vítimas, que tiveram a liberdade para expressar suas experiências após a notoriedade do julgamento. Em última análise, o julgamento de Adolf Eichmann gerou interesse amplo, do público e da academia, em relação às vivências dos sobreviventes dos campos nazistas. Em consonância, o julgamento reconheceu as narrativas dos sobreviventes como fundamentais para evidenciar a história do Holocausto e dos campos de concentração nazistas.

Logo após a prisão de Eichmann, a intelectual Hannah Arendt foi encaminhada para fazer a cobertura do julgamento pela revista *The New Yorker*. Em seguida, publicou um artigo com cinco capítulos. Sequencialmente, a versão ampliada do artigo deu origem ao livro *Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal* publicado em 1963.¹⁷⁰ Assim, o início dos anos 1960 testemunhou um considerável crescimento nas pesquisas acerca do Holocausto, resultando em análises acadêmicas reconhecidas. Entre essas pesquisas, situa-se o livro de Raul Hilberg, intitulado *A destruição dos Judeus Europeus* que foi considerado o primeiro cânone do Holocausto. Essas pesquisas foram primordiais para a conscientização do

¹⁶⁹ ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 32.

¹⁷⁰ *Ibidem*, p.5.

Holocausto, promovendo o desenvolvimento da sensibilização em relação aos judeus e à opressão vivenciada. Sendo assim, é provável que o julgamento e a transmissão tenham ocasionado mudanças no eixo da memória do Holocausto, centralizando as vítimas dessa catástrofe, o que possivelmente inspirou os sobreviventes a publicarem os seus testemunhos com o interesse do público na década de 1960.

Possivelmente, devido ao número reduzido de memórias e testemunhos publicados no período, ainda não existe uma bibliografia específica que analise criticamente os procedimentos literários femininos para fornecer uma análise comparada da autobiografia de Wanda Poltawska com a de outras internas. No entanto, pode-se observar que algumas obras, no mesmo período em que Poltawska escreveu, foram redigidas em sua língua nativa. A autora havia publicado seu livro inicialmente em polonês, obtendo tradução para a língua inglesa apenas no ano de 1987, publicada em 1989. A maioria das autobiografias de mulheres não-júdias era escrita em uma das línguas europeias.¹⁷¹

A autobiografia de Wanda Poltawska foi traduzida da língua polonesa por Mary Craig e contém 191 páginas, dispostas em 23 capítulos e um pós-escrito. Portanto, esta presente dissertação considera para a análise a primeira edição da autobiografia em língua inglesa. Wanda Poltawska foi uma sobrevivente do campo de concentração nazista, aprisionada por auxiliar no movimento de resistência polonês, mantendo-se encarcerada por quatro anos em Ravensbrück. Poltawska ficou conhecida por ser uma das mulheres sobreviventes de experimentos médicos realizados no campo. Juntamente com outras 74 mulheres de origem polonesa, foi submetida a testes. Esse grupo ficou conhecido como *rabbit* ou *guinea-pigs*, que significam coelho e cobaias. A memória da autora, portanto, é essencial para explorar as formas pelas quais a violência de gênero e racial estão entrelaçadas.

As memórias da autora foram redigidas entre os meses de junho e julho do ano de 1945, após a libertação da sobrevivente do campo feminino. Apesar de ter escrito posteriormente, a autobiografia permaneceu intocada, considerando que ela não havia o ensejo de publicá-la por escrever por motivos diferentes de outras memórias relativas às vítimas do nazismo e resistentes da guerra. Wanda explica que, ao retornar, durante todas as noites, tinha pesadelos com o campo de concentração, quando recebeu o conselho de relatar para alguém sobre sua experiência, a fim de que assim superasse o trauma. No entanto, ela se

¹⁷¹ SAIDEL, Rochelle G. *As judias do campo de concentração de Ravensbrück*. São Paulo: Edusp, 2009, p.20.

recusou a dizer para alguém os horrores vivenciados, por isso preferiu escrever e, cinco anos após a redação, decidiu por publicar a obra.

Em setembro de 1941, Wanda Poltawska foi encaminhada para o campo de concentração feminino. Esse episódio é narrado na biografia sobre o campo de concentração feminino de Ravensbrück. As prisioneiras, dentre elas a sobrevivente Wanda Poltawska, foram transportadas em um trem aglomerado, partindo de Lublin para a Alemanha. Apesar de não saberem para onde iriam, elas expressaram contentamento em finalmente se sentir livres, saindo do ambiente de encarceramento. A expectativa das vítimas era de que a mudança fosse aperfeiçoar suas condições de vida. Afinal, as mulheres acreditavam que tinham sido poupadas da morte e, ao atravessar quilômetros nos vagões, não imaginavam encontrar maior suplício.¹⁷²

As prisioneiras foram encaminhadas ao local do campo de concentração, e sua chegada é descrita como um processo intencional de desumanização, uma estratégia que se tornaria característica do nazismo e do sistema dos campos. A substituição do nome por um número #7709 representa um acontecimento simbólico, no entanto, fundamental em sua história. Wanda Poltawska documenta que, no campo de concentração, as mulheres eram apenas números e perdiam sua identidade; afinal, os nomes não eram utilizados.¹⁷³ A remoção da identidade pessoal representou o início do processo de converter as prisioneiras em um grupo, sem identificá-las com seus nomes. Assim, tornavam-se mais simples de serem dominadas e até mesmo eliminadas. O ato de enumerar as prisioneiras não representava apenas um rótulo administrativo; ele se configurava como um instrumento de desumanização mental, negando a singularidade e a condição humana de cada mulher encarcerada.

Wanda Poltawska descreve que, ao chegar a Ravensbrück, avistou um portão e uma praça enorme, além de prédios altos e ordenados. Ela descreve que foi transferida para o campo em caminhões, juntamente com outras prisioneiras. Elas haviam sido encaminhadas da prisão de Lublin. Ela diz em suas memórias ter observado o campo de concentração com curiosidade, mas, à distância, viu mulheres que estavam enfileiradas e vestidas semelhantemente, com o uniforme azul fornecido pelos nazistas. Ela denota que se encontrou estarrecida com os rostos das prisioneiras, pois todas elas tinham a mesma expressão, de modo que eram indistinguíveis umas das outras.

¹⁷² HELM, Sarah. *Ravensbrück: a história do campo de concentração nazista para mulheres*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2022, p.227.

¹⁷³ POLTAWSKA, Wanda. *And I am afraid of my dreams*. New York: Hippocrene Books, 1989, p.40.

Foi então que compreendi que ali havia algo infinitamente pior do que a imundície da prisão — aquelas cabeças limpas e raspadas de forma idêntica, aqueles rostos sem vida e inexpressivos. Eles passavam com indiferença, sem olhar para nós, sem falar, sem reagir de forma alguma à nossa presença. Pareciam não ter rostos. Não passam de cascas vazias, pensei.¹⁷⁴ (tradução nossa)

Após o ingresso no campo, Wanda Poltawska foi posta em quarentena com outras prisioneiras, correspondente a um período de adaptação para iniciar as prisioneiras aos hábitos do campo e ainda para evitar que algumas doenças fossem propagadas para outras internas. Afinal, ela descreve em seu relato que os alemães estavam preocupados com as infecções e questões sanitárias. As prisioneiras em quarentena foram mantidas em um isolamento forçado, sujeitas a superlotação e regras sistemáticas. Durante o período da manhã, a rotina consistia em acordar ao som das sirenes estridentes e arrumar as camas. A tarefa de arrumar as camas parecia algo simples; no entanto, no cotidiano dos campos, poderia ser uma tarefa extenuante. A líder dos blocos corrigia as prisioneiras e as castigava quando podia, por situações mínimas, como estar sujo, desabotoado ou não ter arrumado a cama corretamente. Wanda Poltawska assevera que a rigidez na rotina a fazia recordar de que o castigo era a única condição que as prisioneiras poderiam esperar.¹⁷⁵

Após determinado tempo, Wanda Poltawska havia saído da quarentena, assim como o grupo de prisioneiras polonesas que ingressou com ela. Estas foram encaminhadas, respectivamente, para os blocos 11 e 15. Nesse período, as novas internas já haviam se adaptado ao campo e aprenderam a linguagem concentracionária. Nesse ambiente, era preciso evitar relatórios ruins, a fim de que uma pessoa não denunciasse a outra e, como resultado, fosse aprisionada no *bunker* para falecer por inanição. Do mesmo modo, ela descreve que foi inserida nas regras do campo a fim de evitar complicações para ela. Ela foi aconselhada a não ficar doente, a se atentar aos atos e ações que poderiam ser realizados no campo, tendo em vista que algumas infrações poderiam levar à proibição de alimentos ou ao encaminhamento para o bloco de punição.

O bloco de punição ou *Strafblock* consistia em um alojamento comum instalado isoladamente atrás dos arames farpados do campo. Nesse local, as prisioneiras eram encaminhadas por desrespeito às regras do campo, como se atrasar para a chamada das

¹⁷⁴“It was the I understood that here was something infinitely worse than the filth of the prison - those clean, identically shaved heads, those lifeless, expressionless faces. They walked past with indifference, not looking at us, not speaking, not reacting to our presence in any way. They did not seem to have faces, They are nothing but husks, I thought.” (POLTAWSKA, Wanda. *And I am afraid of my dreams*. New York: Hippocrene Books, 1989, p.38)

¹⁷⁵ POLTAWSKA, Wanda. *And I am afraid of my dreams*. New York: Hippocrene Books, 1989, p.39.

mulheres na praça principal, não arrumar a cama de acordo com as normas e se recusar a obedecer ao regimento do campo. As punições eram variadas, em que se utilizavam a camisa de força ou os jatos de água.

O sistema de trabalho em Ravensbrück era intensivo, com uma mão de obra crescente e explorada em seu limite máximo. O testemunho de Wanda Poltawska revela que, como nova prisioneira, não possuía um posto de trabalho fixo, como ocorria com as internas veteranas. Assim, ela compunha com as outras colegas de campo a reserva de mão de obra, que consistia em realizar qualquer tipo de trabalho que surgisse. Apesar de algumas tarefas essenciais, como a costura e os consertos no complexo, havia uma quantidade excessiva de trabalho manual. Estes eram: carregar briquetes de combustível para o forno, mover pedras e tijolos empilhados nos carrinhos de mão, descarregar ou cavar valas. Como as unidades que realizavam trabalhos especiais não eram designadas para essas tarefas, cabia a uma das guardas alemãs selecionar as detentas e os grupos para esse tipo de serviço. Ao decorrer do tempo, a autora pôde observar que aqueles que possuíam mais chances de sobreviver nos campos eram os que fingiam estar trabalhando, para que assim mantivessem as condições de saúde e não acarretassem lesões.¹⁷⁶

Dentre os trabalhos mais desumanos realizados em Ravensbrück, estava o trabalho na areia. De acordo com Poltawska, o trabalho era lancinante e desenvolvido apenas para torturar e agonizar as prisioneiras; era uma tarefa destinada às novas ingressantes que não foram selecionadas para o serviço em outras áreas. Como no interior do campo as pessoas eram designadas para o trabalho forçado, em ocasiões em que não havia função para todos, era necessário criar alternativas para o serviço. Assim, o trabalho empreendido pelas mulheres era inerentemente inútil, porquanto compelia as vítimas a mover montes de areias com pás de um lado para outro. Essa tarefa não tinha propósito e era incessante, de modo que elas poderiam passar um dia completo nessa função.

As pás deixavam bolhas nas palmas das nossas mãos, e a areia, pesada e úmida pela manhã, era, conforme o dia avançava, chicoteada pelos ventos ferozes de Mecklenburg, transformando-se em grãos finos e instáveis que nos sufocavam os olhos, os olhos e a boca, e penetravam em nossas roupas. Voltávamos para casa sufocadas de areia. Sentíamos como se ela estivesse nos enterrando vivas.¹⁷⁷
(tradução nossa)

¹⁷⁶ POLTAWSKA, Wanda. *And I am afraid of my dreams*. New York: Hippocrene Books, 1989, p.45.

¹⁷⁷ “The spade blistered the palms of our hands, and the sand, heavy and damp in the morning, would as the day wore on, be whipped by the fierce Mecklenburg winds in to fine, shifting grains which choked clothing. We returned home smothered in sand. We felt as though it were burying us alive.” (POLTAWSKA, Wanda. *And I am afraid of my dreams*. New York: Hippocrene Books, 1989, p.44.)

O relato da interna representa a rotina constante de humilhação sofrida pelas mulheres, na qual o trabalho se referia a um mero artifício para a tortura. Sendo subjugadas aos trabalhos forçados e castigos físicos, as internas não possuíam outra alternativa a não ser obedecer às ordens nazistas e se adequar à rotina do campo. Wanda expressa a dilaceração do seu próprio corpo físico, oferecendo um vislumbre do trabalho escravo em Ravensbrück.

Helm assevera que o areal ficava localizado além dos muros do campo e próximo ao lado, onde eram construídas as moradias dos oficiais nazistas. As mulheres iniciavam o trabalho na areia pela manhã, com o sol em intensidade. O calor era extremo e elas deveriam retirar as pilhas de areia e jogar em outra pilha, de modo a ocorrer sua remoção completa. O trabalho era repetido incansavelmente enquanto as guardas gritavam e emitiam insultos a elas.¹⁷⁸ Em alguns casos, as mulheres deveriam empilhar a areia sob vagões e empurrá-los mediante trilhos; no entanto, se o vagão virava, era necessário fazer todo o processo novamente e colocar a areia no conteúdo. Nessas circunstâncias, muitas mulheres não conseguiam suportar. Além disso, as guardas agiam veementemente com violência, até mesmo chutando as vítimas.

Wanda Poltawska atesta que ela e suas colegas do campo tinham plena convicção de que o trabalho exercido no campo era totalmente ausente de significado. E, apesar de haver o ensejo de se rebelarem contra os atos cruéis realizados pelas guardas, atendo ao contexto e à posição em que se encontravam, não haveria o que as prisioneiras pudessem fazer. A solução apontada por Poltawska era se eximir da realidade. Ela aponta que seria melhor ficar tão indiferente a esse contexto e insensível quanto as pedras, pois, ao alimentar esses sentimentos, elas poderiam chegar ao estado de alucinação.

Em dezembro de 1941, o inverno havia chegado e, com ele, o constante frio que acometia os acampamentos. Nos dormitórios, havia pingentes de gelo que caíam das vigas, assim como os cobertores se encontravam cobertos de geada; no entanto, era uma das ordens do campo que as janelas permanecessem abertas. As internas imaginavam que pereceriam com o frio estarrecedor que adentrava o estabelecimento. Porém, elas não desenvolveram nenhum tipo de doença nem pegaram algum resfriado. Poltawska acredita que as prisioneiras tinham anseio em viver e haviam se agarrado à oportunidade de permanecer independentes das circunstâncias. Como não dispunham de cobertas ou casacos, o período da noite era pior e

¹⁷⁸ Idem, p.67.

fazia com que ela e as demais se entregassem à autocomiseração. Nesses momentos, ela se perguntava como seria possível que em algum dia tivesse sido realmente humana. Isso demonstra como as mulheres, em determinados momentos, se encontram precisamente ausentes de perspectivas; além disso, reitera a desumanização a que são submetidas as mulheres constantemente.¹⁷⁹

Outro aspecto que a sobrevivente relata é acerca da passagem do tempo, dizendo contar o tempo a partir dos dias; no entanto, a soma desses dias não poderia lhe dizer absolutamente nada. O campo de concentração era um local de sobrevivência árdua, mesmo que fosse por somente vinte e quatro horas. Os dias não poderiam ser medidos por nenhum marcador temporal e as pessoas que estavam externas ao universo do campo não poderiam imaginar o quão extenso poderia ser um dia naquele ambiente adverso. Por isso, ela denota que cada dia poderia durar uma eternidade, como um pesadelo sem fim. Os dias prosseguiram, sem nenhuma pausa e descanso; todos os dias e noites pareciam os mesmos. A rotina de trabalhos forçados parecia não ter fim. Nesse momento, Wanda Poltawska havia iniciado um outro serviço, o de selecionar as palhas e trançá-las para que fizessem botas para calçar os guardas. O ritmo de trabalho era acelerado e as prisioneiras ficavam com as mãos e dedos inchados ao final da tarefa.

Depois do turno, que era realizado à noite nesse serviço, as internas poderiam dormir por cerca de uma hora, quando às cinco da manhã retornavam para a chamada na praça, onde permaneciam cansadas. Após a chamada, as prisioneiras poderiam retornar ao bloco e descansar por um instante, mas, ao toque das sirenes, todas deveriam voltar ao trabalho árduo. A refeição do campo era realizada ao meio-dia e as mulheres recebiam uma sopa rala e aquecida ou uma porção de nabos.

O primeiro Natal de Wanda Poltawska foi no ano de 1941, o primeiro ano em que permaneceu no campo. Ela expressa que superar aquele dia foi muito doloroso. Ao som de uma canção de Natal ressoada pelas internas, no verso principal da canção, começaram a chorar. Ela aponta que evitava expressar tristeza e chorar mediante aquela situação, mas, nesse dia, ela e as companheiras do campo não poderiam imaginar como seria o Natal distante de Ravensbrück, onde estavam seus amigos e familiares. Encontravam-se pensando incessantemente. Como Wanda era uma mulher religiosa, imaginou a igreja e a missa, além de refletir sobre o que seus familiares poderiam estar realizando durante aquela noite. Em um

¹⁷⁹ Ibidem, p.45.

trecho questiona se talvez em algum lugar do mundo as pessoas estivessem reunidas, felizes e celebrando aquela data.

Superar aquele dia — ou melhor, aquela noite de vigília — foi dolorosa. Ao retornarmos ao bloco desabamos completamente, choramos copiosamente. Foi culpa de Wladka e Joanna. Sobre a mesa, elas haviam colocado uma pequena árvore de Natal, cujo segredo era como a conseguiram, e na árvore havia pequenos brinquedos que Joanna havia esculpido grosseiramente em cabos de escova de dentes: elefantes em miniatura com suas trombas erguidas como sinal de alegria, barquinhos, corações...Mais tarde ela faria esculturas mais elegantes, mas esses primeiros esforços dela foram os lembretes mais comoventes junto com nossa pequena árvore de natal polonesa, de nossa liberdade perdida. ¹⁸⁰ (tradução nossa)

O trecho demonstra o anseio que as prisioneiras tinham por se manter vivas, sem estar entregues à realidade dos campos. Apesar da tristeza que envolveu a data, isso demonstra o esforço em recuperar a própria identidade, redescobrimo formas de resistência e humanidade nos campos. Porquanto, apesar da arbitrariedade e desumanização, aquelas mulheres ainda estavam vivas e poderiam ser livres em sua própria mente. Além disso, nitidamente pode-se observar a união que existia nos campos, na qual as mulheres interagiam entre si e cuidavam reciprocamente das outras, reforçando os laços de solidariedade. Apesar da condição de sofrimento nos campos, os pequenos gestos e rituais foram modos de não sucumbir à aniquilação de si mesma e preservar sua integridade mental.

A experiência de encarceramento nos campos reiterou a relevância de manter a esperança como modo de superação e resistência interna. Assim, Wanda Poltawska ilustra que o ato de narrar histórias poderia ser um dos modos de resistência das internas. Em dado momento, ela descreve que, com sua amiga Krysia, contavam histórias uma para a outra, geralmente da própria imaginação e de paisagens, onde possivelmente imaginavam estar livres do campo. Apesar das dificuldades, idealizar e colocar esperanças em si mesma poderia ser um modo de superar e resistir.¹⁸¹ Ao decorrer do encarceramento, as mulheres realizaram tentativas de resistir ao cenário, que poderiam ser desde a força armada até as atividades ordinárias. Assim, a maior parte das formas de resistência visava erguer o moral das internas, por meio de criar e oferecer presentes às prisioneiras, ou ensinar e cooperar mutuamente com

¹⁸⁰ “Getting through that day — or rather, that Vigil night — was painful. On our return to the block, we broke down completely and cried our hearts out. It was Wladka’s and Joanna’s fault. On the table they had placed a tiny Christmas tree — where they had obtained it was their secret — and on the tree were little toys which Joanna had roughly carved ou of toothbrush handles: Miniature elephants with their trunks held high as a sign of joy; tiny boats; hearts... Later on, she would do more elegant carvings, but these first efforts of hers were the most moving of all — reminders, along with our little Polish Christmas tree, of our lost freedom.” (POLTAWSKA, Wanda. *And I am afraid of my dreams*. New York: Hippocrene Books, 1989, p.50.)

¹⁸¹ Ibidem, p.45.

as internas. O ato de oferecer presentes, principalmente em datas e ocasiões importantes, era uma prática popular no campo, que contribuiu para manter a normalidade.¹⁸²

Após o Natal, chegava ao fim o primeiro ano de Wanda Poltawska no campo de Ravensbrück. Com a passagem do tempo, ela atesta que um dos desafios que emergiram era a questão da fome. As internas lutavam regularmente para persuadir o seu corpo, que estava necessitando de alimentação adequada; esse quadro consumia toda a força que ainda existia nelas. O tormento físico de não dispor de alimento ainda era acentuado devido à angústia mental de que nada poderia ser feito, criando uma situação de impotência das vítimas. Ao decorrer dos anos, o trabalho, do mesmo modo, regredia. Tornando-se intensivamente mais complexo e desagradável. Logo, a sobrevivente compreendeu que uma das leis máximas do campo era que qualquer mudança sempre seria para pior. O retrocesso dessas condições foi atestado quando Wanda Poltawska expressou que foi submetida a carregar oitenta quilos de cimento nas costas sob dois lances de escadas. Ela só conseguiu com o auxílio de outra prisioneira. Apesar do cansaço físico, ela escreve que não havia outra alternativa; por isso, precisava continuar.¹⁸³

No ano de 1942, Wanda Poltawska expressa que um grupo de autoridades visitantes chegou ao campo de concentração para realizar exames. Ela relata que eles fizeram alguns testes minuciosos das pernas das mulheres; após avaliar seus corpos, foram enviadas de volta para os blocos. Naquele dia, ela e as outras internas começaram a idealizar o que poderia significar aqueles exames. Algumas tinham a teoria de que as prisioneiras seriam trocadas e encaminhadas para outro país, e algumas pensavam que poderia se tratar de uma execução em massa. No dia posterior, Wanda Poltawska foi convocada novamente para a sala onde eram realizados os exames; no entanto, nada em específico ocorreu. Os médicos Oberheuser e Rosenthal avaliaram as mãos e pernas das internas, o que ela pensou estar em busca de feridas infecciosas. Após isso, ela retornou para o bloco.¹⁸⁴

Em seguida, ela foi convocada novamente após dois dias. Uma das mensageiras retornou com uma lista de nomes, convocando Wanda Poltawska e algumas internas. Quando chegou ao local, ela não imaginava do que poderia se tratar a convocatória; no entanto, ao olhar para as prisioneiras, lembrou que todas faziam parte de atividades de resistência, e por isso foram aprisionadas. Ela acreditou que ocorreria a execução, porquanto era uma prática.

¹⁸² SAIDEL, Rochelle G. *As judias do campo de concentração de Ravensbrück*. São Paulo: Edusp, 2009, p.71.

¹⁸³ POLTAWSKA, Wanda. *And I am afraid of my dreams*. New York: Hippocrene Books, 1989, p.51.

¹⁸⁴ Idem, p.74.

comum no interior de Ravensbrück, onde os nazistas costumavam encaminhar as vítimas para o hospital ou fingir que elas seriam conduzidas para algum transporte, a fim de atirar nelas. Mediante o fato, Wanda Poltawska permaneceu apática e relatou estar aliviada se fosse morrer, posto que indicava o final de seu sofrimento. Quando foi anunciada para entrar, deparou-se com uma banheira de água quente; este seria o seu primeiro banho em meses. Uma mulher alemã a auxiliou a se despir, e ela questionou o que iria ser feito, quando foi respondido que possivelmente iriam operá-la. Ao sair do banho, ela foi conduzida a um corredor com diversos quartos, onde tinham seis camas brancas e limpas. Apesar de assustada com a situação, Poltawska demonstrou satisfação em poder repousar em uma cama limpa. Como estava cansada, ela optou por dormir.

Ao acordar, Poltawska se deparou com uma das enfermeiras segurando uma navalha e se assustou; no entanto, ela descreve que a mulher explicou que não era para causar dor e que iria somente raspar as pernas de sua colega. Após a afirmativa, ela ficou em dúvidas ao questionar os motivos que levariam a enfermeira a raspar as pernas de todas as mulheres se estavam sentenciadas a falecer.

Uma a uma, fomos raspadas do tornozelo ao joelho. E então a irmã apareceu com uma injeção de centímetros de um fluido amarelo viscoso. Uma injeção intramuscular. Eu sabia que a morte podia ser induzida por apenas alguns centímetros injetados sob a pele, então por que tanto? Após a injeção, me senti pesada e inerte. Eu podia ver e ouvir, mas não me mover. Ficamos deitadas como felizes de feno cortado. Nossos músculos estavam paralisados ou algo assim? Nenhum deles fazia sentido.¹⁸⁵ (tradução nossa)

A situação relatada demonstra a ausência de sentido no que ocorreu com Wanda Poltawska. Sem compreender o que seria feito com o seu próprio corpo, ela não sabia que se tratava de uma situação de violência de gênero, e mais ainda, de que seria utilizada para os experimentos médicos. Após isso, ela recordou das palavras da enfermeira, que disse se tratar de uma cirurgia. Naquela mesma tarde, Wanda Poltawska despertou, ainda indisposta, quando foi ordenado que ela e as demais internas deveriam se vestir e retornar ao seu bloco. Ela ficou absolutamente atônita com a ordem; como não conseguia se locomover com as pernas instáveis, algumas mulheres a auxiliaram a retornar.¹⁸⁶

¹⁸⁵ “One by one we were shaved from ankle to knee. And then sister appeared with an injection - 5cms of viscous yellow fluid. An intra-muscular injection. I knew that death could be induced by a mere 1 cm injected under the skin, so why so much? After the injection, i felt heavy and inert. I could see and hear but no move. We lay there like stooks of mown hay. Were our muscles paralysed or something None of it made any sense.”(POLTAWSKA, Wanda. *And I am afraid of my dreams*. New York: Hippocrene Books, 1989, p.77.)

¹⁸⁶Ibidem, p.77.

Após o ocorrido, Wanda Poltawska ainda estava em dúvidas sobre o que realmente havia acontecido na enfermaria. Ela recebeu alguns dias para ficar de repouso devido à indisposição, mas não tinha certeza de que aquilo havia chegado ao fim. Do mesmo modo, não compreendia que algo pior poderia acontecer quando, em agosto de 1943, os experimentos recomeçaram. A sobrevivente aponta que os nazistas utilizaram as mesmas seis mulheres que haviam selecionado anteriormente; eram as mesmas camas, os roupões e as injeções. Tudo parecia precisamente igual ao momento anterior, no qual as internas haviam deixado a sala. A única exceção foi que ela retornou mais inconsciente e com a perna engessada, fraca e sem nenhuma resistência.

Antes de perder a consciência, um único pensamento rondava minha mente: “Mas nós não somos cobaias, pelo amor de Deus”. Acho que devo ter repetido essa frase durante toda a operação, e depois Dziunia e algumas das outras a retomaram. Não, mil vezes não, nós não éramos cobaias. Éramos seres humanos.¹⁸⁷ (tradução nossa)

A palavra alemã para coelho era *Kanichen* e se referia aos animais utilizados para vivissecção. Em Ravensbrück, este era o nome genérico concedido a um grupo de mulheres polonesas que foram submetidas a operações experimentais regularmente. O relato de Wanda demonstra o símbolo de resistência dela e de suas colegas, fomentando a irmandade e ações de solidariedade no campo. Durante uma experiência médica que os nazistas estavam prestes a realizar na sobrevivente, Wanda repetiu em sua mente a todo instante que não era uma cobaia. Ela explica que o termo se disseminou, já que esse grupo o utilizava para se referir a si mesmas, e logo todo o campo de concentração passou a reconhecê-las como cobaias. O nome era tão apropriado que até os médicos o utilizavam.¹⁸⁸

Entre agosto de 1942 e 1943, os nazistas realizaram testes cirúrgicos e experimentos em 74 mulheres polonesas. O intuito era simular os ferimentos dos soldados em frente de batalha no corpo das prisioneiras, a fim de analisar os medicamentos eficazes e necessários para tratar lesões. As cirurgias concebidas produziam infecções com o propósito de estudar o tratamento com sulfonamidas. Operações equivalentes, do mesmo modo, foram aplicadas às mulheres; esses experimentos infligiram feridas em diversas partes do corpo, como ossos, músculos e nervos. O jargão conceituado, as prisioneiras que vivenciaram esse tipo de humilhação e violência denominavam as mulheres como “coelhas”, semelhante a cobaias. As

¹⁸⁷ “Before i lost consciouness, a single thought chased round my mind: “But we’re not guinea-pigs, for heaven’s sake.” I think i must have kept repeating this sentence throught the operation, and afterwards Dziunia and some of the others took it up. No, a thousand times no, we were not guinea-pigs. We were human beings.” (POLTAWSKA, Wanda. *And I am afraid of my dreams*. New York: Hippocrene Books, 1989, p.80.)

¹⁸⁸ Ibidem, p.81.

mulheres que sobreviveram ao experimento ficaram com lesões permanentes, além de dores e cicatrizes pelo resto de suas vidas.¹⁸⁹

Wanda Poltawska foi uma das primeiras vítimas do novo experimento; ela teve suas pernas operadas e descreveu em seu livro de memórias a provação desumana a que esteve submetida aos testes médicos, assim como suas colegas, como legítimas cobaias. Os experimentos fizeram com que as mulheres padecessem com intensas dores nas pernas; elas se reviraram nos leitos em todas as direções, como se tentassem eliminar a sensação. No entanto, Wanda Poltawska descreve ser impossível, devido aos movimentos intensificarem a dor; era uma sensação intolerável.¹⁹⁰ As mulheres permaneceram febris ao longo do teste, além de ficarem com as pernas consideravelmente inchadas, vermelhas e com irritações. Ela descreve que, devido ao inchaço da perna, o gesso chegou a cortar sua virilha. O doutor Oberheumer entrou na enfermaria com um caderno e observou a perna de todas as prisioneiras, realizando anotações em seu caderno. As cobaias receberam visitas constantemente, inclusive do médico que as operou. Ao observar as visitas e análises médicas ao teste realizado, Poltawska se questionava acerca do propósito existente naquela operação. E começou a pensar que poderia ser para o avanço de conhecimentos médicos, o que a aliviou, pensar que estivesse sendo utilizada para uma boa causa, a fim de promover a cura.

Conforme o decorrer do tempo, as mulheres iniciaram a se acostumar com as visitas rotineiras. Em seguida, quando o doutor que as operou observou as pernas das internas, iniciou a aplicação de uma medicação, que funcionaria como curativo. O gesso havia sido removido; no entanto, com ele os médicos retiravam corpos estranhos de suas pernas que elas não conseguiam fitar. A impressão era de que havia buracos nas pernas e que eles extraíam algo delas que ocasionava a dor lancinante. Além da dor, as pernas mutiladas expeliam um líquido fluido com odor ruim que deixava uma poça pelo leito; ademais, as moscas pousavam sobre as pernas e zumbiam pelo quarto. O odor era forte e os músculos das internas permaneciam fracos, porquanto o medicamento que ingeriam quase não fazia efeito sobre a dor. Wanda ainda expressa que desconhecia o que ocorrera no procedimento cirúrgico, mas tinha convicção de que algo inusitado havia ocorrido.

Ela destaca que as internas que passaram pelo procedimento após elas não padeceram tanto, pelo menos não do mesmo modo. As condições psicológicas e emocionais para as

¹⁸⁹ SAIDEL, Rochelle G. *As judias do campo de concentração de Ravensbrück*. São Paulo: Edusp, 2009, p.47.

¹⁹⁰ POLTAWSKA, Wanda. *And I am afraid of my dreams*. New York: Hippocrene Books, 1989, p.81.

mulheres foram extremamente adversas; o experimento não somente as desfigurou como delimitou o corpo delas como objeto. O impacto emocional se manifesta no momento em que elas não compreendem ou não discernem o que havia sido feito com os próprios corpos. A experiência traumática ocasionou uma forte incerteza sobre o que ocorreria com elas, fazendo com que questionassem a própria vida e se sobreviveriam. Havia o receio de ficarem paralisadas pelo resto da vida a partir da cirurgia à qual foram expostas sem consentimento.

Apesar do trauma, Wanda Poltawska destaca que, do lado de fora da enfermaria, as colegas de campo tentavam conversar com elas, enviando até mesmo presentes e cartas para amenizar a experiência e a recuperação do procedimento. Assim, são revelados os laços de socialização e solidariedade que existiam entre as vítimas. Wanda Poltawska encontrou formas de se manter forte, resistindo com coragem ao que lhe fora imposto. Wanda Poltawska encontrou sentido na situação vivenciada, conformando-se de que, ao menos, sua colega de campo não iria suportar o mesmo sofrimento que ela.¹⁹¹

Posteriormente, Wanda Poltawska e as prisioneiras, ainda na enfermaria, observaram uma movimentação, que compreenderam ser o princípio de mais cirurgias. Algumas camas foram deslocadas para o quarto, à espera de mais três internas para o procedimento. Ela descreve que foi devastador averiguar que aquele pesadelo não teria fim; apesar de terminar com as primeiras mulheres, outras chegariam para os experimentos médicos. Novamente, ela foi encaminhada para as mesas de cirurgia, mas para retirar a bandagem de sua perna. Foi a primeira vez em que Wanda Poltawska pôde ver os ferimentos, assim como as demais “cobaias”. Os cortes permaneciam no mesmo lugar, localizados na tíbia direita, de aspecto profundo e cerca de cento e quinze centímetros. Ao tocar o ferimento, ela descreve que era muito largo e possuía um líquido amarelo-esverdeado com cheiro fétido.¹⁹²

Mesmo com limitações, as internas retornaram aos blocos do campo de concentração por ordens das guardas. Inicialmente, as internas não conseguiam tocar o chão devido à dor intensa; no entanto, foram obrigadas a se deslocar. Algumas delas caíram, tendo sido arrastadas até os quartos. Gradualmente, o grupo de mulheres submetidas aos experimentos aprendeu a andar novamente; no entanto, outras mulheres ainda suportavam o mesmo que elas vivenciavam, já que os testes não cessavam e cada vez mais cobaias eram solicitadas. Progressivamente, elas também retornaram às atividades laborais do campo. Considerando o

¹⁹¹ POLTAWSKA, Wanda. *And I am afraid of my dreams*. New York: Hippocrene Books, 1989, p.87.

¹⁹² Ibidem, p.89.

estado ainda agravado das internas que realizavam os trabalhos com dificuldade por conta da mobilidade das pernas. As mulheres do campo expressaram cortesia com as vítimas de testes. Elas eram presenteadas com flores e recebiam cuidado e alimentação das internas do campo.¹⁹³

Experimentos novos prosseguiram a ser realizados em Ravensbrück, com outras vítimas. Diariamente as mulheres recebiam a notícia de que mais mulheres eram operadas. Elas pertenciam ao mesmo grupo proveniente da prisão de Lublin, que chegou ao campo de Ravensbrück no mesmo transporte que a sobrevivente Wanda Poltawska. Nesse aspecto, as mulheres se questionavam se não seria melhor que tivessem sido executadas ao invés de operadas. No entanto, era plausível que não poderiam ter alternativa: ou o experimento ou a morte, mas ambas poderiam ter o mesmo significado. O grupo de mulheres polonesas de Lublin se tornava cada vez menor, em decorrência dos experimentos ou da execução. No campo de Ravensbrück, todas estavam cientes dos experimentos realizados; não era mais um segredo, mas Wanda Poltawska destaca que um boato de que a família das vítimas de experimentos seria compensada financeiramente começou a se espalhar.¹⁹⁴

O campo de concentração amplamente enfrentava uma atmosfera de luto e incerteza, em que os experimentos médicos haviam modificado a estrutura do campo, para um regime de violência e horror diante da perda da dignidade e da própria vida das vítimas. Naquele contexto, era evidente a incerteza de que sobreviveriam e o termo mútuo que as internas carregavam uma sobre as outras. A incapacidade de sentir ou expressar, exposta por Wanda Poltawska, descreve que a dor havia superado os próprios limites existenciais.

Em poucos dias, perdemos cinco mulheres que até recentemente gozavam de boa saúde. A sombra de suas mortes lançou gelo sobre a mente e o corpo, e todas nós, independentemente de termos sido operadas ou não, achamos mais difícil continuar vivendo. O terror havia entrado em nosso complexo cercado por arame farpado e nos mantinha sob um domínio implacável. Não conseguíamos mais encontrar coragem para sorrir ou cantar. Não conseguíamos nem chorar.¹⁹⁵ (tradução nossa)

Para tanto, o que restava para as internas era prosseguir com o trabalho mediante as notícias de calamidades. O número das operações era crescente, assim como a assertiva de que essas operações poderiam garantir a proteção a uma execução sumária no campo. A

¹⁹³ Ibidem, p.93.

¹⁹⁴ “In a few short days, we had lost five women who had so recently been in good health. The shadow of these deaths struck chill into mind and body, and all of us whether or not we had yet been operated on, found it harder to go on living. Terror had entered our barbed-wire compound and held us in an unrelenting grip. We could no longer find the courage to smile or to sing. We couldn’t even cry.” (POLTAWSKA, Wanda. *And I am afraid of my dreams*. New York: Hippocrene Books, 1989, p.98.)

¹⁹⁵ Ibidem, p.98.

informação de que os experimentos garantiam a proteção às mulheres repercutiu principalmente quando uma das internas foi convocada para revisão de seu delito, isentando-a da pena de morte. Nesse sentido, as mulheres do campo acreditavam veementemente que os experimentos médicos eram garantia de vida para as demais internas. E, enquanto isso, Wanda Poltawska destaca que ela e as outras vítimas de experimentos tentavam fazer o possível para melhorar as condições das novas “cobaias”. Ao retornar da cirurgia eram aconselhadas por elas, sobre o que deveriam fazer para minimizar a dor, além disso forneciam a ajuda às internas para que elas se alimentassem melhor a partir de porções que conseguiam na cozinha do campo.¹⁹⁶

As mulheres vítimas dos procedimentos médicos recebiam cuidado amplo das internas do campo, de acordo com Wanda Poltawska as mulheres sabiam que estas vítimas necessitavam de comida e cuidados extras por serem consideradas as mais frágeis do campo.¹⁹⁷ Esse ato de empatia para com as vítimas demonstra um movimento de solidariedade que transcorria no campo, incentivando os laços e aspectos de socialização, foram estes vínculos que permitiram que diversas mulheres sobrevivessem em meio à hostilidade do âmbito que estava, inseridas.

Convencidas, porém, de que nunca voltaríamos para casa, fizemos algo bastante bizarro: Redigimos um testamento. A ideia foi de Wladka. Redigimos o testamento e, partindo do pressuposto de que não sobreviveríamos e que os alemães perderiam a guerra, acrescentamos um pedido para que nossos desejos fossem respeitados no contexto das reparações alemãs à Polônia. Solicitamos que uma escola fosse fundada, um estabelecimento educacional de primeira classe para mulheres. Seu propósito seria educar meninas de tal forma que elas fossem incapazes de lutar em guerras ou de se submeter a experimentos criminosos em seres humanos. O testamento foi assinado por todas as ‘cobaias’ e partiu voando para o mundo exterior.¹⁹⁸

Em um dos acontecimentos ilustres no campo de concentração de Ravensbrück, se refere a uma lista realizada pelas prisioneiras, além de um testamento. O intuito era possibilitar que a sociedade e seu próprio país possuíssem conhecimento do que ocorrera com as vítimas de experimentos médicos. Esse foi um dos atos de resistência das internas, que

¹⁹⁶ Ibidem, p.100

¹⁹⁷ POLTAWSKA, Wanda. *And I am afraid of my dreams*. New York: Hippocrene Books, 1989, p.100.

¹⁹⁸ “Convicted however, that we would never return home, we did something rather bizarre: we drew up a last will and testament. The idea was Wladka’s. We drew up the will, and - on the assumption that we would not survive and that the Germans would lose the war - added a request that our wishes should be respected in the context of German reparations to Poland. We requested that a school should be founded, a first-class educational establishment for women. Its purpose would be incapable of fighting wars or of lending themselves to criminal experiments on human beings. The will was signed by all the ‘guinea-pigs’ and went winging on its way to the world outside.” (POLTAWSKA, Wanda. *And I am afraid of my dreams*. New York: Hippocrene Books, 1989, p.136.)

arriscaram a vida para enviar mensagens para o mundo externo aos campos a fim de que alguém pudesse compartilhar a história de Ravensbrück, e consequentemente das “cobaias”. A solidariedade das mulheres nos campos demonstrou ser fundamental para a sobrevivência, além de preservar e documentar os testemunhos das vítimas de violência.

Por outro aspecto, demais formas de violência foram documentadas por Wanda Poltawska em seu relato. Ao descrever a seleção de mulheres prisioneiras que seriam encaminhadas para trabalhar em bordéis para soldados, reiterando que as mulheres que aceitassem a condição seriam imediatamente liberadas do campo de concentração. Ela aponta que as mulheres encaminhadas para esse serviço eram prostitutas, ou associas que eram representadas pelos triângulos pretos. No entanto, ela destaca que o supervisor havia realizado proposta semelhante às mulheres polonesas para que pudessem se voluntariar ao serviço, no entanto elas se recusaram. Nesse caso, atesta a veracidade de que em campos de concentração adjacentes existia um bordel, o qual as internas eram encaminhadas reforçando à exploração sexual e a violência de gênero empreendida pelos nazistas. Dessa forma, é demonstrado que as mulheres ao decorrer do regime nazista sofreram uma violência especificava que atingia seus corpos e sua condição enquanto mulheres.

A obra autobiográfica da sobrevivente Wanda Poltawska, *And I am afraid of my dreams* transpassa a ideia de ser apenas um relato de sobrevivência; posicionando-se como um registro histórico de relevância e um testemunho significativo para as pesquisas relacionadas ao Holocausto e os crimes nazistas, além da memória da resistência e violência de gênero. O estudo e análise da produção memorialística de Wanda Poltawska, aliado à investigação histórica sobre o campo de concentração feminino de Ravensbrück asseveram a relevância fundamental de incorporar uma abordagem de gênero para que se possa realizar especificamente uma compreensão holística e minuciosa do Holocausto perpetrado pelos nazistas.

Neste capítulo, foi evidente que a violência direcionada às mulheres em Ravensbrück não foi meramente involuntária do sistema de campos, mas se tratou de uma estratégia consciente e sistemática destinada à dominação, exploração e eliminação das mulheres por meio de métodos direcionados ao seu gênero. A história de Wanda Poltawska ilustra a contribuição realizada na resistência polonesa que acarretou em seu encarceramento, até a sobrevivência aos experimentos médicos, demonstrando uma narrativa de resistência e superação. Essa forma de resistir não ocorreu apenas por confrontos diretos, mas no cotidiano

do campo em que teve de manter sua dignidade e humanidade mediante a um sistema que vitimou mulheres. A formação de uma cultura interna às sobreviventes, o apoio mútuo e posteriormente a escrita de sua trajetória em um relato autobiográfico consistem em expressões significativas de resistência que confrontaram a tentativa nazista de suprimir a identidade das vítimas.

O estudo das experiências com as “cobaías” emerge como ápice das formas de violência sexual e de gênero em Ravensbrück. A prática sistemática que envolve apossar-se dos corpos de mulheres com o intuito de realizar testes, deixando-as desfiguradas sob a justificativa de pesquisas médicas, representa a degradação e desumanização extrema que ocorria nos campos de concentração.

O relato de Wanda Poltawska é essencial para compreender as subjetividades das vítimas e as violências submetidas às mulheres a partir de uma perspectiva interna, a visão de uma vítima. A escolha de Wanda Poltawska em superar o medo e narrar seu trauma também é evidente ao decorrer da obra, onde reivindica o seu direito de fala e revela a crueldade e opressão dos crimes nazistas. A memória de Poltawska, assim como a de outras mulheres que sobreviveram revela um tipo de violência específica que acometeu mulheres, ademais aponta como a medicina foi utilizada como instrumento para perpetuar a violação e sofrimento nos corpos femininos.

Por conseguinte, pode-se verificar que a narrativa de Wanda Poltawska está atrelada a dimensão de testemunho e a notoriedade desse gênero. Fornecendo respostas, que outrora eram ausentes dos documentos oficiais e possibilitando discernir a dimensão pessoal do trauma, o temor que permanece em seus sonhos e a resistência que emerge nos momentos mais desafiadores. A obra *And I am afraid of my dreams* ecoa como lembrança do do impacto psicológico e permanente causado pelo trauma. Os pesadelos noturnos que assolavam a autora transcendem lembranças e representavam a permanência do passado que não pode ser esquecido, mas sobretudo relevam na memória da vítima os atos de violência e crimes de gênero, explicando como Ravensbrück se tornou a capital do crime feminino.

4.3 A autobiografia de Karolina Lanckorońska

A historiografia do Holocausto, se apropriou de uma variedade de fontes, entretanto, o relato pessoal, expresso mediante diários e autobiografias, possui um espaço de indiscutível relevância. Essas narrativas proporcionam uma visão única e aproximada da vivência nos campos de concentração, ampliando e em alguns casos, questionando os relatos oficiais e os registros administrativos do genocídio. Entre os diferentes relatos, destaca-se a autobiografia *Michelangelo in Ravensbrück: One Woman's War Against the Nazis*, escrita pela sobrevivente polonesa Karolina Lanckorońska, que se revela como um testemunho de significativo valor, acadêmico e humano. Lanckorońska optou por publicar suas memórias apenas após sua morte, mas redigiu a narrativa entre os anos de 1945 e 1946. A autobiografia foi inicialmente escrita em polonês e recebeu tradução somente no ano de 2007 por Noel Clark, e onde foi publicada nos Estados Unidos. A presente dissertação pretende se ater à versão publicada em 2007 em língua inglesa. O livro não apenas relata a jornada de luta e resiliência da autora, mas também destaca a realidade singular do campo de concentração de Ravensbrück, que foi o único campo empreendido especificamente para abrigar mulheres no regime nazista.

A identidade de Karolina Lanckorońska é complexa e essencial para entender seu relato. A autora redigiu memórias acerca da sua luta e sobrevivência na Polônia no período da segunda guerra mundial. Considerando que a Polônia foi alvo de duas catástrofes, o Holocausto e a guerra de ocupação contra seu país, ela descreve uma visão complexa e enriquecedora sobre o período. Lanckorońska foi uma condessa e aristocrata, proveniente de uma das mais destacadas famílias da Polônia. Ela possuiu uma educação cosmopolita e com forte tendência ao universo acadêmico. Ela foi uma historiadora da arte de grande prestígio, onde empreendeu pesquisas com foco no Renascimento Italiano, tornando-se a primeira mulher a ocupar a posição de professora universitária na universidade de Lviv. Esse desenvolvimento intelectual e sua intensa valorização da cultura europeia se tornaram, despretensiosamente, instrumentos de resistência e sobrevivência nas décadas seguintes, principalmente no campo de concentração feminino de Ravensbrück.

O ano de 1939 representou uma mudança drástica na vida da sobrevivente, que era repleta de privilégios e conhecimento. Devido à ocupação da Polônia pelas tropas nazistas, Lanckorońska decidiu deixar sua carreira acadêmica para se integrar à resistência polonesa. Sua participação inicial teve um caráter humanitário, liderando iniciativas de assistência para

detentos e feridos por meio da Cruz Vermelha Polonesa. A habilidade dela com a língua alemã e sua coragem inabalável a levaram a se relacionar diretamente com oficiais nazistas, resultando em sua detenção. O aprisionamento de Lanckorońska foi uma progressão de atos brutais. Após ser capturada, ela recebeu uma condenação à pena capital. Enquanto esteve detida na prisão em Lviv, ela se deparou com o agente da Gestapo Hans Krüger, que, em um instante de sinceridade ou pedância, admitiu ter matado vinte e três docentes da Universidade de Lviv. Consciente da relevância de seu relato, Lanckorońska empenhou-se em codificar essa informação para que pudesse ser enviada ao comando da resistência polonesa, um gesto audacioso que ela compreendia que poderia determinar seu futuro.

Considerando o contexto de publicação da autobiografia *Michelangelo in Ravensbrück: One Woman's War Against the Nazis*, compreende-se que foi situada em um período de publicações realizadas a partir da metade da década de 1990 em diante. Desse modo, emergiu uma nova onda de estudo do Holocausto que abrangia a temática de gênero e família, sendo expressa a partir de diversas obras literárias e acadêmicas, como os diários, as autobiografias, memórias poesias e obras historiográficas. Portanto, são difundidas inúmeras publicações, principalmente em língua inglesa, hebraico e alemão. Justamente, aquelas correspondentes às populações que possuíram maior conscientização sobre o holocausto, firmando uma concepção enraizada do evento.¹⁹⁹

Eventualmente na última década do séculos XX, o Holocausto e sua comemoração eram considerados fenômenos comuns já incorporados à cultura e a tradição, por isso a investigação e escrita sobre essa temática também. Posto que, diversos livros haviam sido produzidos sobre o tema alcançando popularidade, assim como outras obras de referência ao evento ainda estavam em produção. Os centros de investigação e memória sobre o Holocausto foram um elemento crucial para consolidar a memória do evento em Israel, Europa e até mesmo outros países. Em conjunto a isso, inserem-se as linhas de estudo sobre os usos e abusos do Holocausto, que influenciaram a cultura e literatura.²⁰⁰

Os campos da academia e literatura estiveram igualmente entrelaçados. Ao decorrer dos anos 1990, a pesquisa acadêmica relacionada ao Holocausto prosseguiu com o desenvolvimento que se iniciou no período anterior, apenas modificando a ênfase temática

¹⁹⁹ BAUMEL-SCHWARTZ, Judith Tydor. Gender and Family Studies of the Holocaust: the development of a historical discipline. In: HERTZOG, Esther. *Life, Death and Sacrifice: women and family in the Holocaust*. Jerusalem: Gefen Publishing House, 2008, p. 29.

²⁰⁰ Ibidem, p.29

que passou de heroísmos para a vida cotidiana. A crescente relação entre as publicações no meio acadêmico e a mídia comercial, produziram uma nova orientação que investigava novas narrativas do Holocausto escritas por indivíduos que outrora eram considerados agentes comuns. Ao lançar essas narrativas, algumas editoras contribuíram para reforçar a tendência da academia de explorar as vidas de grupos previamente considerados marginalizados em estudos do Holocausto, como os sobreviventes da guerra que viviam sob identidades falsas, crianças jovens e mulheres, assim como mulheres alemãs em uniões “mistas”.

Dentre os elementos que marcaram as pesquisas do Holocausto que emergiram ao decorrer desse período, estão a conexão temporal entre as autoras em relação à idade.²⁰¹ Porquanto, na literatura das décadas de 1970 e 1980, era raro encontrar acontecimentos semelhantes entre as escritoras de autobiografias femininas, além da superação do Holocausto. Com a passagem do tempo, a maior parte das autobiografias e memórias femininas passaram a ser redigidas por mulheres que eram crianças e jovens durante o Holocausto. Duas ou três décadas antes no período em que ocorreu a publicação em massa de relatos e testemunhos pessoais sobre o Holocausto, essas jovens sobreviventes estavam na faixa dos 30 e 40 anos lidando com suas rotinas diárias. Já na metade da década de 1990 essas jovens sobreviventes frequentemente se dirigiam à reflexão, o que lhes concedia a oportunidade e visão necessárias para relembrar suas vivências de guerra e ponderar a relevância de compartilhar os seus relatos.

À medida que o número de sobreviventes que experienciaram a guerra na fase adulta de suas vidas foi se reduzindo, os indivíduos naquele período então na adolescência e juventude se consolidaram como a grande maioria dos que permaneceram vivos. Portanto, as editoras passaram a focar suas atenções nesses grupos como possíveis escritores de autobiografias. Outro aspecto que definiu as investigações sobre o Holocausto a partir dos anos 1990 foram as vivências dos escritores durante o conflito. Houve uma crescente no número de escritores que conseguiram sobreviver nas décadas anteriores aos guetos e campos de concentração nazistas. Diferentemente desse grupo, os criadores da nova linha de memórias e autobiografias passaram a maior parte do período de guerra ocultos, utilizando identidades falsas.

Desse modo, um terceiro elemento que define o novo movimento literário sobre o Holocausto foi o reflexo de uma tendência crescente em ampliar, e inclusive tornar a

²⁰¹ Ibidem, p.30

experiência do Holocausto como universal.²⁰² Esse fato possibilitou que alguns grupos como, indivíduos não judeus ou mulheres em casamentos com judeus obtivessem destaque em memórias, autobiografias e pesquisas históricas. Diversos testemunhos redigidos por indivíduos não judeus, e principalmente mulheres não judias que durante a sua juventude foram aprisionadas em campos nazistas em decorrência das questões políticas e religiosas ganharam notoriedade.

Apesar de o termo Holocausto ter sido essencialmente limitado aos judeus, passou a integrar uma corrente literária que aborda o Holocausto e o nazismo. Dentre alguns exemplos dessa literatura estão os testemunhos de Karolina Lanckorońska e Maria Ferdinanda Herbermann, ambas compartilharam suas experiências como internas em Ravensbrück devido a atuação em movimentos de resistência. Uma significativa parcela desses testemunhos era composto por mulheres, orientando para um quarto elemento dessa tendência que seria a percepção sociológica e psicológica das autoras em relação ao gênero e identidade. A idade de algumas mulheres sobreviventes inseriu-as em uma geração afetada pelas discussões emergentes da igualdade de gênero durante a década de 1960. A emergência do movimento feminista impactou as mulheres que redigiram autobiografias ao decorrer desse período.

Um outro fenômeno que se manifestou nesta corrente de literatura acerca do Holocausto foram as pesquisas relacionadas ao papel das mulheres ou crianças durante o período, além de suas repercussões. Alguns desses estudos foram elaborados por acadêmicos que nasceram fora da Europa, além de historiadores e profissionais das ciências sociais, como as obras de Dalia Ofer e Lenore Weitzman em *Women in the Holocaust*²⁰³ e possuíam como ênfase a perspectiva de gênero e revisão sobre o Holocausto. Foi profícuo o interesse acerca das questões de gênero no meio acadêmico. Onde passaram a ser discutidos tópicos vinculados à experiência feminina no Holocausto.

A autobiografia de Karolina Lanckorońska, possui oito capítulos dispostos em 460 páginas, ela dedica um dos tópicos de sua obra para destacar, principalmente, sua experiência no campo de concentração feminino. A presente análise deve considerar dada a extensão do livro da autora, precisamente o capítulo sete intitulado Ravensbrück. No campo de concentração de Ravensbrück, Lanckorońska recusou ser tratada como prisioneira

²⁰² BAUMEL-SCHWARTZ, Judith Tydor. Gender and Family Studies of the Holocaust: the development of a historical discipline. In: HERTZOG, Esther. *Life, Death and Sacrifice: women and family in the Holocaust*. Jerusalem: Gefen Publishing House, 2008, p.31.

²⁰³ OFER, Dalia; WEITZMAN, Lenore J. *Women in the Holocaust*. New Haven: Yale University Press, 1998.

privilegiada de uma cela especial, optando por vivenciar o mesmo destino que as demais internas. No campo, a função preferida dela era trabalhar na enfermaria, a qual prestava socorros para as vítimas de experimentos médicos alcunhadas de *rabbit*. No entanto, também se interessava por ministrar palestras sobre o seu campo de estudos, a história da arte e europeia. Essas atividades, posteriormente, seriam interpretadas como atividades de resistência nos campos.

Em 9 de janeiro de 1943, Karolina Lanckorońska foi transferida ao Campo de Concentração de Ravensbrück. Ela descreve que foi conduzida até a estação ferroviária e obrigada a entrar nos vagões, onde tinham outras prisioneiras. Todas elas foram alocadas em caixas, onde não podiam se mover. Alguns elementos que a autora traz na descrição inicial são sobre as outras prisioneiras, não-júdias que estavam sendo conduzidas aos campos, as internas conduzidas no campo eram de origem alemã e ucraniana. Ao pisar no campo, após meses encarcerada e sob a iminente ameaça de uma pena capital, sua experiência é marcada por uma intensa percepção do local. A sensação imediata era de uma resistência total a qualquer vestígio de beleza, um panorama que evidenciava a desumanização imposta pelo sistema.²⁰⁴

A entrada em Ravensbrück se caracterizava pela interação imediata com a estrutura da repressão. Lanckorońska retrata a cena como uma fealdade extraordinária, com galpões de madeira em um tom cinza-esverdeado, transmitindo uma sensação de conflito em relação a qualquer elemento que pudesse ter sido considerado belo. A estética que promovia a desumanização servia como uma introdução à prática sistemática de destruição, tanto física quanto moral. Lanckorońska similarmente, demonstrou uma reação semelhante a da interna Wanda Poltawska, quando descreveu que as prisioneiras mulheres não poderiam ser distinguidas umas das outras no campo. Esse processo era estritamente regulamentado e tinha como objetivo eliminar a individualidade.

Como as divisões de prisioneiras nos campos eram realizadas a partir das identificações que possuíam com as outras internas, os nazistas separavam as mulheres por grupos étnicos ou de acordo com a falta cometida, portanto, dentro de um mesmo grupo havia as mesmas características culturais. A intenção principal era construir uma identidade social, a fim de que fosse utilizada como instrumento de controle para os nazistas. Porquanto, a

²⁰⁴ LANCKORONSKA, Karolina. *Michelangelo in Ravensbrück: One Woman's war against the nazis*. New York: Da Capo Press, 2007, p.123.

identidade social pode ser operada a fim de possibilitar a manutenção das relações de dominação.²⁰⁵ Portanto, as prisioneiras não conseguiam manter a identidade individual mediante aos métodos e práticas de torturada empreendidas pelos nazistas.

As mulheres encarceradas eram reconhecidas por meio de roupas listradas e de maneira ainda mais específica através dos triângulos coloridos que retratam a categoria, a qual a prisioneira pertencia dentro do campo. Além dos triângulos, existiam os números bordados na parte frontal do uniforme das prisioneiras. Lanckorońska pertencia a categoria das prisioneiras políticas, portanto utilizava um triângulo vermelho marcado com a letra “P” e era a prisioneira de número #16076. O cotidiano no campo era marcado por longas jornadas de trabalho compulsório, alimentação precária e a contínua ameaça de agressões. A continuidade da vida estava atrelada à habilidade de se adaptar e, em diversas situações, à sorte e ao apoio mútuo entre as mulheres encarceradas. O desenvolvimento de atividade laboral, frequentemente realizada em indústrias de armamentos ou em funções extenuantes, representava uma maneira de opressão e de destruição gradual. Assim, a vida cotidiana se tornava uma batalha incessante contra enfermidades e cansaço, devido à privação do sono, à exposição a temperaturas baixas e à ausência de condições adequadas de higiene.

Recém-chegada no campo de concentração, Karolina Lanckorońska ainda estava adaptando-se à rotina. A notícia de que uma prisioneira política polonesa estava no campo havia se espalhado, entre as outras de mesma nacionalidade que a sobrevivente. Principalmente, por Karolina ingressar em Ravensbrück em 1943, apenas dois anos anteriores à libertação do campo. Isso fez com que as outras detentas estivessem interessadas em informações sobre Lanckorońska, a fim de obter conhecimento sobre a guerra do lado externo. Uma das prisioneiras, a abordou e questionou se os poloneses tinham conhecimento do campo de concentração feminino e se estavam inteirados sobre os experimentos médicos e realizados com as mulheres polonesas, incluindo execuções com as prisioneiras políticas. Essa interna destacou minuciosamente que esses testes foram realizados somente nas prisioneiras de origem polonesa.²⁰⁶

Nas imediações do campo, a sobrevivente descreve a situação em que se encontravam afirmando que as relações no campo eram essenciais, inclusive com as chefes dos blocos que

²⁰⁵ SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006, p.203.

²⁰⁶ LANCKORONSKA, Karolina. *Michelangelo in Ravensbrück: One Woman 's war against the nazis*. New York: Da Capo Press, 2007, p.287.

eram pessoas de confiança das autoridades nazistas, encarregadas de repassar a rotina e informações, algumas até concediam informações para as prisioneiras. Caso uma notícia inapropriada fosse relatada para os superiores, as mulheres eram devidamente punidas com o confinamento no *Bunker*. Apesar de estarem aprisionadas, existiam castigos e punições, portanto qualquer denúncia encaminhava as prisioneiras para condições extremas.²⁰⁷

Essa violência cotidiana nos campos, se apropriava do medo das internas e das relações de poder subjacentes, porquanto era evidente a ocorrência de uma violência horizontal e hierárquica, exercida pelas internas. O sistema nazista concedia a autoridade de supervisão para prisioneiras de confiança, geralmente eram criminosas identificadas pelo triângulo verde. Essas mulheres eram denominadas *Kapos* ou *Blockovas*, líderes de bloco, onde possuíam poderes amplos e trabalhavam em conjunto com a SS. As relações de poder internas delegadas às prisioneiras, eram estritamente baseadas no gênero, onde as prisioneiras impunham o medo nas demais, crescendo a obediência, poder e denúncia à experiência no campo.

As notícias de tortura ou morticínio em Ravensbrück eram normalidade e faziam parte do cotidiano, com as execuções ocorrendo regularmente no *bunker* de Ravensbrück. De acordo com Lanckorońska, uma das chefes de bloco em uma conversa demonstrou estar preocupada por haver escutado alguma movimentação no abrigo subterrâneo; devido aos seus amigos terem sido levados até o local. Era possível que no dia seguinte já estivessem mortos, considerando que diversos prisioneiros políticos foram executados nos anos de operação do campo. Quando o período de recém-chegada ao campo de Ravensbrück se findou, Lanckorońska foi nomeada oficialmente para ser uma das líderes de bloco, consequentemente as características que a interna dispunha, como conhecimento, saber e fluência da língua alemã; outro determinante foi a expressiva trajetória profissional que a designaram como uma prisioneira notória. Conduzida para liderar o quarto do bloco ucraniano, a posição de chefe que alcançou compunha alguns privilégios, como o acesso a medicamentos, permissão para dormir em camas e isenção da chamada das prisioneiras. Por essas razões, Karolina teve uma vida mais amena no campo, já que não era submetida aos trabalhos pesados e possuía algum tempo de repouso.²⁰⁸

De repente, compreendi, pela primeira vez que não há nada mais doloroso numa situação dessas do que ser escolhida para receber tratamento

²⁰⁷ Ibidem, p.294.

²⁰⁸ Ibidem, p.301.

privilegiado...Enquanto eu estava ali sentada pensando em tudo e em nada, meus sentimentos voltavam constantemente aos outros no campo, tão próximos e ao mesmo tempo, tão distantes. (tradução nossa)²⁰⁹

A condição da sobrevivente no campo, é descrita pela mesma como um ônus, ao sentir repulsa pelos próprios privilégios. Enquanto as demais internas eram objeto de tortura e violência, esta não era a condição da sobrevivente, apesar de estar encarcerada em um campo de concentração a própria se averigua distintamente, em relação as demais. Isso produziu um sentimento de exclusão, com relação ao grupo de mulheres polonesas. Asseverado devido a influencia existente em sua origem aristocrata e o conhecimento acadêmico; orientando para que ela não estivesse fadada ao mesmo destino que as demais internas, como ser compelida a submeter-se aos experimentos médicos.

A primeira vez em que a prisioneira esteve consciente dos experimentos médicos foi quando uma prisioneira política a viu sendo examinada na enfermaria, em uma inspeção de saúde. Quando a doutora se retirou da sala e deixou ela sozinha, uma prisioneira política com a letra P sobre o uniforme solicitou para que Lanckorońska a acompanhasse, ao seguir a interna foi guiada através do corredor e chegaram até a sala onde ficavam as “coelhas” operadas recentemente. A interna relata para Lanckorońska que precisava que ela a acompanhasse e pudesse ver com os próprios olhos, afinal devido a condição aristocrática da interna, seria provável que sobrevivesse e relatasse no exterior as condições que testemunhou no campo de Ravensbrück. Ao chegar no quarto, viu mulheres jovens que estavam deitadas na cama, quando ela observou não soube o que dizer a elas naquela situação, apenas reiterou que estava convicta de que a guerra chegaria ao fim no outono, no entanto as mulheres apenas a olharam demonstrando sofrimento.²¹⁰ A prisioneira descobriu os pés das “coelhas” para que Lanckorońska pudesse ver o resultado dos experimentos, ela pôde observar que além de bandagens, havia cicatrizes resultantes de operações anteriores e pareciam ter cerca de vinte centímetros de comprimento abaixo do joelho. As mulheres vítimas de experimentos médicos nesse momento, estavam sendo cuidadas distinguindo-se do período anterior, quando após as cirurgias foram relegadas e condicionadas a se recuperar ou sucumbir. As demais internas,

²⁰⁹ “I suddenly realised for the first time that there is nothing more painful in such a situation than being singled out for privilege treatment...As I sat there thinking about everything and nothing, my feelings kept returning to the others in the camp, so near and yet so far”. (LANCKORONSKA, Karolina. *Michelangelo in Ravensbrück: One Woman's war against the nazis*. New York: Da Capo Press, 2007, p.306.)

²¹⁰ LANCKORONSKA, Karolina. *Michelangelo in Ravensbrück: One Woman's war against the nazis*. New York: Da Capo Press, 2007, p.295.

não poderiam se aproximar das “cobaias” que estavam em condições inadequadas e sem ingestão de líquido.²¹¹

A superlotação no campo de Ravensbrück fez com que ocorresse uma expansão, em que foram construídos novos blocos ao longo da área do campo, próximo aos barracões, do outro lado do muro e da cerca de arame farpado. Após a reforma, instalaram mais cercas de arame farpado e algumas prisioneiras foram transferidas para os novos blocos.²¹² Assim, alguns chefes de bloco e de sala foram encaminhados para os demais blocos recém construídos. Saidel atesta que durante os seis anos de existência de Ravensbrück, após o ano de 1942 as condições se deterioraram, principalmente com o aumento no número de mulheres transferidas à Ravensbrück. A população do campo havia se superado em dez vezes mais a capacidade original, portanto as condições de vida e o tratamento que as mulheres recebiam foram degradantes.²¹³

Karolina Lanckorońska descreve igualmente o convite realizado por outra interna para que ela pudesse oferecer uma palestra, no geral, essas reuniões no campo eram realizadas clandestinamente e caso fosse descoberta as mulheres poderiam sofrer com as punições. Lanckorońska aceitou o convite e se reuniu com um pequeno grupo de mulheres, oferecendo uma aula sobre as pinturas em catacumbas. A interna descreve que obteve uma experiência distinta em relação a lecionar na universidade, porquanto, não tinha ilustrações e não compreendia como abordar a arte naquelas condições. No entanto, ela descreveu que os ouvintes estavam atentos à palestra e um casal até mesmo fazia anotações em um pedaço de folha de papel, o encontro foi contagiante e logo em seguida foi dado alerta para o grupo dispersar no intuito de não sofrerem consequências.²¹⁴

As condições de Karolina Lanckorońska no interior de Ravensbrück contribuíram para ela edificar uma rede de assistência às demais internas, dentre os atos que realizava consistia na distribuição de alimentos pelo campo. Como ficava em uma cela isolada, ela recebia cartas e principalmente alimentos, como era em grande quantidade ao sair pelo campo guardava-os em seu bolso e subia vagarosamente para as celas de prisioneiras. tentando oferecer algum alimento através da janela da porta da cela, especificamente para aquelas que estavam isoladas e em condições arbitrárias. Ela considerava uma sensação angustiante não poder

²¹¹ Ibidem, p.296.

²¹² Ibidem, p.296.

²¹³ SAIDEL, Rochelle G. *As judias do campo de concentração de Ravensbrück*. São Paulo: Edusp, 2009, p.35.

²¹⁴ LANCKORONSKA, Karolina. *Michelangelo in Ravensbrück: One Woman's war against the nazis*. New York: Da Capo Press, 2007, p.300.

acessar as celas que não tinham janela, e que ficavam localizadas em frente ao escritório do comandante, por essa razão apenas conseguia distribuir os alimentos para a metade das prisioneiras que estavam no *bunker*.

A rede de informações e sociabilidade que Karolina Lanckorońska construiu era abrangente, assim, recebia informações constantes mesmo estando em um quarto isolado para as prisioneiras especiais *sonderhaftling*, como eram nomeadas. Ela recebeu notícias de que algumas mulheres polonesas haviam sido executadas, e do mesmo modo viu que a chaminé do crematório prosseguiu a expelir fumaça por longo período por um colega de campo, um homem proveniente do campo de Mauthausen que foi enviado para Ravensbrück para cumprir punição. Ele relatou a interna de que mais “coelhas” foram levadas para os experimentos médicos e Lanckorońska foi procurar pelas vítimas, mas elas não foram operadas; demonstrando pela primeira vez resistência às ordens, as vítimas se esconderam no campo fazendo com que um contingente de guardas, homens da SS e cães tentassem encontrá-las. Por fim, as mulheres foram reunidas e encaminhadas ao procedimento, como delito pelo ato não foram operadas na enfermaria conforme ocorria com as “cobaias” anteriores, a cirurgia se deu no *bunker* de Ravensbrück.

Meu quarto grande e colorido tornou-se então o cenário de cerca de cinco cirurgias, e as meninas restantes foram enviadas de volta ao campo. As pacientes doentes ficaram em celas vizinhas, atormentadas por dores e febres. Depois de alguns dias, porém, seu estado melhorou o suficiente para deixar claro que, desta vez, não haveria mortes, mas o início de uma longa e difícil convalescença que duraria muitos meses, frequentemente com recaídas febris. Eu nada podia fazer por eles, além de transmitir notícias do campo e enviar jornais e cartões com poemas transcritos de memórias. (tradução nossa)²¹⁵

Os experimentos médicos foram uma realidade no campo destacando a violência institucionalizada de gênero, que possuía como alvo o corpo de mulheres para critérios científicos. Em algumas ocasiões, as mulheres não podiam ter sequer algum auxílio, como a sobrevivente descreve que o bloco quinze foi devidamente punido pelos guardas da SS por auxiliar as vítimas dos testes médicos, o bloco permaneceu e as internas foram privadas do acesso à água. Após alguns dias as prisioneiras haviam desmaiado, no entanto, o modo de resistência e o enfrentamento realizado pelo bloco aos chefes nazistas foi uma das principais

²¹⁵ “My large, colourfully decorated room then became the scene of about five operations, the remaining girls being sent back to the camp. The sick patients later lay in neighbouring cells tormented by pain and fever. After a few days, however, their condition improved sufficiently to make it clear that, this time, there would be no fatal casualties, but the start of a long, difficult convalescence for them, apart from passing on news of the camp, as well as sending in newspapers and cards with poems transcribed from memory.” (LANCKORONSKA, Karolina. *Michelangelo in Ravensbrück: One Woman's war against the nazis*. New York: Da Capo Press, 2007, p.327.)

notícias em todo o campo de Ravensbrück. Com a perseguição ao bloco, logo as mulheres que resguardaram as “coelhas” e optaram pelo enfrentamento para protestar acerca das experiências conseguiram com que as operações fossem cessadas temporariamente.²¹⁶

No *bunker* de Ravensbrück, Lanckorońska descreve que a chegada de outra interna influenciou para que obtivesse informações e notícias valiosas. Se tratava de Gerda Querenheim, que trabalhava na enfermaria do campo, foi transferida para o local por engravidar de um dos médicos. Como era enfermeira por profissão, a interna utilizava um triângulo vermelho. Imediatamente Lanckorońska percebeu que Gerda era uma pessoa notória e tinha informações específicas sobre o campo e as violências nazistas. Dentre algumas descobertas, ela revela que a nova interna descreveu sobre o sufocamento de bebês que eram jogados na caldeira, ademais, ela relatou sobre as operações com as “cobaias” dizendo que os motivos das cirurgias eram incompreensíveis. No entanto, era realizado quatro tipos de intervenção cirúrgica, as operações ósseas sépticas e antissépticas e os mesmos tipos de cirurgia para os músculos. Uma das afirmações de Gerda foi acerca do nascimento de crianças em Ravensbrück, que de acordo com a lei alemã não poderia haver o nascimento de crianças em campos, por isso qualquer criança deveria ser privada de viver antes do nascimento a partir do abortos ou logo após o parto. No entanto, ela explicita que a lei foi modificada recentemente e as enfermeiras não precisavam mais se desfazer dos corpos.²¹⁷

O livro de Rochelle Saidel, *Sexual Violence against jewish women during holocaust* expõe a realidade dos campos de concentração ao trazer os modos de violência perpetrados contra às mulheres. De acordo com a autora, o aborto infanticídio e a esterilização forçada são constituídos como abuso sexual contra as mulheres.²¹⁸ É evidente que em relação ao infanticídio, a Alemanha nazista possuía leis direcionadas a procriação, considerando alguns indivíduos como indignos. Portanto, esse procedimento se insere como crucial ao movimento eugênico de higienização racial, essa supremacia designava quem seria capaz ou não de existir, exterminando aqueles que não se alinhavam aos padrões normativos dos campos de concentração.

A sobrevivente juntamente com sua rede de sociabilidade, dentre eles um prisioneiro homem com o nome de Bogus, se encarregou de fazer com que as informações partilhadas

²¹⁶ Ibidem, p.328.

²¹⁷ Ibidem, p.331.

²¹⁸ HEDGEPEETH, Sonja M.; SAIDEL, Rochelle G. (orgs.). *Sexual violence against Jewish women during the Holocaust*. Waltham: Brandeis University Press, 2010, p.6.

fossem encaminhadas para pessoas relevantes. Eles pretendiam escrever um relatório ou carta para as autoridades polonesas saberem dos experimentos. No entanto, a tentativa foi frustrada, quando Bogus foi preso, antes conseguia circular livremente pelo campo por executar pequenos reparos, reformas e pinturas. Sequencialmente, Lanckorońska prosseguiu com seu feito, para enviar uma mensagem escrita utilizando o dicionário de latim e polônes escreveu com letras pequenas informações sobre as “coelhas” e as execuções em Ravesbrück, esse relato permaneceu em um dicionário juntamente com outros livros empacotados que a sobrevivente endereçou para que fossem enviados.²¹⁹

Karolina Lanckorońska descreve o momento em que foi encaminhada novamente para o campo principal, não sendo mais tratada como prisioneira especial no interior do bunker. Ao retornar recebeu uma grande recepção das demais internas e estava aliviada por poder estar com suas colegas de campo, afinal como é explicado pela mesma permanecia em um encarceramento solitário e afirmou se sentir feliz de estar no campo de concentração novamente. Desse modo, Lanckorońska foi designada a função que exercia anteriormente, a de chefe de bloco e a partir desse dia ela exerceu a função em diversos outros blocos até a libertação de Ravensbrück em 1945 pela Cruz Vermelha sueca. Logo, a sobrevivente costurou do mesmo modo quando ingressou, o seu número e triângulo sobre o uniforme do campo.²²⁰

Nesse contexto, no ano de 1943 Lanckorońska foi encarregada como chefe de bloco do Exército Vermelho, como eram denominadas as soviéticas, com cerca de 500 mulheres.²²¹ Ela descreve que apesar do trabalho excessivo que possuía com as prisioneiras, ainda tinha tempo para ministrar as palestras que realizava em grupo no campo. Uma de suas aulas mais relevantes era sobre a história do renascimento, que ocorria duas vezes por semana com o grupo das “coelhinhas”, como a autora afetuosamente se referia às vítimas de experimentos médicos, que eram de origem polonesa. Com regularidade ela fornecia as aulas e se sentia útil por poder ensinar no campo de concentração, principalmente para esse grupo, porquanto, considerava a companhia das mulheres polonesas gratificante.²²²

Os laços de solidariedade e a cooperação mútua eram aspectos visíveis em Ravensbrück, a partir da autobiografia da autora. Além das palestras, as internas no campo preocupavam-se em oferecer aulas a fim de que as mulheres pudessem alcançar conhecimento

²¹⁹ LANCKORONSKA, Karolina. *Michelangelo in Ravensbrück: One Woman's war against the nazis*. New York: Da Capo Press, 2007, p.332.

²²⁰ Ibidem, p.335.

²²¹ Ibidem, p.335.

²²² Ibidem, p.340.

e seguir suas vidas após o campo de concentração, as aulas eram lecionadas para as mais jovens e principalmente para o grupo das mulheres que passaram por testes, as “cobaias”. Elas foram alfabetizadas por diversas mulheres, e se preparavam para o exame de conclusão do ensino médio. Esse exame poderia ser realizado em Ravensbrück, por conta da existência de mulheres instruídas que poderiam compor a avaliação das estudantes. Ademais, ocorriam aulas de astronomia que foram as únicas aulas práticas existentes em Ravensbrück.²²³ Em suma, a sociabilidade era comum no campo, de modo que em diversos testemunhos mulheres relataram os vínculos que possuíam com outras mulheres.

Em dezembro de 1943, Lanckorońska foi encaminhada para liderar o bloco 27, das internas francesas e judias. Era considerado um dos blocos mais desafiadores de Ravensbrück. A chefe de bloco posição ocupada pela sobrevivente tinha como funções, proteger o bloco das punições coletivas, impor a obediência entre as internas através da autoridade ou dureza para que fosse implantada disciplina nas prisioneiras. A partir do empenho a autora aponta que as mulheres judias passaram a obedecê-la e o bloco mantinha contato mínimo com os alemães para evitar infortúnios. Dentre os fatos evidentes que ocorreram no bloco das francesas e judias, está a presença de crianças.

Algumas mulheres judias estavam acompanhadas de crianças, grandes ou pequenas. A estrela de Davi e o número, no braço de uma criança de apenas alguns anos de idade, pareciam enormes e grotescas na pequena manga. Entre elas estava Stella, de quatro anos, com grandes olhos negros e saúde muito frágil. Sua mãe havia morrido de tuberculose na enfermaria, e a Sra. Strassner cuidava da criança. Uma vez por mês, assinando as cartas como “Stella”, nos correspondíamos com seu pai que estava em Mauthausen (campo de concentração), e guardávamos cuidadosamente duas cópias do endereço do avô da menina, que morava em Barcelona.²²⁴ (tradução nossa)

Uma das circunstâncias que ocorreram em detrimento dos vínculos em Ravensbrück foi a formação de famílias adjuntas que cooperavam em fornecer assistência às crianças no campo de concentração. Por isso, em alguns casos quando as mães das crianças se retiravam dos alojamentos para trabalhar havia alguém responsável pela mesma, assim como nos casos

²²³ Ibidem, p.342

²²⁴ “Some of the Jewish women had children with them, big or small. The Star of David and the number, on the arm of a child only a few years old, looked huge and grotesque on the tiny sleeve. Among them was four-year-old Stella, with large, black eyes and very poor health. Her mother had died in the sickbay of tuberculosis, and Mrs Strassner took care of the child. Once a month, signing the letters ‘Stella’, we corresponded with her father who was in Mauthausen (concentration camp) and carefully preserved two copies of the address of the little girl’s grandfather, who lived in Barcelona.” (LANCKORONSKA, Karolina. *Michelangelo in Ravensbrück: One Woman 's war against the nazis*. New York: Da Capo Press, 2007, pp.346-347.)

em que houvesse óbito dos familiares. No trecho acima, a mãe de Stella havia falecido e outra mulher interna no campo, assumiu o compromisso de prestar cuidados à criança.

Karolina Lanckorońska relata que foi somente quando compreendeu o pleno significado de campo de concentração, que a experiência em Ravensbrück se tornou realidade. O trabalho como chefe de blocos fez com que ela compreendesse diversas realidades no campo, além das prisioneiras políticas polonesas do grupo a qual ela era integrante. A relação com outras internas reforçou a empatia e os laços com as internas. Apesar disso, ainda considerava um ônus a tarefa de trabalhar como líder de bloco, solicitando às autoridades que trabalhasse na enfermaria do campo. Porquanto, devido ao trabalho intenso não dispunha de tempo para prosseguir com as palestras no campo.²²⁵ Lanckorońska afirma que como chefe de bloco uma das tarefas mais complexas era fazer com que as internas fossem buscar pão e recipientes como alimentos para si mesmos, e aqueles que logo retornavam do trabalho. Como o depósito de pão fechava ao meio-dia, caso um bloco se atrasasse para a coleta não recebia pão, no entanto era difícil fazer com que as prisioneiras buscassem comida, devido ao fato de que carregar os recipientes com alimento era uma atividade laboriosa.²²⁶

Em 1944 a sobrevivente descreveu que cada vez mais internas chegavam ao campo de concentração em Ravensbrück que passou por uma situação de superlotação, além de epidemias desenfreadas.²²⁷ Havia diversos fluxos de transportes vindos de Varsóvia dos variados bairros da cidade, além de metade dos trens com destino a Ravensbrück. Nesse período da fase final do esforço de guerra, a demanda por mão de obra foi extremamente elevada.²²⁸ Algumas mulheres não queriam trabalhar para a indústria alemã; por questões ideológicas, portanto, como estratégia de resistência às chefes de bloco deveriam evitar que os nomes das internas estivessem em listas de transporte. Para isso, elas realizaram diversos métodos para deixar as prisioneiras “doentes” a fim de que fossem encaminhadas à enfermaria, desse modo elas desenvolveram vários métodos para elevar a temperatura corporal das internas. A tarefa delas, no entanto, se tornava cada vez mais complexa devido à chegada de mais prisioneiras, com a evacuação de Varsóvia famílias inteiras, como mães, irmãs ou filhas foram deslocadas a Ravensbrück e se recusavam a ficar separadas.²²⁹

²²⁵ LANCKORONSKA, Karolina. *Michelangelo in Ravensbrück: One Woman's war against the nazis*. New York: Da Capo Press, 2007, p.348.

²²⁶ Ibidem, p.351.

²²⁷ Ibidem, p.359.

²²⁸ Ibidem, p.365.

²²⁹ Ibidem, p.366.

Os alemães enviaram prisioneiras ao campo, no momento em que se retiravam dos países ocupados, resultando em diversas mulheres provenientes da Europa em Ravensbrück, como francesas, belgas, holandesas, iugoslavas, italianas, polonesas e húngaras. Lanckorońska aponta que no campo um transporte chegou com 50 mulheres gregas e que não falavam outra língua.²³⁰ As condições se tornaram degradantes, com pilhas de cadáveres pelo campo, ausência de locais para dormir e espaço para as necessidades das prisioneiras.²³¹ Os bombardeios aéreos ocorriam constantemente, além do medo entre os próprios alemães que provocaram a ausência de disciplina no campo. No entanto, as condições das prisioneiras não havia melhorado, tendo uma grave escassez de alimentos e infestação de piolhos. Em razão disso, o estado de saúde das internas havia regredido, muitas estavam fracas e a contaminação por disenteria atingiu todo o campo.²³²

Como o número de mortes era elevado, as mulheres necessitavam buscar soluções para os corpos, assim os cadáveres tinham de ser despídos e o número tinha de ser escrito sob o peito com um lápis com tinta, e os restos mortais eram encaminhados para o necrotério. Lanckorońska expressa que na maioria das vezes lidava com os restos mortais das vítimas, para poupar as internas mais próximas da falecida.²³³

No início de fevereiro à primeiro de abril do ano de 1945, uma câmara de gás operou no campo de Ravensbrück. As chamas subiam pelo campo, provocando um cheiro forte de corpos e cabelos queimados. Nesse período, foram selecionadas mulheres gravemente doentes para serem encaminhadas à câmara de gás, por isso as demais internas iniciaram a esconder as doentes nos blocos a fim de evitar que pudessem. Lanckorońska aponta que foi uma grande mobilização no campo para proteger as mulheres da execução. ela relata que foi encarregada inclusive de produzir um relatório de mulheres com títulos hereditários para que não fossem gaseadas, assim ela escreveu o nome de diversas mulheres sem títulos de nobreza e atribuiu cargos elevados para evitar a morte. Apesar de nenhuma das mulheres presentes no relatório ter sido uma das vítimas, ainda assim, Lanckorońska lamentou que sete mil mulheres foram mortas nos fornos de gás.²³⁴

A obra autobiográfica de Karolina Lanckorońska, supera a concepção de um simples relato de sobrevivência. Porquanto, se consolida como registro memorial fornecendo uma

²³⁰ Ibidem, p.369.

²³¹ Ibidem, p.372.

²³² Ibidem, p.376.

²³³ Ibidem, p.379.

²³⁴ Ibidem, p.395.

reflexão específica acerca da essência da brutalidade e resistência. A análise de suas memórias, ambientada no campo de concentração de Ravensbrück expõe as particularidades da vivência feminina durante o regime nazista no Holocausto, caracterizada pela violência estrutural, horizontal e de gênero.

As vivências da sobrevivente ressaltam o sofrimento das vítimas do nazismo e a opressão abrangente que foi submetida às mesmas. O percurso de Lanckorońska, desde a luta humanitária na Polônia sob ocupação até a prisão em Ravensbrück destaca a opressão étnica e política enfrentada pelos poloneses. Entretanto, ao concentrar-se em sua experiência no campo feminino, o relato da autora é modificado para um elemento essencial para compreensão da violência de gênero.

O cotidiano de desumanização, a estrutura hierárquica interna de Ravensbrück, os testes cirúrgicos realizados nas “cobaias” evidenciam como o corpo das mulheres se tornou um foco de violência que buscava eliminar sua identidade e explorar cientificamente. A obra alcança notoriedade ao intercalar a narrativa factual de brutalidade com a resistência das sobreviventes e internas. A realização de palestras clandestinas demonstram os laços entre as internas no campo, assim como destacam a proclamação cultural e civilizatória em relação a brutalidade nazista. O desenvolvimento da arte, portanto, emerge como elemento político voltado para proteger a condição humana das vítimas.

Em síntese, a obra *Michelangelo in Ravensbrück* serve como crucial para a historiografia, promovendo a inclusão do testemunho individual e da categoria de gênero na interpretação dos crimes nazistas durante o Holocausto. A narrativa de Lanckorońska serve como evidência de que a sobrevivência das vítimas de Ravensbrück esteve atrelada à preservação da memória, cultura e essência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo de concentração de Ravensbrück foi considerado o maior campo do regime nazista construído especificamente para abrigar mulheres, em seu interior as mulheres estiveram submetidas a diversas formas de violência e sofrimento, dentre estas destaca-se a violência sexual e de gênero. Recebendo em torno de 132 mil mulheres em seus seis anos de funcionamento, as internas possuíam categorias distintas, porquanto, eram provenientes dos países europeus ocupados pelo regime nazista. As evidências de sua história e os crimes perpetrados no local estiveram marginalizados e foram motivo de esquecimento devido a ausência de registros.

Ater-se a memória das vítimas de campos de concentração e as experiências em seu interior, elucida as nuances e dimensões dos crimes cometidos pelo regime nazista, assim como possibilita avaliar como diferentes políticas foram apropriadas a cada uma das vítimas do nazismo. Portanto, a pesquisa buscou evidenciar sobretudo as vítimas femininas, atendo-se às condições e às formas de violência às quais as mulheres estavam submetidas em Ravensbrück. A perspectiva das mulheres sobre o Holocausto é fundamental para compreender os aparatos de gênero e as formas de sobrevivência e resistência utilizadas pelas mulheres enquanto internas nos campos de concentração.

A análise das autobiografias de mulheres sobreviventes de Ravensbrück e o estudo das experiências promovidas por suas narrativas pessoais, sendo estas as obras *The blessed abyss* de Maria Ferdinanda Herbermann, *And I am afraid of my dreams* da sobrevivente Wanda Wiktorja Poltawska e *Michelangelo in Ravensbrück: One Woman's war against the Nazis*, de de Karolina Lanckorońska demonstram que o campo de concentração de Ravensbrück consistiu em um local de aprisionamento para as vítimas mulheres, no entanto pode ser referido como um ambiente de desumanização gerenciado de forma específica para perpetuar violências destinadas ao corpo feminino.

Ao decorrer da dissertação, foi evidente que as formas de violência, instrumentos articulados pelo regime nazista e direcionado às mulheres, apresentavam características específicas que atingiram a saúde física e a identidade das internas em relação ao seu gênero. A categoria de gênero, assim, se mostrou fundamental para compreender o absoluto sofrimento dos campos

de concentração, demonstrando como o corpo feminino pode ser convertido em um objeto designado à exploração emocional e física das vítimas.

As autobiografias fornecem elementos necessários para confrontar o apagamento histórico sofrido pelas vítimas de violência sexual e de gênero. Através de seus testemunhos, as sobreviventes reconstruíram a própria identidade. A reflexão sobre si mesma nesses escritos, não é somente um registro histórico, mas um ato político ao narrar o que foi considerado indizível. A análise dessas obras contribuiu para inserir a perspectiva de gênero nos estudos dos crimes nazistas, demonstrando como a violência em Ravensbrück foi exercida de modo sistemático para subjugar mulheres.

A contribuição das narrativas das sobreviventes, auxiliaram a reconstruir a história do campo de concentração de Ravensbrück, a partir das situações evidenciadas ao decorrer de seu aprisionamento. As três sobreviventes, discursaram sobre as violências e sofrimentos que abrangeram a si próprias, como no caso de Wanda Wiktoria Poltawska vítima dos experimentos médicos, e semelhantemente, às outras internas como nas obras de Karolina e Maria Ferdinanda Herbermann que evidenciaram os experimentos médicos e a prostituição forçada. Ilustrando a completa desumanização feminina, inseridas em uma hierarquia estrutural e rígida no campo que submetia às mulheres a perda de sua identidade e exploração de seus corpos.

Conforme argumenta Sarah Helm, a história de Ravensbrück deve ser reconhecida para além da historiografia dos estudos sobre o holocausto. Atendo-se às especificidades do campo de concentração de Ravensbrück. Como único campo de concentração designado para vítimas mulheres, é fundamental realizar estudos sobre as vítimas e sobreviventes desse campo, promovendo um resgate às memórias e as formas de opressão, destacando especificamente a violência sexual e de gênero sofrida por essas mulheres.

FONTES

HERBERMANN, Nanda. *The Blessed Abyss: Inmate# 6582 in Ravensbrück Concentration Camp for Women*. Wayne State University Press, 2000.

LANCKORONSKA, Karolina. *Michelangelo in Ravensbrück: One Woman's war against the nazis*. New York: Da Capo Press, 2007.

POLTAWSKA, Wanda. *And I am afraid of my dreams*. New York: Hippocrene Books, 1989.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAL, Felipe Cittolin. *Altas cortes e criminosos nazistas: o processo decisório em uma análise histórico-jurídica*. Rio de Janeiro: Gramma, 2018

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer, III)*. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

AGASSI, Judith Buber. *Jewish Women Prisoners of Ravensbruck: Who were They?* England: Oneworld Publications, 2007.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *A guerra não tem rosto de mulher*. Tradução de Cecília Rosas. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: Um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BAER, Elizabeth R.; GOLDENBERG, Myrna. *Experience and expression: women, the Shoah, and Holocaust ritual*. Detroit: Wayne State University Press, 2003.

BARTOV, Omer. *The Holocaust: Origins, Implementation, Aftermath*. London: Routledge, 2000.

BAUER, Yehuda. *Rethinking the Holocaust*. New Haven and London: Yale University Press, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1998.

BAUMEL-SCHWARTZ, Judith Tydor. Gender and Family Studies of the Holocaust: the development of a historical discipline. In: HERTZOG, Esther. *Life, Death and Sacrifice: women and family in the Holocaust*. Jerusalem: Gefen Publishing House, 2008.

BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: A experiência vivida, vol. 2, 3º ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEEVOR, Antony. *A Segunda Guerra Mundial*. Tradução de Gabriel de Oliveira Ramos. Rio de Janeiro: Record, 2015.

- BERG, Mary. *O diário de Mary Berg*: memórias do gueto de Varsóvia. Barueri: Amariyls, 2010.
- Bordieu, Pierre. *A dominação masculina*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Ed. UNESP, 1997.
- BURKE, Peter. *A história como memória social: O mundo como Teatro*. Lisboa: Difel, 1992.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 22ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2022.
- CHAMON, Karla de Almeida. *Auschwitz: cada dia um dia mais*. Belo Horizonte: Edição da Autora, 2021.
- CHANES, Jerome A. *Antisemitism: A Reference Handbook*. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2004.
- CORREIA, Amanda Pires. *Vidas Silenciadas: Determinações de gênero em processos genocidários a partir do encontro dos genocides studies com os enfoques feministas na Teoria das Relações Internacionais*. São Paulo: UNIFESP, 2021.
- CYTRYNOWICZ, Roney. *Memória da Barbárie: a história do genocídio dos judeus na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Nova Stella: Editora da Universidade de São Paulo, 1990.
- DANZINGER, Leila. Shoah ou Holocausto: a aporia dos nomes. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, v. 1, n. 1, p. 50-58, 2007.
- EAGLETON, Terry. *Literary Theory: An Introduction*. Oxford: Blackwell, 1983.
- EARL, Hilary; SCHLEUNES, Karl A. *Lessons and legacies XI: expanding perspectives on the Holocaust in a changing world*. Illinois: Northwestern University Press, 2014.
- ELMAN, R. Amy. Gender violence. *The Oxford university handbook of gender and politics*. Oxford University Press, 2013, p. 236-258.
- EVANS, Richard J. *Terceiro Reich na história e na memória*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- FRANK, Anne. *O diário de Anne Frank*. 71. ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- FREIRE, Diego José Fernandes. O (des) encontro entre História e memória. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, v. 9, n. 21, 2016.
- FRIEDLÄNDER, Saul. *A Alemanha nazista e os judeus: Os Anos da Perseguição 1933-1939*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- GOLDENBERG, Myrna; SHAPIRO, Amy H. *Different horrors, same hell: gender and the Holocaust*. Seattle: University of Washington Press, 2013.

- GOLDHAGEN, Daniel Jonah. *Os carrascos voluntários de Hitler: o povo alemão e o holocausto*. Tradução de Luís Sérgio Roizman. 2. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HEDGEPEETH, Sonja M.; SAIDEL, Rochelle G. *Sexual Violence against Jewish Women during the Holocaust*. Waltham: Brandeis University Press, 2010.
- HELM, Sarah. *Ravensbrück: a história do campo de concentração nazista para mulheres*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.
- HERZOG, Dagmar. *Lessons and legacies VII: the Holocaust in international perspective*. Evanston: Northwestern University Press, 2006.
- HESS, Natalie. *Remembering Ravensbrück: from Holocaust to healing*. Boca Raton, FL: Amsterdam Publishers, 2020.
- HILBERG, Raul. *A destruição dos judeus europeus*. São Paulo: Amarelis, 2016.
- HILBERG, Raul. *Perpetrators victims bystanders: the Jewish catastrophe*. New York: Collins Publishers, Inc, 1992.
- HOBBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. Tradução de Marcos Santarrita. 2. edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HUYSEN, Andreas. *Seduzidos pela memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- HYDER, Evelyn Ann. *Women in the Holocaust: The Memoirs of Ruth Kluger, Cordelia Edvardson, and Judith Magyar Isaacson*. VDM Verlag, 2009.
- JELINEK, Estelle C. *Women's autobiography: essays in criticism*. Bloomington: Indiana University Press, 1980.
- KREMER, S. Lillian. *Women's Holocaust writing: memory and imagination*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1999.
- LAMOUREUX, Ashley Ruth. *"The Women's Hell": Distinctions Between Forms of Sexual Violence at the Ravensbrück Concentration Camp, the Liberalization of Sexuality in the Weimar Republic, and the Exploitation of Sexuality in the Third Reich*. College of Arts and Sciences, Liberty University, Lynchburg, 2022.
- LE GOFF, Jacques. A História Nova. In: LE GOFF, Jacques. A história nova. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- LENHARO, Alcir. *Nazismo: o triunfo da vontade*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1998.
- LEVI, Primo. *É isto um homem*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.
- LEVI, Primo. *Os afogados e os sobreviventes*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2004.

- LORIGA, Sabina. "A biografia como problema". In: REVEL, Jacques. *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- MARTINS, Ana Paula Antunes. O sujeito “nas ondas” do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. *Revista Café com Sociologia*. Vol.4, Nº 1, 2015.
- MATZENBACHER, Luiz Antonio. *Os Campos: Campos de concentração Brasil e mundo*. Rio de Janeiro: Autografia, 2021.
- MORRISON, Jack G. *Ravensbruck: everyday life in a women's concentration camp, 1939-45*. Princeton: Markus Wiener Publishers, 2000.
- NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Mulheres vítimas de violência doméstica: compreendendo subjetividades assujeitadas. *Psico*, v. 37, n. 1, p. 8, 2006.
- NASCIMENTO, Lyslei. Memórias e testemunhos: a Shoah e o dever da memória. *IPOTESI–Revista de estudos literários*, v. 11, n. 2, p. 89-103, 2007.
- OFER, Dalia; WEITZMAN, Lenore J. *Women in the Holocaust*. New Haven: Yale University Press, 1998.
- PAIXÃO, Cristiano; FRISSE, Giovanna Maria. Usos da memória: as experiências do holocausto e da ditadura no Brasil. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, p. 191-212, 2016.
- PALMOWSKI, Jan. *Diccionario de historia universal del siglo XX*. Madrid: Akal, 1998.
- PERRE, Selma Van de. *Meu nome é Selma: A extraordinária biografia de uma combatente da resistência judaica holandesa e sobrevivente do campo de concentração de Ravensbrück*. São Paulo: Editora Seoman, 2022.
- PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da História*. São Paulo: EDUSC, 2005
- PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, ago./set. 1989.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Revista estudos históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- RANDALL, Amy. E. *GENOCIDE AND GENDER IN THE TWENTIETH CENTURY: a comparative survey*. 2. ed. Bloomsbury, 2021.
- REES, Laurence. *O Holocausto: uma nova história*. São Paulo: Vestígio, 2018.
- RINGELHEIM, Joan. The Split between Gender and the Holocaust. In: OFER, Dalia. *Women in the Holocaust*. New Haven and London: Yale University Press, 1998.
- RITTNER, Carol; ROTH John K. *Different Voices: Women and Holocaust*. New York: Paragon, 1993.
- RUBIN, Gayle. *O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*. Recife: SOS Corpo, 1993.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *Gênero, patriarcado, violência*. 2 ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAIDEL, Rochelle G. *As judias do campo de concentração de Ravensbrück*. São Paulo: Edusp, 2009.

SCHIKORRA, Christl. Forced Prostitution in the Nazi Concentration Camps. In: HERZOG, Dagmar. *Lessons and Legacies Volume VII: The Holocaust in International Perspective*. Evanston, IL: Northwestern University Press, 2006, 169-178.

SCHILLING, Voltaire. *Holocausto: das origens do povo judeu ao genocídio nazista*. Porto Alegre: Age Editora, 2016.

Scott, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 15, n. 2, p.71-97, jul./dez., 1995.

SCOTT, Parry, Fluxos migratórios femininos, desigualdades, autonomização e violência, gênero. In: Arend, Silvia M. F., Rial, Carmen S. d. M., e Pedro, Joana M. (Org.). *Diásporas, mobilidades e migrações*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2011. p. 47-66.

SIEMENS, Daniel. National Socialism. In: ROSSOL, Nadine; ZIEMANN, Benjamin (ed.). *The Oxford handbook of the Weimar Republic*. Oxford: Oxford University Press, 2022. p. 382-403.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da História das mulheres e das relações de Gênero. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v.27, Nº54, 2007.

SOIHET, Rachel. História, Mulheres, Gênero: Contribuições para um Debate In: AGUIAR, Neuma (org.) *Gênero e Ciências Humanas - desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

SOIHET, Rachel. *Mulheres e biografia*. Significados para a História. Locus: Revista de História, v. 9, n. 1, 2003.

SPITZ, Vivien. *Doctors from Hell: the horrific account of Nazi experiments on humans*. 1. ed. Boulder: Sentient Publications, 2005.

STANTON, Domna C. "Autogynography: is the subject different?" In: WATSON, Julia & SMITH, Sidonie (eds). *Women, autobiography, theory: a reader*. Wisconsin: The University of Wisconsin Press, 1998, p. 131-144.

STOLLER, Robert J. *Sex and gender*. New York: Science House, 1968.

THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Organização de Antonio Luigi Negro e Sergio Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

WAXMAN, Zoë Vania. *Writing the Holocaust: Identity, testimony, representation*. New York: Oxford University Press, 2006.

WEINDLING, Paul. *Victims and Survivors of Nazi Human Experiments: Science and Suffering in the Holocaust*. 1. ed. London: Bloomsbury Academic, 2015.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

YOUNG, James E. Regarding the pain of women: questions of gender and the arts of Holocaust memory. *PMLA*, v. 124, n. 5, p. 1778-1786, out. 2009.

ZINN-COLLIS, Zoltan; O'SHEA, Alisia. *Final witness: my journey from the Holocaust to Ireland*. Dublin: Maverick House, 2006.